1. INTRODUÇÃO

Neste estudo são apresentadas e analisadas narrativas orais de experiência pessoal de seringueiros, ferroviários e garimpeiros, importantes segmentos da sociedade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia. Os relatos são analisados sob dois principais sentidos, o de testemunharem alguns eventos fundamentais para a constituição sociocultural dessa região e o de poderem ser tomados como representativos das culturas de seus informantes.

A formação do espaço e da cultura de Porto Velho tem ocorrido especialmente por meio de ciclos econômicos desencadeadores de fluxos migratórios na região. Dentre os eventos aos quais os relatos aqui apresentados se reportam, alguns estão estreitamente ligados a essas migrações, e os seringueiros, ferroviários e garimpeiros são segmentos da sociedade portovelhense que estão intimamente relacionados à história desses ciclos e à configuração do perfil sociocultural global da região.

A pesquisa que fundamenta esta exposição origina-se de uma interrogação norteadora: como se expressam e se manifestam as influências das culturas dos seringueiros, ferroviários e garimpeiros no aspecto geral da cultura portovelhense?

Levando-se em conta que uma cultura pode ser vista como um "[...] sistema de símbolos e significados que compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento" (LARAIA, 2000, p. 62), cada um desses segmentos sociais destacados podem ser reconhecidos como uma cultura, uma vez que contêm seus símbolos e significados próprios que desencadeiam determinados modos de comportamentos peculiares, baseados em específicas visões de mundo.

Essa questão norteadora, no entanto, pode induzir a observações de abrangências muito amplas. Ela abre espaço a macro estudos com os quais se poderia tentar perceber como uma população inteira poderia corresponder a certas classificações, isso demandaria capacidades que ultrapassam as possibilidades desta pesquisa, pois não parece ser possível realizar um trabalho de tal dimensão sem que seja efetuado por muitas mãos e com tempo suficiente para aplicação de formas diversas de pesquisas. Além das dificuldades operacionais de um estudo dessa grandeza, pesquisar sobre as características do perfil sociocultural de Porto Velho e sobre as formas de influências de cada uma dessas culturas em sua composição geral, mostra-se um

trabalho de grande complexidade devido também ao perfil multicultural dessa sociedade, originada por fluxos migratórios diversos em que, além dessas, muitos outros tipos de culturas exercem influências.

É importante ressaltar que a multiculturalidade rondoniense (FEITOZA, 2012, P. 25) não facilita a percepção de distinções entre as culturas participantes do perfil sociocultural da região, ao contrário, torna esse esforço mais complexo, porque se devem separar aspectos muitas vezes já tão amalgamados que se tornam quase que indistintos. Também os processos atuais de transformações culturais impulsionados por novas mídias de comunicação e pelos avanços da globalização, que atuam miscigenando as culturas até uma escala mundial, dificultam ainda mais observações dessa natureza. Assim, diante de tais dificuldades, o que se procura propor aqui é uma contribuição no sentido de apontar possibilidades de se conhecer alguns aspectos dessa multiculturalidade portovelhense, e é isso que este estudo quer demonstrar, como determinadas características da constituição cultural dessa região amazônica pode ser evidenciada através de narrativas orais de experiência pessoal.

Considera-se neste estudo que a pesquisa sobre como os segmentos sociais de seringueiros, ferroviários e garimpeiros cooperam para a formação sociocultural dos portovelhenses, e também como eles se expressam e se manifestam na configuração geral desse grupo social, seja um esforço justificável e relevante, visto não haver ainda muitos estudos sobre esse tema. Além disso, pensa-se também que o estudo seja importante em vista da oportunidade dos tempos, pois coincide com novos processos de transformações culturais, devidos ao surgimento de um novo ciclo econômico e migratório que se instala na cidade com a recente construção das Usinas do Madeira[1]. E, ainda, outro fator destacável como justificativa para a importância deste estudo pode ser apontada com o fato de que ele pode proporcionar uma observação sobre a composição sociocultural portovelhense tendo como *corpus* de análise narrativas orais de experiências pessoais, colhidas diretamente de informantes que viveram acontecimentos fundamentais para a formação da cidade e de seu perfil sociocultural. Esse tipo de estudo proporciona um mergulho profundo não apenas em dados informativos sobre a história, mas nos significados construídos socialmente acerca do valor e da importância dos acontecimentos para a construção de uma identidade portovelhense.

[1] Usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, chamadas genericamente de Usinas do Madeira.

Assim, constitui-se objeto deste estudo o perfil sociocultural dos portovelhenses e o objetivo geral a verificação de aspectos que possam ser apontados na composição sociocultural de Porto Velho como resultantes das influências de suas relações com as culturas de seringueiros, ferroviários e garimpeiros.

A pesquisa de tal objeto, entretanto, pode ser vista como um trabalho permeado de condições problemáticas. Nesse sentido, podem ser destacadas algumas dificuldades pontuais, tais como as dificuldades de acesso e de formas de observação dessas culturas, a escolha entre teorias que possam realmente possibilitar tal estudo e de métodos de apreensão de elementos verificáveis, entre outras dificuldades que se poderia apontar.

Para a tomada de posição quanto à forma de observação do objeto, tornou-se fundamental a percepção de que o estudo com narrativas pode propiciar caminhos de acesso à compreensão de como as culturas se tornam manifestas por meio de relatos informais, com os quais as pessoas expressam de maneira bastante natural suas experiências, conhecimentos e visões de mundo. Outro passo importante para o avanço deste trabalho foi reconhecer nas proposições de Bruner (1991), a cerca das características das narrativas e da construção da realidade por meio dos pensamentos argumentativo e narrativo (BRUNER, 2002, p. 39-88) um caminho sólido, pelo qual se poderia andar.

De acordo com esse teórico, há dois tipos de pensamentos com os quais a humanidade constrói suas realidades, o pensamento argumentativo e o pensamento narrativo. Com o primeiro tipo, busca-se conhecer o mundo e seus fenômenos por meio de esforços lógico-racionais, buscando aproximar-se da “verdade” das coisas. Com o segundo tipo de pensamento, o narrativo, a humanidade procura constituir relações de verossimilhanças com o estabelecimento de modelos de comportamentos. Para o autor, a narrativa organiza a experiência, produz significado para os acontecimentos e fundamenta o senso comum. Dessa forma, o estudo com narrativas podem propiciar meios de acesso às culturas, ao se detectar as formas de significados que os grupos sociais apresentam para os problemas de desvio de normas consensualmente definidas (BRUNER, 2002, p. 49).

A principal base teórica dessa exposição, portanto, é retirada da visão de Bruner (2002) sobre a construção da realidade humana por meio do pensamento argumentativo e do pensamento narrativo. Os dois tipos de pensamentos são modos de funcionamento cognitivo, sendo que cada um deles fornece maneiras de ordenamento de experiências e

de construção da realidade, e “Esforços para reduzir um modo ao outro ou para ignorar um às custas do outro inevitavelmente deixam de captar a rica diversidade do pensamento” (BRUNER, 2002, p. 12).

É interessante perceber formas pelas quais o pensamento argumentativo e o pensamento narrativo podem atuar no processo de formação de culturas e de compreensões sobre elas. Em suas proposições sobre o orientalismo, Said (1990, p. 15) afirma que o Ocidente erigiu uma representação do Oriente que acabou por ser assumida tanto pelo imaginário popular como pelo pensamento científico. Segundo essa visão, o orientalismo é um discurso por meio do qual se manifesta uma imagem, quase sempre fantasiosa, capaz de dar existência a um tipo de realidade, isso é chamado pelo autor de a “invenção do Oriente”.

> A minha alegação é que, sem examinar o orientalismo como um discurso, não se pode entender a disciplina enormemente sistemática por meio da qual a cultura europeia conseguiu administrar – e até produzir – o Oriente política, sociológica, ideológica, científica e imaginativamente durante o período pós-iluminismo (SAID, 1990, p. 15).

Fanon (1968) também argumenta sobre conceitos forjados que passaram a ser assumidos como realidade. A imagem que o Ocidente produziu e projetou sobre a África fez brotar o conceito da necessidade de tutela e comando do estrangeiro como algo benéfico, pois a presença do colonizador deveria ser vista como uma força capaz de frear a barbárie e animalização peculiares aos instintos dos africanos.

> Quando refletimos nos esforços empregados para provocar a alienação cultural tão característica da época colonial, compreendemos que nada foi feito ao acaso e que o resultado global pretendido pelo domínio colonial era convencer os indígenas de que o colonialismo devia arrancá-los das trevas. O resultado, conscientemente procurado pelo colonialismo, era meter na cabeça dos indígenas que a partida do colono significaria para eles o retorno à barbárie, ao aviltamento, à animalização. No plano do inconsciente, o colonialismo não pretendia ser visto pelo indígena como uma mãe doce e bondosa que protege o filho contra um ambiente hostil, mas sob a forma de uma mãe que a todo o momento impede um filho fundamentalmente perverso de se suicidar, de dar livre curso a seus instintos maléficos. A mãe colonial defende o filho contra ele mesmo, contra seu ego, contra sua fisiologia, sua biologia, sua infelicidade ontologia (FANON, 1968, p. 175).

Também sobre a Amazônia e suas culturas, observa-se que os discursos advindos com a colonização europeia forjaram uma imagem, construíram conceitos e

erigiram uma configuração que foi sendo assimilada popularmente. Gondim (1994, p. 9) denomina esse processo como "a invenção da Amazônia", e sobre esse tema muito se tem argumentado atualmente[2].

Mas, além das teorias de Bruner (2002) sobre os dois tipos de pensamentos, também a contribuição de autores como Labov (1997, p. 1-18), que oferece uma metodologia para análise de narrativas orais de experiência pessoal é apreciada neste estudo. Contudo, sua contribuição restringe-se à oferta de algumas visões sobre as formas como as narrativas se estruturam e também sobre algumas noções mais técnicas para esse tipo de estudo. Com Bellei (2000, p. 95-120), obtêm-se noções importantes sobre práticas culturais de mediação perante relações de desequilíbrios de poder e de proposições acerca de análises em que se requer aprofundar questões que o autor denomina de inconscientes textuais, que envolvem desejos culturais inconscientes, tais como confirmar a superioridade de uma cultura em relação à outra, ou o desejo de copia das culturas centrais, que muitas vezes pode ser observado em práticas culturais brasileiras (BELLEI, 2000, p. 112).

Destacar a importância do pensamento narrativo na construção da realidade cultural dessa importante região da Amazônia brasileira, assim como a tentativa de demonstrar as influências das culturas de seringueiros, ferroviários e garimpeiros no processo de construção cultural de Porto Velho são os objetivos relevantes neste estudo. A questão norteadora da pesquisa, no entanto, conduz, inerentemente, também a outros objetivos, tais como contribuir com um maior aclaramento sobre particularidades da formação do perfil sociocultural do povo portovelhense, e, também, procurar colaborar com os estudos sobre as narrativas orais de experiência pessoal como elementos que potencializam conhecimentos sobre a formação de uma cultura.

As narrativas orais implicadas com a cultura da região oferecem formas de resgate de elementos concernentes à memória coletiva dos portovelhenses, de forma que colher e analisar tais narrativas pode proporcionar uma visão comparativa com os documentos e monumentos[3] que registram os traços de identidade social desse grupo específico.

---

[2] Alguns exemplos se podem ver com autores como Souza (2009), em A Invenção da Amazônia, Bueno (sem data), em Interdiscurso e Representações na Amazônia, Araújo *et alli* (2009), em A Invenção do Discurso Verde na Amazônia, entre muitos outros.

Conforme se percebeu na pesquisa, para um estudo como este, necessita-se delimitar bem certos conceitos básicos, tais como o que é cultura? Como ela se manifesta por meio das narrativas? E muitos outros mais. A definição dos termos só é possível mediante um caminho teórico que possibilite sua aceitação, pois os conceitos podem variar bastante segundo pontos de vista diferentes. Além disso, a escolha de uma teoria também depende bastante de que se possa encontrar um método que se mostre adequado ao conjunto daquilo que se dispõe estudar. Com vistas a essas coisas, percebeu-se que as teorias brunerianas, apesar da consistência que possuem, não apresentam, contudo, um método, pois o autor aponta conceitos com os quais se podem definir e compreender questões profundas sobre o significado produzido pelas elaborações do pensamento narrativo em suas formas de fundamentar o senso comum, mas não apresenta uma metodologia de trabalhos com a qual seja possível obter resultados práticos de análises com narrativas.

Portanto, mediante a ausência de um método, procurou-se adotar a seguinte forma metodológica, diversas entrevistas foram realizadas com pessoas ligadas de alguma forma aos segmentos sociais supracitados. Entre as entrevistas, foram selecionadas oito que figuram como *corpus* de análise deste estudo. Nas entrevistas, procurou-se intervir minimamente. Algumas perguntas foram feitas aos informantes, tais como: “O senhor é daqui mesmo de Porto Velho?” “Como foi sua vinda para cá?” “Em que ano aconteceu isso?” e outras questões rudimentares assim.

Também se procurou na transcrição apresentá-las de forma mais ou menos próxima à fala dos informantes. Outro critério adotado foi não realizar cortes, por isso, as narrativas são longas, muitas vezes, percebem-se muitas digressões, observações argumentativas sobre assuntos variados, apresentação de pequenos episódios que não se afinam com os propósitos da história principal, enfim, apesar dessas coisas dificultarem bastante os trabalhos de análise, optou-se por tentar manter os relatos quase que em condição *in natura.*

Após a transcrição, passou-se a submeter as histórias à apreciação das dez características descritas por Bruner (1991) como elementos constitutivos das narrativas. A fim de não tornar exaustiva a apreciação uma a uma das dez características, adotou-se o modelo apresentado por Ferreira Netto (2008, p. 53), que as divide numa espécie de categorias, as de nível baixo, em que constam particularidades, referencialidade,

genericidade, sensibilidade ao contexto e negociabilidade e acréscimo narrativo; as de nível alto, compostas por diacronicidade narrativa, vínculos de estados emocionais, composicionalidade hermenêutica, canonicidade e violação e normatividade. Por meio dessas características é que, fundamentalmente, procedeu-se à análise dos *corpus.* [4]

Outra forma utilizada como método de pesquisa trata-se de uma espécie de revisão bibliográfica sobre alguns autores conhecidos na região de Porto Velho que apresentam versões sobre a história da cidade. Procurou-se perceber por meio de suas proposições sobre a história, alguns pontos divergentes que pudessem ser comparados com os relatos dos informantes, como é o caso entre Lima (2009) e Ferreira que apresentam visões diferentes para a forma de relacionamentos entre os norte-americanos que atuaram nos princípios da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e da fundação da cidade de Porto Velho, por exemplo. A forma de exposição desses autores sobre esse ponto serviu como meio de percepção sobre como um dos informantes se posiciona sobre esse assunto. Contudo, a intenção com esses autores não é a de apresentar as informações registradas em livros como meios de se definir exatamente as formas corretas de compreensão sobre a história, mas a de comparar, algumas vezes, a visão dos pensamentos argumentativo e narrativo sobre questões pertinentes a certos eventos, noutras vezes, a intenção é a de recorrer a essas versões como forma de dar mais substância a certas informações sobre alguns elementos históricos apresentados nas narrativas, mas, sobretudo, o que se procura compreender com os eventos históricos informados são as formas de construção coletiva do significado pelo pensamento narrativo, de forma que para esse fim, as versões da história produzidas de acordo com o pensamento argumentativo pouco podem contribuir.

Não se presume aqui poder dar conta de demonstrar determinantemente como as culturas ligadas aos segmentos sociais dos seringueiros, ferroviários e garimpeiros atuam, expressam-se e manifestam-se na cultura geral de Porto Velho. Essa dificuldade pode ser ligada ao que afirma Labov (1997) sobre as dificuldades que os estudos com narrativas apresentam naturalmente:

> A discussão da narrativa e de outros eventos da fala no nível do discurso muito raramente permitem-nos provar alguma coisa. É um estudo essencialmente hermenêutico, em que a associação contínua com o discurso, tal como ele foi mostrado, alcança a perspectiva do falante e de seu ouvinte,

[4] Adiante, apresenta-se com maior clareza a relação entre a proposição de Ferreira Netto (2008, p. 53) para as características apontadas por Bruner (1991, p. 5-19).

> dando curso à transferência da informação e da experiência de uma maneira que aprofunda nossa própria compreensão do que são aproximadamente a linguagem e a vida social (LABOV, 1997, p. 1).

Contudo, mesmo levando em conta o que apresenta esse estudioso das narrativas, para os efeitos desejados neste estudo, acreditou-se que a importância do trabalho está mais em oferecer um primeiro passo nessa direção, uma vez que para este estudo parece não haver par, apesar do grande volume de pesquisas sobre elementos ligados às culturas da Amazônia que têm sido produzidas no universo acadêmico. Nos quadrantes mesmo da grande região amazônica muitos estudos proeminentes têm sido revelados sobre as realidades das culturas nela existentes, porém, além de outras formas possíveis de contribuição que este estudo possa oferecer, pensa-se que uma especial contribuição possa ser a de cooperar com a maior projeção dos estudos brunerianos sobre o pensamento narrativo e suas maneiras de atuar na formação e desenvolvimento de culturas.

A divisão estrutural desta dissertação apresenta um perfil muito modesto, contudo, objetivo. Parte-se diretamente da apresentação dos *córpus* para sua análise. Em meio à análise são demonstradas as fundamentações teóricas pelas quais se procura apresentar proposições, inferências e compreensões do estudo procedido. Ao final, são apresentadas as considerações finais que registram as formas de entendimentos levantados por meio da pesquisa e dos resultados alcançados.

2. *CORPUS* PARA ANÁLISE

2.1 Informante A

Saí de casa, em Parnaíba, com duzentos companheiros, tudo solteiros, no dia 03 de março de 1943. Fui completar os 20 anos na capital de meu estado, em Teresina. Daí fui pra Sobral, nos carros da SEMTA, que foi as três companhias que fez o transporte desse povo, de 55 mil que vieram pra Amazônia. Foi SEMTA, SAVA E CAETA, as três companhias que conduziram esse povo à Amazônia. Então, lá me alistei na S25, de Sobral. O meu número na companhia já foi alterado. Já foi 11035. Então, de lá voltamos ao Piauí, nos carro da SEMTA, e daí pegamos o trem pra São Luis do Maranhão. De lá, pegamos o navio pra Belém, no Tatuí, pra Belém do Pará, na hospedaria de Itapanã, no Pará. De Itapanã pegamos o navio pra Manaus. Um navio americano, S*tate.* E... E em outubro de quarenta e três, fomos quarenta e oito companheiros para o seringal, num afluente do Rio Negro, chamado Caurés. Fomos quarenta e oito companheiros, desses quarenta e oito, voltamos dezoito à Manaus. Trabalhei nesses seringais do amazonas durante o tempo da Guerra. Eu... Eu fui um dos caras que quando cheguei ao barracão o companheiro me abandonou lá na colocação. Com uma semana que eu estava lá sozinho chegou os dois irmãos, que era o mateiro e o fiscal do seringal. Eu estava na beira do igarapé quando escutei aqueles gritos, longe: "Bom dia, brabo, ei brabo."[5] Quando me viram: "Tá ali ele. Ó, inda num morreu, não. Ó, nós viemos te buscar". Daí pra ir da colocação pras margem é uma hora. Daí eu falei "Ó, rapaz, eu num aguento andar não". "Nós te carregamos". E assim foi, essa hora eles carregavam na cadeirinha, quando cansava arriava e eu andava um pedacinho. Foi assim, até chegar lá. Olha, a gente, naquela época, a gente ia... Eu, por exemplo, tinha vontade de conhecer a capital do meu estado, Teresina. Aí houve um alistamento de duzentos solteiros. Foi quando eu entrei naquela época. Aí, quando foi oito horas da noite, a gente tudo lá, parado. Aí eu falei: "escuta aqui, rapaz, vocês tão vendo a gente aqui... O que que há? Tamos preso aqui? Num tem direito de ver a família?" " Não! Vocês tão recrutado aqui na capital, então não tem mais livre não" "Tem sim. O que é isso? Eu sou um brasileiro. Sou livre. Eu me alistei de espontânea vontade, então, quero vê minha família". "Não! Não tem jeito não" "Então, tira meu nome desta porra e pronto". "Não, que é isso? Tu tem calma..." E tal... "Me dá minha permissão então pra eu vê minha família". "Então, você escolhe aí dois companheiros e pode ir, mas nas condições de nove horas tarem aqui". "Não". Eu disse. "Tudo bem". Cheguei em casa, a casa cheia, rapaz. A família toda reunida. Parentes, mãe. Pai e mãe tudo chorando. "Que isso gente? Não tem que tá chorando só que eu me alistei". "Não meu filho, mas você volte". "Volto". E assim, essa volta nunca teve não. Nunca voltei. Hoje, completei 89 anos, remexi os seringais por aí. Cortei seringa, fui gerente, fui escriturário nos seringais. Mas com a borracha mesmo eu comecei em quarenta e três e cortei

[5] Chama-se "brabo" o trabalhador iniciante e inexperiente. O mesmo termo, com o mesmo sentido, também passou a ser utilizado nos garimpos de ouro do rio Madeira.

39	seringa nove anos. Cortei seringa em diversos cantos. Eu vim pro seringal porque
40	eles contavam que era uma maravilha, no entanto, nós só encontramos dissabor na
41	vida. O último seringal que eu trabalhei, foi em quarenta e nove, aí, justamente,
42	em cinquenta, embarcamos pro Aquirí[6]. Eu, o Vicente, o Zé Pereira e o Zé
43	Moreno. Aí descemos lá no seringal do Pereira Sobrinho. Descemos lá na boca do
44	Ituxí, de canoa, três dias. Lá eu ainda fiquei um tempo, mas aí já não era mais só
45	com seringal que a gente mexia.
46	

2.2 Informante B

01	Eu saí de Quixadá, do Ceará, em quarenta e três, né. Saímos do Ceará no dia 22 de
02	janeiro de 1943 e chegamos no Amazonas em 24 de junho de quarenta e três. Mas
03	porque tinha os pontos de chegada. De cada lugar que saía chegava num porto.
04	Ficava um mês, um mês e meio, quinze dias, vinte dias. Quando continuava a
05	viagem. Ó, foi assim, a pois, quando Getúlio Vargas convocou o nordestino pra
06	vim pro Amazonas, foi pra cortar seringa. Então eles formaram uma carteira. Eu
07	tenho essa carteira com as leis todas de proteção a esse pessoal. A lei, por
08	exemplo... A lei 1.262 era a lei que incorporava o Soldado da Borracha como
09	militar. A 12.612, a 4.441, tudo era as leis que incorporavam os Soldados da
10	Borracha como militar. Eu tenho essa carteira. Então, a gente veio pra cá. Eu vim
11	com 12 anos pra cá. Doze anos e já vim pro seringal cortar seringa. Cortei seringa
12	32 anos. Aí, eu não aprendi muita coisa. Fiquei meio burrão, porque quando eu saí
13	do Ceará, eu... Eu saí com terceiro ano primário e cheguei no Amazonas com esse
14	terceiro ano, e até hoje estou com esse terceiro ano primário. Nunca mais estudei
15	em escola, assim, eu nunca mais fui pra escola. O primeiro seringal que nós
16	viemos... O primeiro seringal de São Pedro, no Alto do Acre. Ficamos lá dois
17	anos. Aqui em Porto Velho, quando eu vim pra cá, no ano de cinquenta e nove,
18	sessenta, aí eu vim pra cá pra Porto Velho. Eu vim pra cá pra Porto Velho e fiquei
19	aqui até agora. Só com seringa. Só cortava seringa. Eu trabalhei aqui perto de
20	Porto Velho, trabalhei no Jaru. Por aqui tudo tinha seringal. Eu não era contratado
21	do Governo. Nós viemos na... No... Do Ceará pra cá. Eles vieram pela SEMTA e
22	pela CAETA.[7] Meu pai veio pela SEMTA, mas foi assim: meu pai alistou-se na
23	SEMTA e minha mãe disse "Eu vou também pra Amazônia, não vou ficar aqui
24	não, nós vamos tudo junto". Minha mãe era daquela mulher de pegar e rachar a
25	coisa. Ela disse "Eu vou também". Aí nós ficamos tudo na hospedaria. Quando foi
26	no dia do embarque, embarcou 1.500 homens e duzentas e poucas famílias no
27	mesmo navio, o Almirante Jessé, pra ir pra Belém. Então, nós viemos tudo junto.
28	Quando chegou em Manaus, ou Belém, nós fomos... Nós tivemos no pouso... Em
29	Belém, nós tivemos no pouso lá da pousada dos japoneses. Que o Brasil tinha
30	tomado aquela casa, na época da Guerra, logo que eles estavam se comunicando

[6] Aquirí e Ituxi são rios da Bacia Amazônica.
[7] Companhias responsáveis pela contratação e transporte de trabalhadores para os seringais da Amazônia.

31	com o Japão, passando tudo, e aí, então, os militares brasileiros tomaram aquilo ali
32	tudinho e fizeram uma hospedaria pros arigó.[8] Quem vinha do Nordeste. Nós
33	ficamos lá. E aí subimos, viemos, viemos e aí pegamos outro navio e viemos pra
34	Manaus, pra Flores, o pouso. E aí... Daí, fomos pra Rio Branco. Para uma fábrica
35	de castanha que tinha lá. Era o pouso nosso, dos arigó. Era tudo quanto era arigó.
36	Quando chegou na Amazônia misturou tudo. E aí fiquei. Até hoje tô aqui na
37	Amazônia. Eu e a minha família fomos todos pra esse mesmo seringal. A família
38	toda. Depois meu pai arrumou um seringalzinho e nós fomos tudo trabalhar lá.
39	Depois, eu resolvi a sair e fui pra outro seringal. De lá que eu vim pra cá e depois
40	me casei. A minha família era gente destemida. Gente destemida. O Governo
41	convocava e dizia: "Lá é riqueza". Os caras do Governo... Nem era o Governo. Os
42	caras desenharam... Desenharam uma seringueira... Desenharam uma seringueira,
43	assim, com as borrachas como jaca, só pregada na madeira. As borrachas desse
44	tamanho assim... Desse cumprimento... Era a propaganda. Aí, quando o cabra via,
45	dizia: "O que que é isso aí?" "isso é a borracha. Chega lá você é só ir arrancando e
46	botando nas costas e ir vendendo. É só vender lá e ajuntar dinheiro com gancho,
47	com rodo". Aí vinha todo mundo com essa ideia de ajuntar dinheiro com rodo,
48	mas quando chegava era perseguição de todo jeito: índio, cobra, jacaré, lagarta,
49	tudo. Então, a gente aqui sofreu de verdade. Aqui tinha de tudo, só não tinha era
50	bondade. Tinha de tudo, só não tinha bondade com a gente. O Governo nos
51	enganou. Mandou pra cá. Foi mesmo que extraditaram nós pra Amazônia. Em
52	sessenta e quatro, extraditaram muitos brasileiros pro Uruguai, pro Paraguai, pra
53	Argentina, pra muitos cantos, mas o próprio brasileiro foi extraditado pra
54	Amazônia. E o Governo chegou aqui e soltou todo mundo nas mãos dos patrões.
55	Porque a situação do seringueiro que veio de lá, do Soldado da Borracha, era
56	chegar aqui no patrão e o patrão dar de tudo, grátis, e tirar 40 por cento da
57	borracha pra ele e 60 por cento pro seringueiro. 60 por cento pro seringueiro. Pra
58	quem produzia. E 40 por cento pra ele. Mas eles tiravam muito mais que 200, pois
59	eles vendiam um quilo de sal pelo um quilo de borracha, que era três e cinquenta.
60	Uma cabeça de farinha por uma arroba de 50 quilos. Então, a gente ficou nessa
61	arapuca. Isso foi uma arapuca que o Governo formou pra produzir borracha pra
62	defesa de Guerra. Havia a propaganda. É, muita gente inventou muita história
63	mesmo, aqui na Amazônia.

2.3 Informante C

01	Vim pra cá, pra Porto Velho, em 30. Do Pará, com meu pai. Meu pai quis vir pra
02	cá. Chegando aqui, fomos pra dentro desses matos aí. E começou a cortar seringa.
03	Eu só comecei em 1942. Meu pai veio tentar melhorar de vida, mas não melhorou
04	nada, que o pobre morreu. Meu pai morreu no dia 12 de agosto de 1945. Ai ficou
05	minha mãe, que não sabia contar um centavo. Meu pai veio só pra cortar seringa,
06	mesmo. Eu nasci em 1929. Moro desde 1945 em Porto Velho. Eu trabalhava no
07	seringal, aí, quando acabou a Guerra, eu baixei pra Porto Velho. Daí eu vim pra cá

[8] Forma de tratamento utilizada para denominar os migrantes oriundos do estado do Ceará.

08	e daqui ainda fui trabalhar no seringal do senhor Rocha e Costa, lá no
09	Machadinho. Passei onze anos ainda lá, cortando seringa. Daí, de lá eu saí em
10	1970. Quando eu comecei a cortar a seringa o quilo era duzentos réis. Meu pai
11	dizia: “Meu filho, tá na vez de ganhar dinheiro”. Mas só os patrões mesmo é que
12	ganharam dinheiro com seringa. Só dava pra patrão. Eles ganhavam porque
13	roubavam demais. Porque um quilo de borracha não dava nem pra gente pagar um
14	litro de querosene. Eu me saí mais na luta melhor porque eu sempre fui muito
15	trabalhador. Eu não esperava só por uma coisa não. Cheguei lá, eu pegava uma
16	plantação. Tacava o pau a fazer roça, fazer tudo. Eu plantava mandioca, plantava
17	cana, plantava arroz, plantava milho, plantava tudo. Minha família passava bem
18	mesmo. Ninguém passava fome não. Foi assim.

2.4 Informante D

01	Nasci no Pará e cheguei aqui em 1949. Em julho de 1949, com 12 anos de idade.
02	Agora estou com 76. Vim com um irmão meu que... Um irmão mais velho que me
03	trouxe pra cá, que já tinha morado aqui, já tinha vindo no tempo da Guerra como
04	militar, como soldado. E aí morou uns tempos aqui, voltou pra lá e depois resolveu
05	voltar a morar no Território do Guaporé, naquele tempo, né. E aí me trouxe, né.
06	Perguntou se eu queria vim pra cá, eu disse: “Quero”. E aí eu vim com ele, né. Eu
07	tinha doze anos. E aí passamos direto pra Guajará-Mirim. O negócio dele era em
08	Guajará. Em Guajará-Mirim. Dos doze aos dezessete nós moramos em Guajará.
09	Fiquei trabalhando com meu irmão lá. Ele tinha um comércio lá. Aos dezessete
10	anos que eu entrei na Estrada, foi uma coincidência, assim, eu comecei. Lá em
11	Guajará-Mirim apareceu um Juiz de direito que gostava muito de música e de
12	banda de música. Aí ele botou umas aulas de música lá e eu comecei a estudar
13	música. Eu chegava muito atrasado nos ensaios, por causa do meu irmão, por
14	causa do trabalho com meu irmão. Ele me atrapalhava. Aí ele falou: “Eu vou
15	arrumar um serviço pra você.” E foi o doutor Melo e Silva que me arrumou um
16	emprego, né. Ele era juiz de direito. Naquele tempo, o que ele pedisse pro Diretor
17	da Estrada e pro governador era feito, né. Era atendido, né. E aí foi a causa que me
18	botou na Estrada de Ferro. Comecei a trabalhar na Estrada de Ferro. Eu conheci
19	trabalhadores bem antigos da Estrada. Mas não conheci os do tempo da
20	construção. Eu já conheci os que já tinham começado a trabalhar na Estrada depois
21	que ela já funcionava já. Mas até os anos sessenta, o que eu vi é que faltava vagão
22	pra escoar por causa de muito transporte de borracha. Lá em Guajará-Mirim,
23	naquele pátio na frente da estação, não tinha aquela locomotiva que tá lá de
24	exposição, a locomotiva Dezessete. Não tinha aquele vagão que tá lá não.
25	Naquele pátio grande era uma falta de vagão muito grande, que foi três lotes de
26	péla de borracha em cima da outra que as de baixo ficou achatada.[9] Foi...
27	Passando três, quatro mês esperando vagão. Transportava muita gente também.
28	Era o único meio de transporte rasteiro era a... Era a Estrada de Ferro. Era a
29	Cruzeiro do Sul e a Vasp por cima e o trem por baixo. Só. E era... O movimento

[9] As pélas eram bolas de borracha .

de borracha... A produção de borracha era grande também. Tanto dos seringais do Alto Pacaás Nova, do Guaporé, do Ouro Preto e também da Bolívia, do Alto Mamoré... Tudo descia pra ali, pra descer de trem pra cá pra pegar o navio. Às Vezes, o trem corria a noite toda. O chefe do tráfego dava a ordem: "Olha, o trem tem que correr a noite toda que o navio tá esperando no porto a borracha." Ou a castanha também, né. O navio tava incompleto a carga dele e tava esperando... Era um monte... Era muita borracha. Houve uma crise de locomotiva nos anos... Chegando os anos cinquenta... Chegando os anos sessenta, que pra trem de carga só tinha a Quinze e a Dezesseis, praticamente. Só tinha duas máquinas, que aí não dava conta. Os militares venderam muita máquina. Esse pátio que o senhor tá vendo por aqui, aqui era cheio de maquina, maquinário do tempo da construção. Draga a vapor, betoneira a vapor, tudo era a vapor naquele tempo, guindaste, tudo... Isso aqui tinha a máquina que você pensava... Você tinha que parar pra saber o que era... O que ela fazia no tempo da construção. Tava isso aqui tudinho cheio de maquinário do tempo da construção que foi tudo jogado aqui. O Batalhão vendeu tudinho. Vendeu... Vendeu o que era sucata e o que era até um lote de ferro, ali, de toda espessura que tinha, que não tinha mais fim. Pra fazer eixo de vagão, de locomotiva, de automotor e do que quisesse investir. Ferro de quatro polegadas de espessura, de seis polegadas, de oito. Vendeu tudo, só parou de vender porque alguém lá de São Paulo viu e denunciou. Aí é que veio ordem pra parar de vender. Foi o Manoel Rodrigues. Eu cheguei a ver ele uma vez aqui. Ele chegou a vir uma vez aqui. Pois é, aí foi que mandaram parar, porque senão ainda hoje o Batalhão ainda tava vendendo o ferro velho da Estrada aqui. Ferro velho e ferro bom. Sempre teve muitas histórias de riqueza de Porto Velho. Eu conheci, na realidade, a história que a borracha dava pregada em árvore. Borracha não é nem cacau ou cupuaçu pra dá pregada em arvore, né. Na verdade, era uma propaganda muito enganosa, né. Porque o camarada tinha que cortar, colher o leite, depois, naquela época, você tinha que ir atrás de coquinho ou de cavar com cavaco pra fazer fumaça. Tinha um negócio tipo um vulcão, fazia assim só com a boca, aí o camarada ia rodando, derramando o leite, até endurecer. Quando ele chegava com o leite, da estrada, ele não ia logo fazer isso não, ainda ia botar numa bacia grande, de ferro, aquecer o leite pro leite ficar mais fino, afinar mais o leite. Com o 5º Batalhão, o Batalhão tomou de conta, logo que chegou em 1966. Tomou conta do DNR, da Estrada de Ferro e ficou o dono disso aqui tudo. Aí, nós, todos os ferroviários, ficamos aí dentro da oficina quem não tinha tempo. Tudo era da minha época também, ou mais novo. Ficamos aí trabalhando até dar o tempo, né. Com o 5º Batalhão, antes da Estrada parar, antes, quando a Estrada funcionava, eu passei doze anos correndo na linha, né. Eu comecei como ajudante de foguista, depois passei a foguista, depois maquinista. Fui maquinista. Aí, depois, eu vim pra dentro da oficina porque eu tava enjoado de estar na linha, né. Na linha sofria que só. Na linha, cada um ano valia dois anos, né. Porque não tinha domingo, nem feriado e nem dia santo. Se dissesse: "Olha, o trem de carga tá pronto. Sai amanhã". Não adiantava você dizer que era sete de setembro, nem sexta-feira da paixão, nem outro dia não. "Vai sair às duas horas da manhã". Você corria a noite toda, de baixo de chuva ou de baixo de sol, no inverno, no verão... Era pra cada um ano valer dois, aqui na sessão de fogo, que a gente chamava, né. A sessão de fogo, a parte da rotunda aqui, né. Era nossa parte aqui. Pois é... Isso tudo era nos anos sessenta. Ainda tinha muitos seringais funcionando. Tinha seringal dos Pacaás Nova até às cabeceiras, que o ultimo da cabeceira já era o do Manoel

79	Lucindo. Parece que o ultimo era o do Manoel Lucindo. Até chegar lá em cima. Aí
80	tinha o Ouro Preto, que tinha muito índio lá. Nas cabeceiras, nos Pacaás Novas
81	também tinha muito índio. O lugar que ninguém se queixava de índio era no
82	Guaporé, parece. Ninguém se queixava muito de índio não. Aí, eu vim em
83	sessenta e seis pra Porto Velho. O Batalhão já tinha chegado aqui. Eu tirei uma
84	licença especial, aí eu vim logo pra Porto Velho. Eu disse: "Quer saber de uma
85	coisa? Eu vou embora pra Porto Velho. Já estou enjoado de trabalhar aqui". Aí eu
86	vim pra cá. Eu casei lá em Guajará. Nasceu cinco filhos lá e nasceu cinco aqui, em
87	Porto Velho. Aí eu passei quinze anos aqui dentro da oficina, trabalhando aqui.
88	Depois que a Estrada parou, nós ainda ficamos trabalhando. Eu trabalhava na
89	calderagem, só no concerto de vagão, né. Chapeamento, cantoneira, na sessão de
90	*truck* também.[10] Depois que parou, ficamos trabalhando em máquina rodoviária.
99	Concertando peito de D8[11], para-lama de *motoscraper*[12], de Motoniveladora[13], que chamam *Patrol*, concerto de caixa de bateria... Fiquei nesses trabalhos aí, até quando eu me aposentei.

2.5 Informante E

01	Nasci em 18 de abril de 1931, aqui em Porto Velho. Minha família veio de
02	Granada. Meu pai foi contratado lá para trabalhar na estrada de ferro. Naquele
03	tempo estavam procurando gente como hoje tá vindo gente de todo lugar pra
04	trabalhar na Hidrelétrica... A Hidrelétrica tá contratando. Eles estavam chamando
05	gente pra trabalhar na ferrovia naquela época também. Ele veio como
06	trabalhador, ele era operário. Era carpinteiro, mestre de obras, né. Aí ele chegou
07	aqui e começou a trabalhar com os americanos, como mecânico e carpinteiro.
08	Naquele tempo, devido as dificuldades, a pessoa tinha que trabalhar com tudo
09	que aparecesse. Ele veio de lá com vinte e cinco anos. Ele veio com a minha
10	mãe, que tinha mais ou menos a mesma idade. Ele veio com ela, mas veio casar
11	com ela aqui. Ele trouxe ela de lá, mas só casou com ela aqui. Eles falavam
12	inglês. Granada era uma ilha de possessão inglesa. Eles tiveram dez filhos, sete
13	homens e três mulheres. Os filhos aprenderam um pouco do inglês. Eu aprendi
14	um pouquinho, né. Depois, eu fiz o curso de rádio técnico e apreendi mais um
15	pouco. Esse pouco inglês tem me ajudado muito. Na Estrada trabalhou eu,
16	Dionísio, Silas que era soldador mestre, Teófilo e só. As minhas irmãs foram
17	professoras. Eu comecei a trabalhar em 1946. No dia quatro de abril de quarenta
18	e seis. Naquela época, comecei a trabalhar com doze anos. Meu serviço era
19	mecânico e eu me aposentei como mecânico mesmo. Porque ali, na estrada de
20	ferro, naquela época, a gente fazia todo tipo de trabalho. Aqueles veículos de
21	linha, cegonha, aquilo ali... Eu construí aquilo ali também. Pois é. Aquilo era
22	construído aqui. As peças vinham dos Estados Unidos e nós aqui é que... Tava

[10] Tipo de caminhão com um eixo a mais na parte traseira.
[11] Tipo de trator de esteira de grande porte com arado para limpeza e terraplanagem.
[12] Tipo de trator articulado com lâmina e caçamba, geralmente utilizado para abertura de estradas.
[13] Tipo de trator usado para nivelamento de estradas.

pra servir a própria Ferrovia. Tinha vinte e seis turmas de Porto Velho a Guajará-Mirim, então, cada turma tinha uma cegonha daquelas pra poder trabalhar. Nesse tempo era muita borracha, muita castanha e tinha gado também que a gente trazia. Gado da Bolívia... Gado boliviano. Tinha tempo que a gente trazia até doze vagões de gado pra cá. Era... Ao todo, tinha vinte e cinco locomotivas. Quase tudo se perdeu. Tão jogadas aí. A ferrugem tá comendo tudo. Essa ferrovia nunca devia ser extinta. Porque é uma ferrovia de grande necessidade. Até hoje, tudo que começou, começou por essa ferrovia. Essa oficina é a terceira do Brasil. Em vez de ser longe, era bem equipada. Tinha tudo a vapor. Tinha máquina aí que deixou de funcionar porque morreu o cara que sabia e depois ninguém mais mexeu. A vida aqui em Porto Velho era boa. No começo tinha os que falavam inglês e os outros não entendiam nada. Que nem era com os barbadianos do bairro Alto do Bode, mas depois eles começaram a entender mais as coisas e tudo se misturou. A vida era boa porque naquele tempo tudo mundo vivia unido, né. Hoje, a violência tem em todo canto. Eu conheci alguns moradores bem antigos da cidade. Conheci uns americanos que vieram pra cá, mas a maioria deles já faleceram, né. Eu conhecia uma missão também dos americanos, que moravam lá onde hoje é o Parque Ecológico. Era uma equipe deles, né. Eles tinham uma missão que trabalhavam lá, agora, eu não sei qual era a missão deles. Mas a vida em Porto Velho sempre foi boa. Eu casei aqui mesmo e construí a família, né. Trabalhei trinta e cinco anos na Ferrovia. Eu conheci outros lugares, só na Bolívia eu conheci dezesseis lugares, né. Mas eu vivi mesmo aqui, sempre. Quando a Ferrovia fechou, nós passamos tudo pro Batalhão, pro 5º BEC. Trabalhamos mais dez anos lá. Conheci desde o Coronel que foi o primeiro comandante. Depois me aposentei pelo exército. Estou assim até hoje, né.

2.6 Informante F

Meu nome é Conroy Theophilus Shockness**.** Meu pai me deu esse nome inglês porque ele tinha ideia de voltar pro Caribe. Para não ter dificuldade lá de pronunciar esse nome lá no Caribe. Eu comecei a trabalhar na estrada de ferro com treze anos. Eu nasci em 1934 ali, do outro lado desse muro aí. Eu não cheguei aqui pequeno não, eu já nasci aqui. Papai comprou essa área em 1929. O proprietário dessa área chamava-se Manoel... Não, André Frandolini. Era um italiano. E ele foi expulso daqui do Brasil porque ele não queria que a ferrovia cortasse a propriedade da fazenda que ele tinha aqui. Aí ele protestou e eles expulsaram ele do Brasil. O papai morava no Alto do Bode. O papai tava procurando um lugar pra comprar e disseram pra ele: “ó tem um senhor lá que vende o lugar”. Mas não era o dono, era o Manoel Batista, que era empregado do André Frandolini. Aí o papai comprou por dezenove contos de réis com todos os gados, em 1929. E eu nasci em 34. Era uma fazenda grande. Pra lá até no 5º BEC. Até perto de uns prédios, do lado do condomínio, tem até uma porta de madeira que fizeram, tudo aquilo pertencia ao Frandolini, depois é que o BEC chegou e achou de se apropriar de tudo. Aí, ficou pro 5º BEC, uma parte. Mas não era nosso porque o papai comprou do Manoel Batista, que era empregado do

André Frandolini, e quando ele foi querer legalizar o terreno, ele foi pra Humaitá, porque aqui pertencia ao Amazonas naquele tempo, aí o homem disse que ele não podia legalizar o terreno porque quem vendeu o terreno não foi o proprietário do terreno, foi o Manoel Batista, empregado do André Frandolini.

Com seis anos eu entrei no Barão dos Solimões, aí eu estudei[14]. Quando foi com treze anos, eu comecei a trabalhar na Ferrovia. A Estrada, naquele tempo, transportava muita... Porque, anteriormente, a seringa... A borracha era muito valorizada, porque cortavam aí e mandavam pra fora. Foi por isso que os americanos contratou gente como soldada da borracha pra ganhar um dinheiro pra cortar a seringa. Foi contratado pelos americanos isso. Inclusive, que outro dia chegou um americano que até falou que a América do Norte deu um dinheiro pra pagar por esses soldados da borracha. E até agora eles não receberam isso. E não é assim a história? E até hoje... O papai veio da Ilha de Granada, mas a mamãe ficava muito zangada quando alguém chamava ela de barbadiana. É mesmo que chamar um cearense de acreano, eles não gostam. Papai chegou aqui em 1903, a primeira vez. Aí, começaram a Estrada de Ferro e quando chegaram em Santo Antônio os holandeses se perderam, sabe por quê? O remanso... Em vez do rio descer o rio subia pelo remanso pra descer, né. Aí eles ficaram doidinhos, porque nunca tinham visto rio subindo, aí abandonaram e foram embora. A primeira companhia que veio pra construir a estrada de ferro. A Estrada de Ferro começou em 1903. E chegaram em Santo Antônio, os holandeses se perderam por causa da cachoeira, do remanso, porque o rio dava volta na ilha, pra descer, né. Aí abandonaram tudo aí, depois, em 1907 veio a companhia com todas as nacionalidades para construir a Estrada de Ferro. Aí, começaram em 1907 e terminaram em 1911. Foi por causa do Tratado de Petrópolis, por causa do Acre, que era da Bolívia e depois passou pro Brasil. Era a companhia holandesa que veio primeiro, depois é que foi a Madeira Mamoré. Meu pai gostava daqui. Ele era dos três pingos, né.[15] Ele era maçom, que nem o Aluízio Ferreira, por isso é que eles eram amigos. Meu pai até ajudou a fazer aquela maçonaria lá, né. Ah! Uma coisa interessante que aconteceu esses tempos é que os Maloney... Foi um deles lá pros Estados Unidos pra procurar parente do Maloney. O Maloney era de Barbados, mas tinha parentes nos Estados Unidos. Aí, bateram aí, um dia desses, era a Ursula e outro parente dela. Vieram me dar a informação que esse presidente da América do Norte é parente da gente. Assim me disse a Ursula e os parentes dela. Souberam lá que o Barac Obama é da família dos Shockness. E engraçado que outro dia eu tava olhando na televisão e ele tem a fisionomia mesmo de uns parentes. Ele é primo nosso. Parece que ele é filho de uma irmã mais velha do papai. Que a Ursula é que trouxe essa história da América do Norte pra mim. Eu tenho um filho também que foi pra América do Norte, o Carlos. Ele foi pra casa de um primo meu chamado Roberto. De vez em quando o Roberto liga pra mim. Eu disse pra ele: “desculpe que eu não falo bem Inglês”, ele disse “você fala bem. Você fala melhor que muitos americanos”. Eu aprendi com meu pai e com a minha mãe. Aprendi a escrever e a ler um pouquinho também. Mas olha, sobre a Estrada de Ferro, o problema foi político,

[14] Escola ainda em atividade na cidade de Porto Velho.

[15] O narrador faz referência ao costume de colocar três pontos em forma de triângulo após a assinatura como um sinal reconhecido entre os maçons. Essa simbologia é interpretada de muitas formas: luz, trevas e tempo; passado, presente e futuro; sabedoria, força e beleza; nascimento, vida e morte; liberdade, igualdade e fraternidade etc.

62	pelo meu entendimento. O Presidente daquela época mandou fazer aqueles
63	tratores e queria vender. Ele baixou um decreto lei que toda a ferrovia que tivesse
64	menos que quinhentos quilômetros não seria mais concluída, porque dava mais
65	prejuízo do que lucro. Como é que era o nome dele? Deixa eu ver... Era... Acho
66	que foi o Castelo Branco. Parece que foi ele que fez uma fabrica de trator e
67	baixou o decreto. Quer dizer, no meu entendimento, foi porque não havia motivo
68	de extinguir a estrada de Belém-Bragança, que tinha duzentos e poucos
69	quilômetros. Eu conheço também, eu fui lá. Então, ele baixou que toda a ferrovia
70	que tivesse menos que quinhentos quilômetros fosse extinta, porque dava mais
71	prejuízo do que lucro, com intenção de vender os tratores que ele fabricou
72	naquele tempo. Revoltou muita gente. Revoltou os bolivianos. Outro dia eu vi
73	um boliviano reclamando. Aquela ponte que tão querendo fazer agora era pra ser
74	feita naquela época, junto com a Estrada de Ferro. As locomotivas iam passar por
75	cima das pontes e entrar Bolívia adentro. Quando eu trabalhava na Estrada eu era
76	menino ainda, mas eu fazia de tudo. Saia nas litorinas[16] e ia pra todo canto,
77	trabalhando. Cheguei a ver muita coisa. Vi uma caldeira explodir lá nos
78	Periquitos. Cheguei a ser chefe da caldeiragem. É... Eu vi muita gente também
79	que morreu por aqui. Era muita malária, os índios flechavam muita gente
80	também. Até quando a Estrada tava funcionando eles ainda atacavam. Eles eram
81	mais brabos na época da castanha. Eu já vi muitos índios passando pela Estrada,
82	mas eles não conviviam com as pessoas da cidade. Os índios daqui nunca foram
83	de convivência não, porque aqui mataram muitos índios e eles têm muita revolta
84	com Porto Velho também. Pois é, eu não sei se tá bem contado a história, mas
85	era assim mais ou menos as coisas, né. Meu pai faleceu com 72 anos. Minha mãe
86	viveu até os noventa e oito anos. Tem uns irmãos que morreram, tem o João que
87	morreu de paludismo[17], tava trabalhando na Estrada. Eu ainda criei os filhos dele
88	quase tudo. Eu ainda hoje, qualquer coisa que acontece comigo ele aparece. Não
89	sei se é um anjo, um espírito de Deus ou o que que é. Mas eu ainda vejo ele de
90	vez em quando.

2.7 Informante G

01	A minha vinda pra cá foi por transferência. Por motivo de trabalho. Na época eu era
02	bancário, trabalhava no extinto Banco Financial, de Mato Grosso. Aconteceu assim, em
03	1980, fui transferido pra agência de Pontes e Lacerdas.[18] Fiquei lá aproximadamente de
04	seis a sete meses. No início de 1981, surgiu a necessidade de ter um funcionário que já
05	entendesse alguma coisa da agencia. Eu já tinha passado por várias funções, e na época
06	eu já tava com uns vinte e três anos. Aí o gerente perguntou se eu concordava em ser
07	transferido pra Porto Velho e eu concordei. Aí, esse foi o motivo inicial de eu ter vindo

[16] Litorinas são tipos de vagões movidos à diesel. São independentes das locomotivas e serviam para o transporte rápido de trabalhadores, assim como, também, para o de passageiros.
[17] Paludismo: o mesmo que malária.
[18] Município do estado de Mato Grosso.

pra Porto Velho. E foi uma guerra, porque naquela época a agência aqui tava "bombando", tinha poucas agências aqui. O banco tava... Tava crescendo, tava se expandindo, né. O gerente trabalhava muito, tinha muitos clientes e o banco tava todo "embananado". Conta corrente não batia, caixa não batia. Muitas vezes, a gente tinha que virar a noite trabalhando. Eu continuei trabalhando por mais quatro anos, até 1985, quando o Bamerindus englobou... Comprou o Banco Financial. Ainda continuei um ano e alguma coisa no Bamerindus. Aí, nessa época, eu já tinha casado, desde 82. Em 85 eu já tinha dois filhos. Aí, foi quando o banco me dispensou, né. Peguei uma justa causa porque... Eu trabalhava na assistência da gerência e, naquela época, Porto Velho tava uma "balbúrdia", né. Pessoas chegando, época de garimpo, muito... Muito dinheiro, muitos clientes no banco. E junto com esse pessoal todo tinha um bando de picaretas também, tentando dar a volta nos outros, né. E eu fui a vítima premiada. Um dos clientes se aproximou de mim e me cativou. Eu, na assistência da gerencia, eu ficava... Tinha uns clientes que me procuravam mais, né. E esse camarada era um deles. Aí, uma época ele chegou com uma desculpa, que tinha um caminhão de feijão pra descarregar num armazém. E era véspera de feriado, né. A Semana Santa. Ele precisava que fosse liberado um dinheiro "no vermelho", por assim dizer. No saldo negativo. E ele planejou muito bem o golpe, porque o gerente não estava no momento, e eu, como assistente do gerente, poderia liberar. Como ele era praticamente meu amigo eu liberei o cheque. Liberei o cheque pra ele e ele pegou o dinheiro e até hoje... Na época, era cruzeiro ainda. Eu liberei pra ele em torno de dois milhões e meio. Ele sacou cinco milhões. O saldo dele era de dois milhões e meio e eu liberei os outros dois milhões e meio. Na época, a gerência suspeitou que eu tivesse de conluio com o cara, como se eu tivesse levado vantagem. Eu assumi a dívida, mas sempre neguei, porque, de fato, não houve isso da minha parte. A partir daí, né. Esse dinheiro foi debitado na minha conta e eu fiquei marcado. Aí, um dia que ele chegou com umas promissórias, porque a diretoria regional não aceitava que eu ficasse pagando com a conta descoberta, aí, assim que eu assinei, ele me deu a carta de demissão pra assinar junto.

Aí, foi quando eu saí do banco e fiquei desempregado. Fiquei vagando, né. Com pouco estudo, porque tinha deixado de estudar pra trabalhar no banco. Fiquei vagando. Fazendo bico daqui, fazendo bico dacolá. Aí, o garimpo tava no auge e eu quis conhecer o garimpo de ouro. Porque eu ouvi falar que rolava muito dinheiro. Eu conhecia muitos clientes do banco que eram garimpeiros e voltavam com muito dinheiro. Eles falavam do garimpo e de muito dinheiro que rolava lá. E falavam da facilidade de conseguir. Aí, eu me juntei com um deles e fui pro garimpo, em 1987. Foi quando eu entrei no garimpo. Nessa época, a metade das pessoas trabalhavam com balsa e metade já trabalhava com draga de lança. Eu fui trabalhar com draga. Eu fui exatamente pro garimpo do Porto da Balsa do Abunã. Tinha explodido uma fofoca lá.[19] Realmente, tinha muito ouro, mas a draga que eu fui não era muito boa de produção e a gente era brabo. Brabo é o inexperiente. Aí, a gente não conseguia produzir muito, mas eu cheguei a ver draga do lado despescando[20] com quatro quilos de ouro numa noite. Realmente, tinha muito ouro nesse rio Madeira. Aí, eu fiquei indo e vindo, indo e vindo. Sempre fazia algum ourinho, mas era pouco. Eu fiquei muito tempo com essa draga porque eu me tornei amigo do dono, mas, um ano

[19] Fofocas eram chamados os lugares que passavam a ficar conhecidos como grandes depósitos de ouro no fundo do rio Madeira.

[20] Despescagem é a denominação utilizada por garimpeiros para designar o resultado final de um período de trabalho com a retirada de materiais do fundo do rio e o processo de separação desse material para retirada do ouro.

depois, eu mudei de draga. Eu tava muito envolvido com os problemas dessa draga, aí eu via que quem mudava mais de draga fazia mais ouro, porque trabalhava em dragas melhores. Mas eu ainda fiz um pouquinho de ouro nessa draga. Mas foi bem depois que consegui melhorar. Na fofoca do Simãozinho foi onde eu fiz mais ouro. Nós trabalhamos lá em duas dragas, durante uma semana, e despescamos com cinco quilos de ouro. Pra mim, deu meio quilo. Foi o maior ouro que eu consegui fazer de uma vez. Eu aproveitei o dinheiro comprando um terreno e começando a construção de uma casa, mas a maioria do pessoal nunca olhava muito pro futuro. Conheci um cara que quando trabalhou com balsa, segundo ele, costumava pegar um quilo de ouro de manhã e gastar tudo num bordel de noite. Ele fechava o "brega" e dizia que era tudo por conta dele. Ele dizia que se sentia o rei das "currutelas". Conheci um cara, também, que comprou um carro num final de semana e no mesmo final de semana ele bateu e acabou com o carro. Quando deu segunda-feira ele foi na concessionária e comprou outro à vista. Tinha muito disso, também. No garimpo não tinha lei, rolava de tudo, droga, prostituição e muita bebida. O pessoal disputava as mulheres, queriam ter exclusividade com as mulheres e isso acabava dando em muita briga, muitas mortes. Não tinha muito roubo, mas nas estradas, muitas vezes, tinham assaltos que acabavam com gente morrendo e tudo... A maioria das mortes era por embriaguez e briga por causa de mulher. Uma vez, mataram um cara na minha frente, ele tinha mexido com a mulher de outro, e o cara veio e descarregou o revólver nele, na minha frente. Eu vi a bala abrindo a cabeça dele. Não conseguia mais dormir. Fiquei mal por um bom tempo... Outra vez, eu acordei cedo, porque a gente tinha que desapoitar a draga, aí a cozinheira disse que alguma coisa tava fedendo muito por ali. Eu olhei pra baixo e vi um corpo enroscado ali, perto da lança. Eu só desenrosquei e deixei descer. Às vezes, a gente via até urubu comendo cadáver perto do barranco. Mas tinha uma organização nas dragas. Eram equipes geralmente de quatro pessoas. O gerente e mais os operadores. Às vezes, o dono da draga ficava junto, mas geralmente tinha só o gerente mesmo. Então, nas dragas ficavam o gerente, os operadores e uma cozinheira. Quando o dono ficava junto, aí eram sete pessoas. Os operadores ganhavam cinco por cento da produção, o gerente ganhava dez. Aí, tinha que tirar os custos de diesel, gasolina, alimentação, peças e mais o dinheiro das cozinheiras, o resto era tudo do dono. O patrão. Eu levei essa vida até 93. De 87 a 93. O melhor ano de ouro que eu tive foi em 88. O que não deu muito certo pra mim é que o garimpeiro trabalha com a sorte, né. Eu acho que não dei muita sorte. Mas acho que eu também não peguei a melhor parte do garimpo, que foi em 1984, 85, 86. Até 89 ainda tava muito bom, mas já tinha um declínio, já. Eu trabalhei a partir da vila Murtinho, Cachoeira do Madeira, que fica próximo a Vila Mamoré, os Periquitos, Arara, Porto do Abunã, Simãozinho, Tamborete, Paredão, Prainha. No Jirau só na Chamada Praia do Avião. Lá tinha muito ouro, mas era muito difícil a extração porque o cascalho era um cascalho muito grosso, chamado ovo de cavalo. Ele interfere muito na sucção das dragas. Mas tinha muito ouro lá. Aí eu vim descendo. Caldeirão do Inferrno. Viemos descendo. Jorge Lagoas. Todo trecho do rio tinha um nome. Cachoeira dos Morrinhos, até chegar na parte da Cachoeira do Teôtonio, que era a parte mais difícil do rio, que diziam que não dava pra descer. Mas alguém conseguiu. Jogou a draga e ela veio aos tombos, até descer. Eles pesquisaram abaixo e encontraram ouro, quase em frente a Porto Velho. Aí o pessoal já começou a trabalhar em frente a Porto Velho. Eu não trabalhei não, porque fui direto pro Belmonte. Tinha muito ouro lá, mas era difícil de tirar porque tinha muita praia e as dragas não conseguiam romper com o areião. Eu vivi muitos perigos, como os redemoinhos que formam no rio. É terrível. Você escuta até o assobio. É um buraco

101	que forma no rio. Eu passei por cima de um buraco desses. A voadeira ficou pelo meio
102	de água, quase fui pro fundo. Também presenciei muitas brigas. Vivi muitos perigos
103	por estar perto de confusão. Uma vez um cara deu um tiro rente ao meu ouvido pra
104	acertar um cara. Outra vez, um cara me enfrentou com uma arma. Eu tava tentando
105	tirar minha draga da fila e o cara pensou que eu estava empurrando a draga dele pra ele
106	sair de cima do ouro. Mas acabou tudo bem. Vi muito acidente também na BR. Uma
107	vez, o pessoal que vinha comigo resolveu sair na frente, o carro deles bateu numa
108	ponte, morreu todo mundo. Assim eu fiquei até noventa e três. Aí vim pra cidade e
109	fiquei fazendo bico. Trabalhando de ajudante de mecânico e tal, e foi nessa época que
110	eu fiquei sabendo que no Bom Futuro tava dando muita cassiterita. Em noventa e
111	quatro eu fui pra lá e fiquei dois anos. Lá era muito perigoso. Tinha muito pistoleiro
112	que vivia de matar por conta.
113	No garimpo de cassiterita é diretamente com a terra. Com pá, picareta, alavanca... Você
114	pesquisa a terra levando um pouco numa cuia até lavar com água e separar pra ver o
115	material, achando material você começa a cavar. Assim, foi de noventa e quatro a
116	noventa e seis, no Bom Futuro. Depois, fiquei mais um período na cidade, com
117	pequenos trabalhos, bicos. Trabalhei também em três empresas, mas a cabeça tava
118	sempre no garimpo. Eu prefiro o trabalho com a cassiterita porque a gente trabalha pra
119	gente mesmo. O ouro, a gente trabalha pros outros. Daí eu voltei em 2003 e estou lá até
120	hoje. Eu vi algumas pessoas ganharem dinheiro com garimpo, mas quase todo mundo
121	que eu conheço quebrou no garimpo. Teve gente que fez muito investimento e não
122	tirou nem o que botou lá. A grande maioria das pessoas do garimpo acabam ficando
123	por lá mesmo. Gastam dinheiro nos cabarés, nas currutelas.[21] Alguns produziram muito
124	ouro, investiram e ganharam bastante, como o Motinha, Chico Torres, Chico
125	Pernambuco. Tinha o Camelo, também, que montava draga e dava pras pessoas
126.	trabalhar e dar a parte dele. Esses caras ganharam muito, e eles também botaram loja de
127	compra de ouro na cidade. Mas os que eu conheci mesmo de perto não se deram bem
128	não. Muita gente teve o sonho de vender casa, carro e tudo, mas acabou perdendo tudo.
129	Os aventureiros quebraram. E teve os que fizeram investimento e quando viram já um
130	certo retorno saíram logo. Hoje, como eu estou com uma idade mais avançada, eu
131	pretendo produzir alguma coisa e me estabelecer por aqui. Voltar pra cidade e montar
132	um ganha pão por aqui. Eu tenho fé que consigo. É esperança de garimpeiro. O
133	garimpeiro vive mais na esperança do amanhã do que na realidade do momento. O
134	garimpo me fez bem e me fez mal. O bem é que eu tenho muita paz lá. Muito sossego
135	no meio do mato. Mas bem material não consegui ainda. Agora, o mal é que eu não
136	estudei, não me aprimorei, não me reciclei. Fiquei estagnado. Outro mal do garimpo é
137	que ele afasta muito da família. Eu sinto falta de ter vivido mais momentos com a
	família. Esse é um buraco que eu não tenho mais como cobrir.

2.8 Informante H

01	Eu nasci no Peru e fui registrado em Cruzeiro do Sul, no Acre. Nasci em Ucalpa.
02	Na época do ciclo do soldado da Borracha. Sou filho de brasileiros. Minha mãe

[21] Pequenos comércios que surgem no entorno das áreas de garimpos.

03	era descendente de português e meu pai era cearense, da serra do Baturité. E eu
04	cheguei... Nós viemos pra Porto Velho pelo falecimento do meu pai. Nós
05	morávamos lá no Peru, meu pai era seringueiro, quer dizer, não era bem o Peru,
06	era no limite... No limite do Brasil com Peru. A gente morava no lado do Brasil.
07	Cruzeiro do Sul. Do outro lado é Peru, Ucalpa, Ucalpa... Pertence a Ucalpa. Fui
08	registrado em Cruzeiro do Sul, no dia 19 de abril de 1945. Tenho 68 anos de
09	idade. E eu cheguei aqui... Aí nós viemos pra Porto Velho, em 1953. 1953 e
10	estou até hoje aqui em Porto Velho. Já saí várias vezes pra me aventurar aí por
11	fora, mas o lugar de ganhar dinheiro é aqui em Rondônia. E aí, eu por acaso
12	entrei no garimpo. Por uma brincadeira... Por uma brincadeira... Era na época
13	que o Piana[22] era candidato a governador e como eu trabalhava na CERON[23], eu
14	tinha muito conhecimento com os ribeirinhos, que eu era pescador antes. O Piana
15	me deu uma licença pra mim, na CERON... Pra mim fazer campanha pra ele com
16	os ribeirinhos. Eu nem lembro o ano. Eu fui fazer campanha pra ele com os
17	ribeirinhos pros lados de Guajará, subindo o Rio Madeira... Pros lados de abunã,
18	que antes eu pescava profissional e eu conhecia todo mundo ali. Aí eu saia
19	pregando panfletos e falando com o pessoal pra votar no Piana. E aí eu me
20	ingressei no garimpo. Montei uma balsinha. Eu e um sócio que chamava Pedro
21	Petri Panta. Aí, nós trabalhamos o primeiro ano e não fizemos muita coisa não.
22	Eu mergulhava. Eu andava horas e horas no fundo d'água, aí. E no primeiro ano
23	nós começamos já tarde e fizemos uns seis quilos de ouro. É pouca coisa, mas
24	desses seis quilos de ouro nós fomos se estruturando, se estruturando... No outro
25	ano nós começamos cedo. Aí foi na época que eu dei muito bamburro.[24]
26	Bamburrei, bamburrei que eu fazia despescadas de quilos e quilos e quilos de
27	ouro, na balsa. Não lembro bem o ano, foi logo em seguida. No governo do
28	Piana, ainda. Quando eu tomei gosto do garimpo eu pedi demissão da CERON,
29	que eu não precisava mais trabalhar na CERON. Aí eu já tinha dinheiro pra
30	montar uma draga. No terceiro ano do garimpo eu já tinha uma draga. Eu sempre
31	fui bem sucedido no garimpo. Graças a Deus! Mas quase todo mundo que eu vi
32	se deu mal no garimpo. Muita gente não se deu bem. Eu só não juntei muito
33	dinheiro... Eu não tenho muitas coisas hoje porque eu gastei meu dinheiro
34	sempre em pesquisas. Eu ganhava dinheiro no garimpo de ouro e investia em
35	garimpo de pedras ornamentais. Na época, aproximadamente se fosse hoje, eu
36	gastei na base de oitocentos mil reais só em pesquisa em pedra ornamental pro
37	meio dos matos. Eu achei muito lugares. Eu pesquisei e registrei muitas áreas no
38	DNPM.[25] Não cheguei a extrair porque eu pensava uma coisa e foi outra muito
39	diferente, porque eu não consegui dinheiro pra começar, porque eu precisava
40	comprar tear pra cortar as pedras, mas é muito caro, custa dez, vinte, trinta
41	milhões de reais. Tear é a máquina que corta as pedras, que faz essas placas... As
42	placas. Eu tenho as amostras das pedras que eu pesquisei e registrei. Mas, pra
43	você ter uma ideia, eu me sucedi muito bem no garimpo de ouro. De ouro, eu
44	consegui numa despescada, de uma vez com a draga, em vinte e quatro horas de
45	trabalho, seis quilos quinhentos e noventa gramas. Numa despescada só lá no
46	Ribeirão. Eu comecei a trabalhar no Abunã e trabalhei o primeiro ano e já passei
47	lá pra cachoeira do Ribeirão, que era adonde eu conhecia muito bem. Que é

[22] Osvaldo Piana. Político rondoniense. Governou o estado de Rondônia no período de 1991 a 1995.
[23] Sigla para Centrais Elétricas de Rondônia.
[24] Bamburrar significa extrair muito ouro, enriquecer.
[25] Sigla para Departamento Nacional de Produção Mineral.

aonde tem a maior concentração de ouro do rio Madeira. Entre o Ribeirão e Vila Murtinho é aonde tem a concentração maior de ouro do rio Madeira. Ainda tem. Nesse trecho, as pesquisas que foram feitas, as altas pesquisas que foram feitas, dá uma quantidade de oitenta toneladas de ouro. Não foi tirado nada disso. Quando a gente trabalhava lá, o que pegava na draga ou na balsa a gente pegava só 30 a 40 por cento do material que sobe o restante volta pra dentro do rio de novo, porque a tecnologia que nós temos aqui é arcaica, já ultrapassada.[26] É aquela de carpete[27]. É ultrapassada. Então, eu não tenho nada a reclamar do garimpo, pra mim foi uma maravilha. Mas eu vi uma coisa ruim. Lá no garimpo dos Periquitos, todo final de semana era oito a dez pessoas que morriam. Sim, lá nos Periquitos. Morriam muita gente por droga e briga, mas morria muita gente inocente também, porque quando dava essas brigas muita gente era atingido por tiros. Quando dava os tiroteios muita gente era atingida. Atirava quem tava brigando e quem não tava também, porque era que nem no velho oeste, todo mundo tinha arma. Eu botava umas proteções na draga pra não ser atingido. Muita gente perdeu tudo só em droga, bebida e com mulher. Tinha muito marginal, mas também tinha muita gente boa. Tinha muito fazendeiro, médico, tinha gente de outros lugares. Mas era difícil guardar dinheiro porque o pessoal não sabia como se manter no garimpo, porque você não pode gastar pensando que vai recuperar aquilo de novo. O máximo que pode gastar é 40 por cento, os outros 60 por cento tem que ficar de reserva, porque senão quebra mesmo. Lá tinha de tudo, da uva ao pêssego, mas era tudo muito caro. A maioria perdia tudo por causa de bebida e droga, mas também por causa da careza das coisas. Uma mulher pra poder tomar um banho, às vezes, tinha que pagar de trinta a cinquenta reais. O pessoal lá tomava muito *whisky* doze anos que vinha da Bolívia, mas imagina o preço. Muita gente fala das pessoas que ganharam dinheiro no garimpo, mas não foi assim não. Conheci os caras que se deram bem, o Chico Pernambuco. O Chico Torres, segundo o pessoal, não ganhava dinheiro com o garimpo não, o negócio dele era outro, ele entrava no garimpo só pra lavar dinheiro mesmo, mas ele quebrou. Outros ganharam muito mesmo, João Come Vivo, o Camelo. Eu não tô rico porque botei meu dinheiro tudo em pesquisa. Eu tenho direito de subsolo de áreas em que têm fazendas aí de gado que tem muito minério, muitas pedras. O problema é que o investimento é muito alto, tem que ter PC[28], tem que ter caçamba, tem que ter trator, tem que ter pelo menos uns dez milhões pra começar. Mas de seis meses a um ano o cara já tem retorno já. Quando aparece investidor, só querem dar dez por cento pra gente, aí não dá não. Ou então eles querem pagar pouco por informação. Eu sei aonde tem os paleovalho de ouro[29], onde concentra o ouro quase puro, mas eu não posso ficar só mostrando pros outros. Eu pesquisei muito, eu sei de inúmeros lugares que tem ouro aí no Madeira e em outras áreas. Eu pesquisei o lado do Brasil e o lado da Bolívia. Aí, nos tempos que eu tava no garimpo, eu saia pesquisando, quando

[26] O material referido, nesse caso, trata-se do ouro retirado do fundo do rio.

[27] Refere-se à forma de como se processa a separação do material retirado do fundo do rio. O material todo, lodo, pedras etc. passa por cima de um tapete que depois é lavado para a retirada do ouro que nele fica apegado.

[28] PC: Máquina de perfuração contínua, instrumento apropriado para o trabalho com a extração de pedras ornamentais.

[29] Esta palavra está grafada conforme a elocução do narrador, mas refere-se a paleovale, sítios onde se encontram jazidas de minérios ou materias fósseis.

89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101	faltava dinheiro eu voltava pros roedor. Roedor é o seguinte, são aqueles lugares que a gente já sabe que tem ouro pouco, mas ouro fácil. Aí eu comprava uma carreta de óleo e enchia os tubos da draga e duma flutuação que eu tinha e saia procurando um ouro melhor, se eu não encontrava eu voltava pro roedor e ficava ali comendo dos mucururu[30], até levantar dinheiro de novo. Aí eu saia de novo pra procurar um ouro melhor. Eu tinha uma equipe fixa, uns camaradas muito leais, eu pagava bem eles e eles ficavam comigo. Quando achava ouro bom todo mundo bamburrava. O que me fez sair do garimpo foi assalto. Dois na draga e um atentado na estrada. Aí eu fiquei desgostoso com garimpo e larguei. Eu também perdi trezentos e cinquenta gramas de ouro pra polícia e ficou por isso mesmo. Depois, as autoridades daqui olham os garimpeiros com maus olhos, os governantes se acham poderosos e desviam os recursos daqui, mas não ajudam os garimpeiros, não ajudam ninguém.

[30] Pedras formadas de arenito conglomeráticos com cimento carbonático (fonte DNER).

3 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

3.1 Tipos de Narrativas e Núcleo Temático

Os *corpus* analisados neste estudo podem ser identificados como narrativas orais de experiência pessoal porque se tratam de relatos das experiências vividas pelos seus narradores que os transmitiram oralmente. Entretanto, apesar de que se encaixem bem nessa nomenclatura, não se adequam, contudo, perfeitamente à definição de Labov (1997, p. 3) para narrativas orais de experiência pessoal como um relato de ”[...] uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais” (LABOV, 1997, p. 3). E mais, considerando o que expressa o autor quando afirma “Essa definição está baseada na concepção inicial de L & W; uma definição que separa a narrativa nesse sentido de outros meios de contar uma história ou de recontar o passado” (LABOV, 1997, p. 3), percebe-se que os casos não são os mesmos[31]. Parece que o mais correto seria entendê-las como parte desses “outros meios de contar uma história ou de recontar o passado”.

Os motivos da inadequação podem se tornar bem claros quando se observa que os relatos aqui apresentados não contêm sequências de sentenças totalmente correspondentes à ordem dos eventos originais, são muito longos, reportam-se a uma diversidade muito grande de acontecimentos e transmitem muitos pontos de vista e juízos dos informantes a respeito dos acontecimentos informados. Não se tratam mesmo apenas de histórias retiradas da biografia dos narradores, há neles muito mais que isso. Consequentemente, pode-se afirmar que não se configuram bem ao modelo de narrativa oral de experiência pessoal apresentado pelo autor do artigo são tiradas as definições acima demonstradas[32].

Contudo, neste estudo, essas narrativas serão referidas como narrativas de experiência pessoal tendo em vista apenas o fato de se encaixarem bem sob essa

[31] L & W equivale à Labov & Waletzki.

[32] No artigo Alguns Passos Iniciais na Análise de Narrativa. Trad. Waldemar Ferreira Netto, 1997. Labov apresenta um modelo de narrativa oral de experiência pessoal, que ele denomina de Narrativa de Shambaugh. Essa narrativa, que serve de modelo para sua exposição de propostas para análise desse tipo específico de relatos, foi colhida por ele e por Waletzky em pesquisas na área da Sociolinguística. Trata-se de uma história curta e que descreve poucos eventos, sendo que as sentenças apresentam uma sequência bastante linear em relação à ordem dos acontecimentos. Evidencia-se, portanto, que se trata de casos bastante diferentes os relatos aqui apresentados e os que devem figurar como narrativas de experiência pessoal segundo o modelo apresentado por Labov (1997, p. 3).

nomenclatura, apesar de não se enquadrarem perfeitamente nos conceitos labovianos que delimitam os modelos específicos apresentados como objetos de seus estudos.

Ter uma nomenclatura facilita de muitos modos a referência a essas histórias, ainda que se deva sempre ter em mente suas diferenças para com as proposições de Labov (1997, p. 3).

Há outro ponto importante a ser estabelecido preliminarmente. Labov (1997, p. 8) afirma sobre as narrativas que uma coisa fundamental é perceber que elas sempre contêm um núcleo temático que é evidenciado por meio do principal fato relatado, denominado "evento mais relatável". Esse tipo de evento se constitui num acontecimento "[...] central para a estrutura organizadora da narrativa" (LABOV, 1997, p. 8). O autor também explica que há temas que são naturalmente mais interessantes e que chamam mais a atenção dos interlocutores: "Os princípios universais de interesse que subjazem a essa abordagem da narrativa estabelecem que alguns eventos sejam sempre portadores de um grau maior de relatabilidade: os que tratam de morte, de sexo e de indignações morais" (LABOV, 1997, p. 9).

Para os casos dos relatos aqui analisados, esse elemento que Labov (1997, p. 8-9) chama de "fundamental" também é enfocado sob essa mesma apreciação e os núcleos temáticos neles encontrados se referem a questões morais[33]. Todavia, diferentemente da forma que Labov (1997, p.9) utiliza para depreender o núcleo temático das narrativas, por meio dos eventos mais relatáveis, neste estudo eles são depreendidos de trechos em que o narrador realiza certo resumo sobre os acontecimentos informados e apresenta alguma forma de conclusão ou avaliação sobre eles.

Há dois principais motivos pelos quais se procede assim neste estudo. O primeiro está ligado à diferença de objetos, tendo em vista o fato já observado das distinções entre as narrativas aqui dispostas e os tipos de narrativas com que Labov (1997, p. 3) desenvolve suas proposições. O segundo motivo, apresenta-se com a diferença de objetivos, tendo em vista que os estudos labovianos almejam compreender o funcionamento e as funções de cada parte das narrativas e seus efeitos nos ouvintes (LABOV, 1997, p. 1), enquanto que os objetivos deste estudo é perceber o que as narrativas podem revelar sobre as influências do pensamento narrativo na constituição de um perfil cultural específico, o da cidade de Porto Velho.

---

[33] Aqui será sempre utilizado o conceito retirado de Ferreira Netto (2008, p. 54), que utiliza a expressão "questões morais" ao invés de "indignações morais", pois parece ser mais abrangente e mais adequado aos propósitos deste estudo.

Mais adiante serão apresentadas outras explicações sobre o pensamento narrativo, por enquanto, é importante estabelecer que Bruner (2002, p. 12) distingue dois tipos de pensamentos pelos quais a humanidade constrói suas realidades, um é o pensamento narrativo e outro o pensamento argumentativo. O primeiro estabelece relações de verossimilhanças que influenciam no comportamento social ao dar sustentação a conceitos do senso comum; quanto ao segundo, também denominado pelo autor como pensamento paradigmático ou lógico-científico, ele fundamenta a visão científica, com o qual ela procura estabelecer sentidos de "verdades" lógico-racionais. O pensamento argumentativo também pode ser visto como operando por meio dos discursos oficiais das instituições com poder de governo da vida social.

Assim, com base nessas definições preliminares, pode-se passar agora a delimitar os trechos em que os narradores apresentam resumos e avaliações sobre os acontecimentos informados, a fim de esclarecer os motivos da afirmação de que esses relatos possuem como núcleos temáticos questões morais.

Na narrativa do informante A, um trecho que demonstra uma forma conclusiva aparece nas linhas 38-40:

38 39 40	[...] Cortei seringa em diversos cantos. Eu vim pro seringal porque eles contavam que era uma maravilha, no entanto, nós só encontramos dissabor na vida. [...]

Na do informante B, nas linhas 41-53:

41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53	[...]A minha família era gente destemida. Gente destemida. O Governo convocava e dizia: "Lá é riqueza". Os caras do Governo... Nem era o Governo. Os caras desenharam... Desenharam uma seringueira... Desenharam uma seringueira, assim, com as borrachas como jaca, só pregada na madeira. As borrachas desse tamanho assim... Desse cumprimento... Era a propaganda. Aí, quando o cabra via, dizia: "O que que é isso aí?" "isso é a borracha. Chega lá você é só ir arrancando e botando nas costas e ir vendendo. É só vender lá e ajuntar dinheiro com gancho, com rodo". Aí vinha todo mundo com essa ideia de ajuntar dinheiro com rodo, mas quando chegava era perseguição de todo jeito: índio, cobra, jacaré, lagarta, tudo. Então, a gente aqui sofreu de verdade. Aqui tinha de tudo, só não tinha era bondade. Tinha de tudo, só não tinha bondade com a gente. O Governo nos enganou. Mandou pra cá. Foi mesmo que extraditaram nós pra Amazônia.

Com o informante C, observa-se nas linhas 09-13:

09 10 11 12 13	[...]Daí, de lá eu saí em 1970. Quando eu comecei a cortar a seringa o quilo era duzentos réis. Meu pai dizia: “Meu filho, tá na vez de ganhar dinheiro”. Mas só os patrões mesmo é que ganharam dinheiro com seringa. Só dava pra patrão. Eles ganhavam porque roubavam demais. [...]

Essas três narrativas apresentam situações ligadas às migrações de pessoas para a Amazônia para trabalharem com a coleta do látex da seringueira. A questão moral se manifesta nos depoimentos sobre as formas como esses trabalhadores foram enganados, explorados e mal tratados. As autoridades e responsáveis por contratações, transportes e assentamentos, assim como também os donos de seringais, seus patrões diretos, os iludiram por meio de promessas de que se tornariam ricos trabalhando com o látex e utilizaram de meios ilícitos para mantê-los nesses trabalhos. Os informantes afirmam terem sido ludibriados por propaganda enganosa acerca de fácil enriquecimento e iludidos nas relações com os patrões que os exploravam comercialmente, elevando demasiadamente os preços dos víveres de manutenção básica e mantendo-os, desse modo, constantemente na condição de seus devedores.

Dessa forma, observa-se que essas narrativas tratam de acontecimentos que ferem pontos de ética social, tais como a exploração de trabalho alheio, o ludibrio de autoridades para aliciar contratados para os serviços nos seringais e ainda outros mais. São questões que agridem a moral individual e os consensos normativos da vida em sociedade, de forma que o centro temático dos relatos refere-se a questões morais e os acontecimentos das migrações por meio de propaganda enganosa, os maus tratos e a exploração dos trabalhadores agrupam as informações mais destacáveis das narrativas.

Os relatos dos informantes D, E e F mantêm a mesma temática que confere relatabilidade às histórias dos informantes A, B e C, ou seja, as questões morais. Os trechos de suas narrativas que destacam esse núcleo temático se referem à paralisação das atividades da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré[34].

Nos relatos do Informante D, isso pode ser visto nas linhas 39-53:

39 40	[...] Os militares venderam muita máquina. Esse pátio que o senhor tá vendo por aqui, aqui era cheio de maquina, maquinário do tempo da construção.

[34] A seguir, a sigla EFMM será utilizada para se referir a essa estrada de ferro.

41	Draga à vapor, britonera à vapor, tudo era à vapor naquele tempo, guindaste,
42	tudo... Isso aqui, tinha máquina que você pensava... Você tinha que pará pra saber
43	o que era... O que ela fazia no tempo da construção. Tava isso aqui tudinho cheio
44	de maquinário do tempo da construção que foi tudo jogado aqui. O Batalhão
45	vendeu tudinho. Vendeu... Vendeu o que era sucata e o que era até um lote de
46	ferro, ali, de toda espessura que tinha, que não tinha mais fim. Pra fazer eixo de
47	vagão, de locomotiva, de automotor e do que quizesse investir. Ferro de quatro
48	polegadas de espessura, de seis polegadas, de oito. Vendeu tudo. Só parou de
49	vender porque alguém lá de São Paulo viu e denunciou. Aí é que veio ordem pra
50	para de vender. Foi o Manoel Rodrigues. Eu cheguei a ver ele uma vez aqui. Ele
51	chegou a vir uma vez aqui. Pois é, aí foi que mandaram parar, porque senão, ainda
52	hoje o Batalhão ainda tava vendendo os ferro velho da Estrada aqui. Ferro velho e
53	ferro bom.

Nos relatos do Informante E, nas linhas 27-33:

27	[...] Ao todo, tinha vinte e cinco locomotivas.
28	Quase tudo se perdeu. Tão jogadas aí. A ferrugem tá comendo tudo. Essa
29	ferrovia nunca devia ser extinta. Porque é uma ferrovia de grande necessidade.
30	Até hoje, tudo que começou, começou por essa ferrovia. Essa oficina é a terceira
31	do Brasil. Em vez de ser longe, era bem equipada. Tinha tudo a vapor. Tinha
32	máquina aí que deixou de funcionar porque morreu o cara que sabia e depois
33	ninguém mais mexeu.

E nos relatos do Informante F, nas linhas 61-75:

61	[...] Mas olha, sobre a Estrada de Ferro, o problema foi político,
62	pelo meu entendimento. O Presidente daquela época mandou fazer aqueles
63	tratores e queria vender. Ele baixou um decreto lei que toda a ferrovia que tivesse
64	menos que quinhentos quilômetros não seria mais concluída, porque dava mais
65	prejuízo do que lucro. Como é que era o nome dele? Deixa eu ver... Era... Acho
66	que foi o Castelo Branco. Parece que foi ele que fez uma fabrica de trator e
67	baixou o decreto. Quer dizer, no meu entendimento, foi porque não havia motivo
68	de extinguir a estrada de Belém-Bragança, que tinha duzentos e poucos
69	quilômetros. Eu conheço também, eu fui lá. Então, ele baixou que toda a ferrovia
70	que tivesse menos que quinhentos quilômetros fosse extinta, porque dava mais
71	prejuízo do que lucro, com intenção de vender os tratores que ele fabricou
72	naquele tempo. Revoltou muita gente. Revoltou os bolivianos. Outro dia eu vi
73	um boliviano reclamando. Aquela ponte que tão querendo fazer agora era pra ser
74	feita naquela época, junto com a Estrada de Ferro. As locomotivas iam passar por
75	cima das pontes e entrar Bolívia adentro.

Nas narrativas dos informantes G e H a temática sobre questões morais aparece agora ligada a relatos sobre experiências com os garimpos das regiões próximas a Porto Velho. Os trechos que podem ser destacados como reveladores do núcleo temático na narrativa do Informante G, aparecem nas linhas 38-43:

38 39 40 41 42 43	[...] Aí, o garimpo tava no auge e eu quis conhecer o garimpo de ouro. Porque eu ouvi falar que rolava muito dinheiro. Eu conhecia muitos clientes do banco que eram garimpeiros e voltavam com muito dinheiro. Eles falavam do garimpo e de muito dinheiro que rolava lá. E falavam da facilidade de conseguir. Aí, eu me juntei com um deles e fui pro garimpo, em 1987. Foi quando eu entrei no garimpo. [...]

E nas linhas 120-130 dos relatos do mesmo informante:

157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167	Eu vi algumas pessoas ganharem dinheiro com garimpo, mas quase todo mundo que eu conheço quebrou no garimpo. Teve gente que fez muito investimento e não tirou nem o que botou lá. A grande maioria das pessoas do garimpo acabam ficando por lá mesmo. Gastam dinheiro nos cabarés, nas currutelas.[35] Alguns produziram muito ouro, investiram e ganharam bastante, como o Motinha, Chico Torres, Chico Pernambuco. Tinha o Camelo, também, que montava draga e dava pras pessoas trabalhar e dar a parte dele. Esses caras ganharam muito, e eles também botaram loja de compra de ouro na cidade. Mas os que eu conheci mesmo de perto não se deram bem não. Muita gente teve o sonho de vender casa, carro e tudo, mas acabou perdendo tudo. Os aventureiros quebraram. E teve os que fizeram investimento e quando viram já um certo retorno saíram logo. [...]

Como também nas linhas 60 a 68 da narrativa do Informante H:

62 63 64 65 66 67 68 69	[...] Muita gente perdeu tudo só em droga, bebida e com mulher. Tinha muito marginal, mas também tinha muita gente boa. Tinha muito fazendeiro, médico, tinha gente de outros lugares. Mas era difícil guardar dinheiro porque o pessoal não sabia como se manter no garimpo, porque você não pode gastar pensando que vai recuperar aquilo de novo. O máximo que pode gastar é 40 por cento, os outros 60 por cento tem que ficar de reserva, porque senão quebra mesmo. Lá tinha de tudo, da uva ao pêssego, mas era tudo muito caro. A maioria perdia tudo por causa de bebida e droga, mas também por causa

[35] Pequenos comércios que surgem no entorno das áreas de garimpos.

70	da careza das coisas. [...]

Essas sentenças informam sobre a força atrativa dos garimpos, em que pessoas de muitas regiões, classes sociais e tipos de profissões variadas dedicaram-se à exploração de riquezas, mas a tentativa de enriquecimento farto, rápido e fácil conduziu a maior parte desses garimpeiros a muitos prejuízos e armadilhas. Alguns conheceram a ruína financeira, a decadência moral e outro foram levados à morte.

3.1.1 Narrativas de seringueiros e estrutura diacrônica

Nas proposições de Labov (1997, p. 8) para análise de narrativas orais de experiência pessoal, uma coisa importante de se depreender das histórias é o principal evento que fornece o sentido de relatabilidade. Esse evento funciona como eixo pelo qual as sequências encontram-se ligadas ao núcleo temático e é denominado pelo autor como “evento mais relatável”. Bruner (1991, p. 19), por sua vez, observa a importância de observar nas narrativas suas ligações com uma “estrutura diacrônica”. Trata-se de um conceito mais ou menos semelhante às concepções de núcleo temático e evento mais relatável, no sentido de que a estrutura diacrônica também pode dar a perceber um eixo de coesão e coerência das narrativas, no entanto, ela não se constitui necessariamente em alguma das sentenças de uma narrativa que funcione como eixo de coesão e com a função da relatabilidade como apresenta Labov (1997, p. 19). A estrutura diacrônica pode se apresentar na forma de uma sentença da narrativa, mas também pode ser uma proto-história da qual ela deriva, ou um evento histórico e até mesmo uma específica visão de mundo que contenha a capacidade de fazer originar muitas histórias ou versões diferentes de uma mesma história. Basta que se lhe acrescente particularidades diferentes, que Bruner (1991, p. 17) denomina de acréscimos narrativos, para que uma estrutura diacrônica funcione como eixo de uma nova narrativa.

As estruturas diacrônicas apresentam um problema surgido por meio de um acontecimento em que um significado é aplicado pelo senso comum. Como exemplo, pode-se dizer que a história Chapeuzinho Vermelho seja baseada numa estrutura diacrônica que apresenta um acontecimento tal como: uma menina anda sozinha por um local perigoso e acaba se tornando vítima de uma ocorrência dramática. Muitas versões

de histórias podem ser montadas tendo por base o desvio da norma - meninas não devem andar sozinhas em locais perigosos – de forma que as consequências podem mudar de história para história, mas um sentido se torna fixo: consequências desastrosas podem ocorrer quando essa norma social é quebrada.

As narrativas dos informantes A, B e C são relatos de seringueiros que mantêm ligações com a região de Porto Velho e proximidades, mas a estrutura diacrônica contida em suas histórias pode ser aplicável a relatos de muitos outros seringueiros, dentre os milhares que migraram para a Amazônia em condições semelhantes para executarem o mesmo tipo de trabalho.

Como proposta de estrutura diacrônica para essas histórias, neste estudo se oferece esta:

Homem (mulher/família) emprega-se para o trabalho em seringais amazônicos ansiando enriquecer e aderindo a uma poderosa propaganda. Após a experiência de muitos sofrimentos entende que está preso a um sistema desumano de explorações e enganos.

3.1.2 Narrativas de ferroviários e estrutura diacrônica

Nas narrativas dos informantes D e F, como se pode observar, discorre-se sobre as causas da paralisação da Ferrovia. O Informante E, por sua vez, não trata sobre causas possíveis, mas apenas apresenta o fato da extinção da Estrada como algo sobre o qual se deve lamentar. O lamento sobre a paralisação da EFMM pode ser considerado uma estrutura diacrônica que, de forma bem resumida, poderia ser apresentada da seguinte maneira:

A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré é um grande empreendimento que foi abandonado.

Contudo, poderia ser um pouco mais extensa levando-se em conta certos elementos importantes que envolvem esse acontecimento e que são vistos comumente nos conceitos do senso comum. Pode-se pensá-la da seguinte maneira:

A EFMM teve seus tempos de glória quando transportava as riquezas do Brasil e da Bolívia, mas entrou em decadência e foi abandonada por culpa de autoridades que cooperaram para seu abandono e destruição.

Esta forma estendida parece ser mais correta tendo em vista que o termo "abandono" comporta uma carga semântica muito forte que faz supor um sentido causal, isto é, alguém, instituição ou pessoa, que deveria cuidar do patrimônio não cuidou e por isso a Estrada foi abandonada. Assim, parece que a segunda proposição tem um alcance maior e pode também englobar narrativas como a do Informante E.

O lamento sobre a paralisação e o estado de abandono da EFMM pode ser visto como parte do aspecto cultural de Porto Velho, uma estrutura diacrônica capaz de fazer surgir muitas histórias sobre o assunto. O conceito de fato censurável tem sido construído culturalmente tanto pelo pensamento paradigmático como pelo pensamento narrativo, principalmente nas décadas subsequentes ao período do Governo Militar.

A paralisação da EFMM acompanha o processo de extinção de diversas ferrovias brasileiras entre os anos finais da década de 1960 e início da de 1970 (PAULA, 2000, p. 1). As rodovias passaram a ser vistas como sinais de progresso e as ferrovias símbolos de uma expectativa frustrada de modernidade, um investimento que não vingou e se tornou antieconômico.

Ferreira (2005, p. 376) afirma que os militares paralisaram as atividades da EFMM e iniciaram sua venda como sucata. Pensava-se que ela deveria ser substituída por uma rodovia.

> Esses são os tópicos principais da notícia publicada pelo "O Estado de São Paulo", de 4 de julho de 1971. E após essa notícia, fui procurar saber o que se passava; vim a saber então que, pelo decreto nº 58501, de 25 de março de 1966, o Presidente Castelo Branco havia transferido a responsabilidade do tráfego da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, da Rede Ferroviária Federal S. A., para a Diretoria de Vias e Transportes, do Ministério da Guerra. E pelo referido decreto, cumpria ao 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC), sediado em Porto Velho, substituir a E. F. Madeira-Mamoré por uma rodovia. O que agora, nesse ano de 1971, estava sendo feito (FERREIRA, 2005, p. 375 – 376).

Segundo Paula (2000, p. 8), o Estado brasileiro procurou convencer as pessoas da importância da extinção de ferrovias. Aos poucos, esse discurso tornou-se aceitável para muitos, mas em Porto Velho, os trabalhadores da EFMM, passados à condição de

funcionários do 5º Batalhão de Engenharia e Construção, resistem à desativação da EFMM e à sua venda como sucata.

> É um trabalho difícil: as 22 locomotivas, que estavam empilhadas no pátio do 5º Batalhão de Engenharia e Construção, tiveram que ser cortadas uma a uma antes de serem colocadas nos veículos. E a maioria das rodas e caldeiras custaram muito a ser carregadas até aos 80 caminhões que já chegaram a São Paulo: os ex-empregados da ferrovia, os únicos que podem auxiliar Aderbal nesta operação, não querem que a Estrada desapareça. Toda vez que Aderbal pede a sua ajuda, a resposta é a mesma: 'Só trabalhamos se o Exército mandar'. E então Aderbal tem que recorrer ao 5º Batalhão responsável pela estrada de Ferro Madeira-Mamoré (FERREIRA, 2005, p. 35).

Segundo Ferreira (2005, p. 377), apesar de muitas toneladas de ferro ter seguido como sucata para fornos de São Paulo, a venda da Estrada foi sustada por causa da movimentação de jornalistas que noticiavam o acontecimento como um desrespeito ao patrimônio público. Com a instalação do Estado de Rondônia, no ano de 1981, a EFMM passou a figurar como um símbolo de sua história e como patrimônio cultural da região. O sentido simbólico sobrepuja o sentido pragmático. Desse modo, tanto o senso comum, alimentado pelo pensamento narrativo (BRUNER, 2002, p. 41), quanto os discursos oficiais e institucionais, nutridos pelo pensamento paradigmático, passam a estimular a crítica e a lastima ao estado de abandono da EFMM como um caso moralmente condenável[36].

É provável que o conceito de patrimônio simbólico venha projetando uma imagem que vai fazendo sombra a outra visão bastante tradicional e que por muito tempo tem frequentado o senso comum, a noção da "ferrovia do diabo que corta o inferno verde" ou "ferrovia da morte", como muitos a chamaram. Essa imagem produziu outro tipo de estrutura diacrônica que apresenta a Ferrovia como cercada por desgraças, doenças e morte. O grande número de trabalhadores que faleceu nos tempos de sua construção e as desventuras das primeiras empresas construtoras ajudou a promover a visão de "ferrovia maldita".

---

[36] Apesar dos muitos discursos, a situação da EFMM permanece a mesma, ou seja, em situação de abandono. Ao longo da margem dos trilhos, ou do que restou deles, acham-se muitos vagões e locomotivas apodrecendo a céu aberto. Muitos discursos ainda são emitidos, mas não se vê iniciativas concretas no sentido de restaurar esse patrimônio.

É importante abordar um pouco esse assunto neste ponto da análise, quando se está tratando de estruturas diacrônicas, pois ele é outro elemento importante da cultura de Porto Velho. As narrativas que são aqui analisadas não se reportam a esse elemento cultural, mas essa ausência pode revelar sentidos como os que Bellei (2000, p. 112) denomina de "inconsciente textual", uma vez que a visão de "ferrovia maldita" pode ser vista como contraponto à visão da EFMM como uma "glória" do povo portovelhense[37].

Algumas frases emblemáticas ajudaram a edificar no imaginário do senso comum a ideia de "ferrovia maldita" e tornaram-se, por si mesmas, estruturas diacrônicas que têm rendido muitas histórias ao longo de muito tempo entre os habitantes de Porto Velho[38]. Essas frases também figuram como formas pelas quais a EFMM passa a ser identificada. Ferreira (2005, p. 299) lida com uma delas: "Cada dormente representa uma vida humana", na intenção de desmistifica-la. O autor informa que um membro da sociedade de Geografia do Rio de Janeiro a registrou num livro intitulado Amazônia, em 1942. Depois, a mesma frase apareceria publicada em Espanhol, em 1950, no livro de um trabalhador dos tempos da construção da EFMM. Mas Ferreira (2005, p. 299) não esclarece se a tal frase já existiria antes desses livros ou se foi a partir deles que passou a existir. Isso seria importante saber tendo em vista o que Câmara Cascudo (2011) apresenta sobre a constituição do folclore: "os elementos característicos do folclore são: a) Antiguidade; b) Persistência; c) Anonimato; d) Oralidade" (CASCUDO, 2011, p. 23). Assim, caso a frase não seja originada dos livros apresentados por Ferreira (2005, p. 299), ela poderia ser avaliada como peça do folclore portovelhense, pois seria antiga em relação à idade da cidade; teria o aspecto de

---

[37] Esse conceito será mais abordado adiante neste estudo, por ora, importa somente ressaltar o assunto.

[38] A frase "cada dormente representa uma vida humana" instalou-se no imaginário popular e tornou-se uma estrutura genérica à qual o acréscimo de particularidades faz surgir ainda muitas narrativas. No trabalho de pesquisa de campo, realizado com intenções de coletar relatos para esta exposição, deparou-se bastante com histórias fundamentadas nessa frase. São casos de assombração, visões sobre o trem correndo na estrada à noite, luzes que aparecem e desaparecem, sons do trem correndo sobre os trilhos sem que nada seja visto, enfim, há uma série de acontecimentos fantasmagóricos que ainda são relatados, principalmente por moradores das margens da EFMM, próximos ao antigo cemitério da Candelária. Essas narrativas não estão transcritas aqui, mas algumas fazem parte do trabalho intitulado Marcadores de Transição entre Tradição Oral e Tradição Escrita em Narrativas Orais (MENGHI & VEGINI, 2003), que utilizou alguns dos relatos que foram colhidos em campo por ocasião da pesquisa que fundamenta esta exposição.

persistência, pois ainda atualmente é possível vê-la em uso na cultura local; teria a característica de anonimato, por não se saber sua autoria, e a oralidade é, sem dúvidas, sua principal mídia de transmissão.

3.1.3 Narrativas de garimpeiros e estrutura diacrônica

Uma proposição de estrutura diacrônica para narrativas sobre os garimpos de Porto Velho poderia ser:

Buscando o enriquecimento rápido nos garimpos de Porto Velho, muitos são levados à ruína e à morte.

Durante o período mais movimentado desses garimpos, tendo em vista as grandes expectativas de crescimento econômico da região com a movimentação de setores como os do comércio e dos serviços, os conceitos relacionados com essa proposição de estrutura diacrônica pareciam não incomodar muito a sociedade local. Cedo, porém, anunciavam-se já preocupantes problemas sociais e ambientais decorrentes das atividades de garimpagem, e eles passaram a aumentar ano a ano sem que medidas incisivas por parte da sociedade fossem tomadas.

> O garimpo cresceu muito rapidamente e em seu apogeu dos anos oitenta reuniu milhares de balsas e dragas, ocupando dezenas de milhares de trabalhadores, homens e mulheres, analfabetos e doutores, siderados pela febre do ouro. Um garimpo desta dimensão transforma e transtorna a vida das cidades que estão em sua órbita. Além das 'fofocas' no rio, o garimpo se expande para os centros urbanos, com incontáveis lojas e pontos de compra de ouro, onde novamente se amalgama ouro e se queima mercúrio, com indústria metal-mecânicas destinadas à construção, manutenção e conserto de balsas, dragas, motores, flutuadores. As cidades são impactadas com os serviços que orbitam em torno das atividades e necessidades dos garimpeiros, com as epidemias que se multiplicam incontroláveis pelo incessante ir e vir das pessoas. [...] além das pessoas envolvidas diretamente com a coleta do ouro, o garimpo gesta um modo de vida caracterizado pela ausência da lei, ou melhor, pela constituição de um aparato legal próprio, pelo uso constante e intempestivo de armas, pelo recurso à violência, pela banalização da morte, pelo uso intensivo de drogas, pela prostituição. A maior parte do ouro é contrabandeado. Assim, quando paulatinamente o estoque aurífero é consumido, restam para as cidades os doentes, os desempregados, os desenganados, o comércio falido, a degradação ambiental e a poluição por mercúrio (OTT *et alii*, 2009, p. 12-13).

Quando os garimpos entraram em decadência, no início dos anos de 1990, muitos discursos sobre os problemas dos garimpos passaram a circular sobejamente, de forma que a estrutura diacrônica acima proposta, pode-se dizer, passou a ser representativa da visão sobre as atividades de garimpagem nas proximidades da cidade de Porto Velho.

3.1.4 Sobre o primeiro ponto da análise

As narrativas apresentadas como *corpus* deste estudo se referem a acontecimentos vividos por seus narradores, mas devem ser vistas como mais que apenas narrativas de experiências pessoais segundo o modelo apresentado por Labov (1997, p. 3) para esse tipo de narrativa, pois elas recontam não apenas o passado dos informantes, mas também acontecimentos que envolvem importantes segmentos sociais da sociedade portovelhense: o dos seringueiros, o dos ferroviários e o dos garimpeiros. Além disso, elas apresentam julgamentos e pontos de vista a respeito dos acontecimentos e assuntos sobre os quais se reportam.

As proposições de estruturas diacrônicas captadas dos relatos, embora não devam ser vistas como fórmulas definitivas daquilo que elas pretendem ilustrar, visto que são apenas proposições exclusivas deste trabalho, propiciam perceber formas pelas quais o pensamento narrativo realiza a organização do senso comum funcionando como pequenos resumos de grandes e fundamentais eventos da história e da constituição sociocultural da sociedade portovelhense[39]. Elas possuem a capacidade de fazer surgir muitas outras histórias que poderiam ser montadas com a conexão de acréscimos de particularidades de outros narradores.

Os *corpus* possuem como núcleo temático questões morais que as estruturas diacrônicas permitem perceber claramente. No caso dos seringueiros, isso é visto na forma de terem sido iludidos para se aventurarem como coletores do látex da seringueira na Amazônia; com os ferroviários, as questões morais surgem na forma de como a EFMM foi paralisada e abandonada pelas autoridades; no caso dos Garimpeiros,

[39] Sobre as formas de organização do senso comum pelo pensamento narrativo, mais adiante ficará melhor explicitado.

a questão moral se apresenta na forma de como tantos problemas sociais e ambientais foram ignorados pela sociedade portovelhense e de como tantas pessoas conheceram neles a decadência moral e material.

As questões morais presentes nessas narrativas estão ligadas a acontecimentos marcantes na formação histórica e sociocultural da sociedade portovelhense. Em sua capacidade de organizar o senso comum, o aspecto mais importante das narrativas se verifica na forma como elas realizam a função de tornar compreensíveis os afastamentos aos padrões culturais canônicos da sociedade. É por meio dessa capacidade que atua seu caráter de verossimilhança (BRUNER, 202, p. 50), tornando-as importantes instrumentos que ajudam a modelar comportamentos. Assim, em vista dessa modelagem de comportamentos, os narradores assumem como visões próprias aquilo que muitas vezes apenas reflete significados construídos coletivamente que passam a ser adotados como ponderações particulares. Por isso, as narrativas são, além de instrumentos de construção da realidade social, também instrumentos que permitem compreender com maior profundidade a constituição cultural de um grupo social.

Ao longo desta exposição, espera-se que essas afirmações se tornem mais claras à medida que se passe a destacar os dois principais tópicos sobre a construção narrativa, que são a capacidade que possuem para explicar desvios da norma e suas funções na construção de significados partilhados. É isso que se passa a perseguir nesta análise por meio das características das narrativas propostas por Bruner (1991).

3.2 Características de Nível Baixo: Particularidades e Referencialidades

Em seu artigo A Construção Narrativa da Realidade (BRUNER, 1991, p 1-22), Bruner (1991, p. 5-19) enumera dez características que as narrativas possuem e que lhes fornecem a capacidade de atuarem como modeladoras do senso comum. Apesar de que elas apareçam nesse trabalho segundo uma ordem enumerada, em outros de seus trabalhos essas mesmas características surgem fora de uma ordem regular, ou seja, ele não segue a mesma ordem apontada no artigo, isso permite compreender que a proposta

de enumeração não significa que as características devam ser vistas como apresentadas segundo um padrão definido de aparecimento nas narrativas[40].

Ferreira Netto (2008, p. 53), por sua vez, apresenta essas características das narrativas apontadas por Bruner (1991, p. 5-19) segundo uma subdivisão em dois grupos: as de nível baixo e as de nível alto. As características de nível baixo são vistas como aquelas que atuam diretamente sobre os elementos da narrativa e sobre os fatos da enunciação e suas referências, o conjunto engloba as características de particularidades, referencialidades, genericidade, sensibilidade ao contexto e negociabilidade e acréscimo narrativo. Não se observa nessa forma de apresentação de Ferreira Netto algum acréscimo ou a retirada de algum elemento importante dentre as proposições de Buner (1991, p. 5-19) para essas características, mas apenas uma maneira de facilitação do trabalho de análise.

Iniciando a examinar os relatos aqui dispostos à análise por meio dessas características, é importante antes informar que os aspectos de particularidades e referencialidades apresentados pelos narradores serão comparados com fontes literárias e outros materiais descritivos e argumentativos sobre vários entre os eventos históricos mencionados. Esse trabalho comparativo mostra-se produtivo para orientar a leitura situando os acontecimentos com relação a datas, locais e a outras informações pontuais, mas também é interessante pela possibilidade de se colocar em paralelo o pensamento narrativo e o pensamento argumentativo numa forma de observação quanto aos seus modos próprios de registro, análise, julgamento e formas de exposição dos acontecimentos. Por isso, e também porque se procura demonstrar formas de compreensão e suposições de denotações possíveis para a visão dos narradores, essa parte se constitui na mais longa dentre todas as da análise. Somente após esse exame sobre as particularidades e referencialidades é que se passa a tratar das outras características de nível baixo, as de genericidade, sensibilidade ao contexto e negociabilidade e acréscimo narrativo.

Sobre particularidades e referencialidades, Bruner (1991, p. 6) esclarece que as narrativas se reportam a questões particulares, embora existam muitas histórias planas com tipos bem genéricos que são quase que repetições de outras histórias. As particularidades não são em si mesmas um objetivo das narrativas, mas veículos que transmitem referências pessoais ou coletivas conforme o propósito da enunciação. Elas

[40] Bruner (2002, p. 12-60) e Bruner (2002, p. 3-57).

enriquecem a estrutura plana de uma estrutura diacrônica relacionando-a a experiências pessoais, mas é essa estrutura que é a parte mais importante das histórias.

As narrativas aqui apresentadas reportam-se principalmente a referências coletivas devido à intencionalidade da enunciação. Entre as particularidades e referencialidades expostas pelos informantes, muitas podem ser vistas como representativas da visão de mundo e de experiências partilhadas por seringueiros, ferroviários e garimpeiros.

Na sociedade portovelhense, seringueiros e ferroviários são os segmentos mais antigos e os que mais influenciaram na sua formação cultural. Durante quase a metade do tempo de existência da cidade esses segmentos coexistiram num espaço urbano de pequeno porte com pouquíssimas alternativas de ligações com outras regiões[41]. Até meados dos anos de 1970, mais ou menos, Porto Velho foi quase que uma ilha rodeada pela espessa floresta amazônica[42], de forma que esses segmentos de sua sociedade devem ser vistos como os principais agentes responsáveis pela instituição de padrões de comportamentos sociais e principais desencadeadores de sua rede institucional de significações, "[...] que porta os padrões de moralidade e de excelência, dos direitos e dos deveres" (FERREIRA NETTO, 2008, p. 25), tanto quanto também "[...] estabelece os padrões comportamentais dos papéis organizadores da sociedade [...]" (FERREIRA NETTO (2008, p. 26).

Assim, pode-se compreender que durante muito tempo seringueiros e ferroviários foram segmentos que influenciaram a coletividade e também cada indivíduo em sua formação cultural. Sobre a formação do indivíduo por meio da interação entre sujeito e sociedade, Linton (1981), antropólogo americano, ainda pelas primeiras décadas do século XX, já apresentava as influências da cultura para a formação da personalidade individual:

> Há, indubitavelmente, uma relação íntima entre esta configuração da personalidade e a cultura da sociedade a que o indivíduo pertence. Na medida em que constitui alguma coisa mais que uma abstração feita pelo pesquisador, a cultura só existe no espírito dos indivíduos que compõem uma sociedade. Suas qualidades provêm das personalidades desses indivíduos e da sua interação. Inversamente, a personalidade de cada um dos indivíduos existentes no interior da sociedade desenvolve-se e funciona em associação

[41] Atualmente, Porto Velho conta 98 anos desde sua fundação.
[42] Foi com a construção da estrada BR364, em 1961, que a ligação com outras regiões tornou-se mais dinâmica.

> constante com sua cultura. As personalidades afetam a cultura e a cultura afeta a personalidade (LINTON, 19881, p. 439.).

Linton (1981) chama de personalidade ao "conjunto das qualidades mentais do indivíduo, isto é, a soma total de suas faculdades racionais, percepções, ideias, hábitos e reações emocionais condicionadas" (LINTON, 1981, p. 439). Parece que essa noção poderia equivaler ao que teóricos mais atuais denominam de "sujeito sociológico". Segundo Hall (2001) o sujeito sociológico seria o indivíduo cuja identidade pessoal "preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' – entre o mundo pessoal e mundo público" (HALL, 2001, p. 11). Para os propósitos deste estudo, esses termos são vistos como equivalentes, a fim de se perceber que a noção das influências do social sobre o individual são propostas por autores mais antigos como também por mais recentes, apesar de que Hall (2001) procure demonstrar que mudanças muito grandes podem estar se processando na visão de identidade pessoal devido às influências da globalização que poderiam fazer surgir o "sujeito pós-moderno" (HALL, 2001, p. 12).

Entre as proposições de Linton (1981) para a compreensão da interação indivíduo e sociedade, é interessante acompanhar o que ele apresenta como s*tatus* e papel. Segundo esse autor, há a "existência de padrões de comportamento recíproco entre os indivíduos ou grupos de indivíduos" (LINTON, 1981, p. 117), e a posição de cada indivíduo na sociedade seria o seu *status* pessoal. Ao *status* equivaleria direitos e deveres correspondentes, e "O papel representa o aspecto dinâmico do *status*. O indivíduo é socialmente investido num *status* e o ocupa em relação a outros *status*. Ao efetuar os direitos e deveres que constituem os *status* está desempenhando um papel" (LINTON, 1981, p. 118).

Ainda seguindo Linton (1981), deve-se destacar a distinção entre *status* adquirido e *status* atribuído. Um tem a ver com as condições herdadas naturalmente por um indivíduo em seu nascimento, tais como as condições de gênero ou títulos de nobreza, por exemplo, e o outro se refere às posições sociais que o indivíduo obtém por meio da competição e do esforço pessoal, tal como a profissão ou cargos de honras conquistados por méritos pessoais, por exemplo.

Um mesmo indivíduo deve ocupar diversos *status*, de forma que pode ter seu *status* atribuído como homem e membro de certa família, e seu *status* adquirido como profissional e membro de uma confraria qualquer etc. Porém, socialmente considerado,

“o *status* de qualquer indivíduo significa a soma total dos *status* que ele ocupa” (LINTON, 1981, p. 117).

Igualmente, quanto aos papéis:

> Todo indivíduo tem uma série de papéis provenientes dos vários padrões de que participa; tem, ao mesmo tempo, um papel geral, que representa a soma total desses papéis e determina o que ele faz pela sociedade e o que pode esperar dela (LINTON, 1981, p, 118).

Sobre a constituição de identidades étnicas, Barth (apud FERREIRA NETTO, 2008, p. 23) demonstrando a importância dos padrões de moralidade e de excelência para a formação de um grupo étnico. Esses grupos se fundam pelo reconhecimento de fatores socialmente relevantes para os membros, que passam a estabelecer, por meio de sinais culturais que as pessoas exibem para demonstrar sua identidade, e por meio de padrões de moralidade e de excelência, os limites das diferenças entre desejável e indesejável em termos de perfil aceitável para os membros do grupo. Assim, a idealização dos comportamentos atribuídos aos papéis sociais faz parte do conjunto de sinais culturais, “que deve se manter institucionalizada, a despeito dos meios de transmissão que sejam seus portadores” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 24).

As narrativas, conforme afirma Bruner (1991, p. 4), estão entre as principais ferramentas culturais com que os humanos organizam suas experiências e memória dos acontecimentos. Elas são, portanto, fundamentais para a formação da rede de sinais culturalmente definidos que promove a manutenção da identidade de um grupo social, pois contém elementos que fornecem critérios de avaliação social. Dessa forma, enquanto elementos significativos da memória coletiva de um grupo, as narrativas ajudam a formar uma rede de conhecimentos que fornecem sentidos de coesão e coerência à identidade social do grupo. A organização de uma sociedade acontece pela distribuição de papéis sociais (ERREIRA NETTO, 2008, p. 23) e os membros de um grupo social devem se sujeitar ao conjunto de comportamentos consensualmente definidos e terem seus desempenhos avaliados segundo a idealização desses papéis. Essa idealização acontece por meio de uma complexa rede de significações, cuja função é manter institucionalizada a cultura própria do grupo que lhe dá sentidos de coesão e coerência sociais.

Com isso em vista, passa-se a tratar das características de particularidades e referencialidades dos relatos de seringueiros e ferroviários para somente depois, em sequência, passar-se a tratar dos relatos de garimpeiros. As particularidades escolhidas pelos narradores dizem respeito às experiências individuais, mas grande parte delas têm como referências os cenários, as experiências e visões de mundo representativas de uma coletividade, de forma que muitas experiências são semelhantes nos relatos dos narradores e muito do mundo referencial é similar entre as narrativas. Para os propósitos deste estudo, entre as particularidades e referências comunicadas devem ser destacadas as que tragam representações de uma memória coletiva, tais como as que enfatizam as formas de contratações dos seringueiros, os respectivos locais e datas, os tipos de sofrimentos vividos etc.

Quanto aos ferroviários, procura-se perceber em suas narrativas as experiências que retratam a EFMM em tempos de atividade. Procura-se também destacar as formas de relacionamento de suas histórias com fatos importantes para a vida da cidade de Porto Velho, além de outras formas de experiências e visões de mundo que possam ser tomadas com o sentido de representatividade desse segmento social na vida portovelhense.

Localizar pormenorizadamente as particularidades relatadas nas narrativas pode tomar muito espaço desta exposição, assim, numa visão analítica geral do que pode ser considerado mais destacável, uma tabela é apresentada com certas informações que figuram nas narrativas dos seringueiros, depois, comentários são tecidos sobre as particularidades, os cenários e as referências que elas comunicam.

3.2.1 Particularidades, cenários e mundo de referência nas narrativas dos seringueiros:

a) Particularidades que identificam os narradores:	O Informante A é originário de Parnaíba (PI), o Informante B é originário de Quixadá (CE) e o Informante C é do estado do Pará – de cidade não declarada.
b) Sobre as contratações para o trabalho nos seringais:	O Informante A alista-se em 1943, tendo à época entre os dezenove e vinte anos. Seu alistamento ocorre por meio da SEMTA[43], junto a outros duzentos jovens

[43] Uma entre as companhias que contratavam e promoviam a entrada dos trabalhadores nos seringais.

	solteiros de sua cidade, para os trabalhos no seringais. O Motivo que o levou a alistar-se foi a vontade de conhecer a capital do seu estado. O Informante B declara que foi o chamado do Governo brasileiro e as propagandas que levaram sua família a se envolver com o seringal. Sua contratação ocorre em 1943, pela SEMTA, tendo ele doze anos de idade. O Informante C adentra os seringais com um ano de idade e os motivos que levam sua família a migrar para os seringais próximos a Porto Velho é a tentativa de mudar sua condição socioeconômica.
c) Forma de migração:	O Informante A sai de Parnaíba (PI) em março de 1943. Após passar por diversos lugares, chega a um seringal em outubro do mesmo ano. A viagem do Informante B, entre Quixadá (CE) a Manaus, demora três meses, somente após algum tempo é que adentra o seringal de São Pedro, no Acre. O Informante C não apresenta detalhes sobre a forma como saiu do Pará e chegou aos seringais.
d) Chegada aos seringais:	O Informante A, em outubro de 1943, chega a um seringal à beira de um afluente do rio Negro, chamado caurés. O Informante B, após muitos meses desde que sai de Quixadá (CE), chega ao seringal de São Pedro (AC). O Informante C não fornece detalhes sobre sua chegada aos seringais da região de Porto Velho.
e) Sofrimentos, privações e constrangimentos:	Os informantes A e B afirmam terem sido enganados por falsa propaganda sobre as possibilidades de enriquecimento fácil nos seringais amazônicos e se depararam com muitos sofrimentos, endividamentos, solidão, risco de morte etc. O informante C declara que os patrões roubavam os seringueiros aumentando o preço das mercadorias.
f) Chegada em Porto Velho:	O Informante A chega em Porto Velho em 1981; o Informante B entre 1959 e 1960; o Informante C em 1945.

3.2.1.1 comentários às particularidades e referencialidades dos relatos dos seringueiros

Para que se possa estabelecer um sentido sequencial em relação aos cenários referenciados nas narrativas, convém iniciar os comentários pelos relatos do Informante C.

As particularidades escolhidas pelo narrador remetem a referências de matriz distinta das dos outros informantes. Sua entrada nos seringais próximos à região de Porto Velho e sua chegada à cidade é de um tempo anterior ao dos demais informantes e sua trajetória como migrante ocorre de um ponto para outro dentro da própria Amazônia. Isso permite supor que os eventos que influenciam os acontecimentos de sua história devam estar ligados ao que se denomina geralmente de Primeiro Ciclo da Borracha.

A borracha da Amazônia é proveniente do látex da *Hévea brasiliensis*, árvore típica da região, vulgarmente conhecida como seringueira. A coleta e exportação desse produto, depois que Goodyear descobriu a vulcanização, em 1840, promoveu um dos mais fortes ciclos da economia brasileira entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, após a experiência de Michelin, em 1895, utilizando a borracha na fabricação de pneus para automóveis:

> Isso levou a região Norte do Brasil, uma das mais pobres e desabitadas do país, a experimentar período de grande prosperidade. Interessadas na exploração dos seringais amazônicos, grandes empresas e bancos estrangeiros instalaram-se nas cidades de Belém e Manaus (SANTOS & MOTHÈ, 2006, p. 33).

A grande expansão da indústria e o aquecimento do mercado econômico mundial fizeram da borracha brasileira um dos produtos mais importantes em escala global. “A história da borracha natural no Brasil é um enredo que pouco fica a dever à corrida do ouro americana” (SANTOS & MOTHÈ, 2006, p. 33).

Com a grande seca da década de 1870, cujo clímax atingiu o período de 1877 a 1879, muitos nordestinos, principalmente sertanejos, migraram para outras regiões brasileiras. No início do século XX, de acordo com Nascimento (1998, p. 3), correntes migratórias foram formadas com o apoio do Governo Nacional e também com o

recrutamento feito por seringalistas amazônicos que contratavam nordestinos diretamente. Essa autora destaca que entre os anos de 1890 a 1910 não menos que meio milhão de pessoas deixou o Nordeste brasileiro. Uma parte seguiu em direção ao Sul, para as lavouras de café, outra seguiu em direção aos seringais amazônicos. Este fator é crucial para o rápido desenvolvimento que a exportação da borracha teve no Brasil.

Nascimento (1998, p. 2) afirma que no período do início do século XX, não apenas houve ajuda governamental para as migrações, com a oferta de passagens gratuitas para o Norte do país, mas, muitas vezes, as pessoas foram coagidas pela polícia. Em muitos casos, famílias foram divididas, a mulher seguia com os filhos para trabalhar em lavouras no Sul ou Sudeste, enquanto o marido seguia para o Norte, para o corte de seringa.

O escritor Euclides da Cunha, enviado pelo Barão do Rio Branco para fazer o levantamento cartográfico do rio Purus, região em que ocorriam conflitos entre caucheiros peruanos e seringueiros brasileiros, descreve um pouco da vida nos seringais entre os anos de 1904 e 1905. A tela que surge de suas impressões é sombria e de um colorido funesto: "[...] o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se" (CUNHA, 2006, p. 8). A frase é seguida de explicações sobre o endividamento do migrante a partir do momento que saía de sua terra, quase sempre do estado do Ceará. A viagem do contratado, como também a de sua família em certos casos, os mantimentos para subsistência nas colocações, os equipamentos de trabalho, enfim, tudo o que o migrante necessitava para se tornar um seringueiro na Amazônia era fornecido a preços estratosféricos. O seringueiro deveria pagar a conta com os rendimentos de seu trabalho, de forma que trabalhava para escravizar-se já que a dívida tornava-se impagável.

Cunha (2006, p. 9) descreve as condições contratuais do seringueiro na Amazônia. O contrato que era obrigado a assinar junto ao patrão, de início, apresentava o entrave de uma leitura praticamente incompreensível àqueles homens, depois, o conteúdo mostrava-se absurdo, com cláusulas tais como:

> Por exemplo: a pesada multa de 100$000 comina-se a esses crimes abomináveis: a) "fazer na árvore um corte inferior ao cume do machado"; b) "levantar o tampo da madeira na ocasião de ser cortada"; c) "sangrar com

> machadinhas de cabo maior de quatro palmos". Além disto o trabalhador só pode comprar no armazém do barracão, "não podendo comprar a qualquer outro , sob pena de passar pela multa de 50% sobre a importância comprada" (CUNHA, 2006, p. 9).

O que esse escritor esclarece tacitamente ao leitor é que o seringueiro que se lançava à aventura da fortuna, ao adentrar os seringais amazônicos, acabava por se deparar com a servidão e a humilhação aviltante (CUNHA, 2006, p. 9). Nunca terminaria de pagar o patrão. Passava a fazer parte agora de um sistema de crueldades: "É que, realmente, nas paragens exuberantes das *heveas* e *castilloas*, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo" (CUNHA, 2006, p. 8).

Fugir não podia, pois estava em plena selva; tentar a vida em outro seringal era impossível, os donos de seringais estavam mancomunados e a lei por eles imposta é que somente poderia deixar um seringal quem saudasse todas as suas dívidas; portanto, nada restava além de seguir com sua sina de escravizado na Amazônia.

Embora Euclides da Cunha, que à época já gozava de grande prestígio como escritor, estivesse publicando suas impressões sobre os seringais em artigos, e se tratavam de informações muito depreciativas sobre a realidade que observava, e isso, provavelmente, devesse trazer algum incomodo aos senhores da borracha e às autoridades brasileiras, os negócios não paravam de prosperar e a multidão de migrantes continuava a desembarcar em Belém ou Manaus. Desses portos seguiam aos milhares às zonas de coleta do látex. A produção de borracha bateu à casa das 42 mil toneladas anuais na primeira década do século XX (cf. SANTOS & MOTHÉ, 2006, p. 33). Manaus e Belém se desenvolviam, agigantavam-se enquanto os grandes latifundiários exibiam suas riquezas num tempo que ficou conhecido como a *Belle Époque* da Amazônia brasileira. Na região ocidental, que dependia diretamente dos seringais, Porto Velho e o Acre surgiam para o Brasil à sombra da *Hévea Brasiliensis*.

Em 1910, entretanto, a produção das colônias britânicas no Oriente passou a competir fortemente com a borracha brasileira no mercado internacional.

> Em 1886, os ingleses haviam contrabandeado sementes de *hevea brasilienses* da Amazônia para o Jardim Botânico de Londres. Lá, por meio de excertos, desenvolveram variedades mais resistentes, que posteriormente foram enviadas para suas colônias na Ásia - Ceilão, Malásia e Cingapura – onde

> teve início uma exploração intensiva de borracha natural (SANTOS & MOTHÈ, 2006, p. 34).

Isso levou a produção dos seringais brasileiros, bolivianos e peruanos a perder mercado. Anunciava-se um processo de decadência para toda a Amazônia justamente quando na parte ocidental brasileira muito investimento havia com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, a expansão da Linha Telegráfica, a aquisição do estado do Acre e outras iniciativas. Mas, apesar de atingida pelos acontecimentos, a produção e exportação de borracha continuaram como principais atividades econômicas da região por muito tempo.

Dessa forma, pode-se supor que o motivo da migração da família do informante C para a região de Porto Velho, em 1930, tenha sido motivada pelo fato de que os seringais dessa parte da Amazônia ainda continuassem suas atividades vigorosamente, apesar da rentabilidade dos negócios não serem mais como os de tempos passados. Sobre isso, os relatos do Informante D, ferroviário que transportou muito desse produto entre os anos de 1950 e de 1960 dão testemunho nas linhas 21 a 27 de sua narrativa:

21	[...] Mas até os anos sessenta, o que eu vi é que faltava vagão
22	pra escoar por causa de muito transporte de borracha. Lá em Guajará-Mirim,
23	naquele pátio na frente da estação, não tinha aquela locomotiva que tá lá de
24	exposição, a locomotiva Dezessete. Não tinha aquele vagão que tá lá não.
25	Naquele pátio grande era uma falta de vagão muito grande, que foi três lotes de
26	péla de borracha em cima da outra que as de baixo ficou achatada.[44] Foi...
27	Passando três, quatro mês esperando vagão. [...].

As suposições têm seu lugar nesta análise tendo como base as proposições de Bellei (2000, p. 96) sobre as postulações pós-estruturalistas, ligadas à obra de Jacques Derrida. Diante do pensamento de que não há centros legitimadores da verdade que não possuam suas precariedades e discursos que não contenham ficção, pode-se entender que também as histórias são mal contadas e nenhuma perspectiva de interpretação pode ter acesso superior à verdade. Diante disso, o autor argumenta:

> Dizendo de outro modo, se é necessário afirmar, de um lado, que todo discurso é ficcional, é também necessário, de outro, afirmar que nem todas as ficções são iguais e que a crítica de certas histórias mal contadas é possível, contanto que se entenda que a procura do mais verdadeiro e do mais bem contado não pretenda jamais atingir a verdade final e absoluta. Trata-se,

[44] As pélas eram bolas de borracha .

> antes, da procura de uma verdade provisória, cuidadosamente obtida pelo rigor analítico capaz de detectar problemas e inconsistências e sugerir alternativas plausíveis (BELLEI, 2000, p. 96).

As histórias sempre apresentam lacunas que podem aguçar a curiosidade do analista ou serem desprezadas em seu trabalho. Nesta exposição, as lacunas são vistas como importantes porque entre o dizer e o não dizer há escolhas e as escolhas são significativas. Além disso, não se pode esperar das narrativas aqui coletadas que deem conta de expor objetivamente a quantidade de elementos procurados na análise, é preciso perceber que as ausências também podem ser expressivas. Destarte, seguindo a linha de entendimento de Bellei (2000, p. 96), procura-se oferecer aqui alternativas para as lacunas observadas nos relatos.

Outra suposição que se torna possível com os relatos do Informante C e merece destaque na perscrutação das formas de presença dos seringueiros na formação sociocultural da sociedade portovelhense se refere à vinda de sua família à cidade, provavelmente por causa da morte de seu pai, em 1945, conforme os relatos nas linhas de 4-7:

04 05 06 07	[...] Meu pai morreu no dia 12 de agosto de 1945. Ai ficou minha mãe, que não sabia contar um centavo. Meu pai veio só pra cortar seringa, mesmo. Eu nasci em 1929. Moro desde 1945 em Porto Velho. Eu trabalhava no seringal, aí, quando acabou a Guerra, eu baixei pra Porto Velho. [...]

Pode-se questionar sobre a real importância dos seringueiros para a formação sociocultural de Porto Velho, tendo em vista a distância dos seringais em relação à cidade. Estando os seringueiros tão afastados como seriam tão importantes para a formação cultural urbana? Parece que uma resposta razoável encontra-se com a suposição de que além de outras formas possíveis de presença, uma que efetivamente poderá ter trazido muitas influências desse segmento social à cidade terá sido justamente com a fixação das famílias de seringueiros que faleciam ou se afastavam por algum motivo. No caso do Informante C, seu pai faleceu no mesmo ano em que ele passou a habitar na cidade.

Nos casos das narrativas dos informantes A e B, o mundo referencial e as particularidades reveladas demonstram pontos em comum: a origem nordestina de

ambos, a migração para a Amazônia no mesmo ano de 1943 e outros fatores mais. Essas coincidências permitem concluir que o pano de fundo de suas histórias, diferentemente do caso do Informante C, trata-se agora do Segundo Ciclo da Borracha.

O Informante A, ainda um jovem solteiro, alista-se e migra na companhia de duzentos outros jovens, como se observa nas linhas de 1 a 6 de seus relatos:

01 02 03 04 05 06 07	Saí de casa, em Parnaíba, com duzentos companheiros, tudo solteiros, no dia 03 de março de 1943. Fui completar os 20 anos na capital de meu estado, em Teresina. Daí fui pra Sobral, nos carros da SEMTA, que foi as três companhias que fez o transporte desse povo, de 55 mil que vieram pra Amazônia. Foi SEMTA, SAVA E CAETA, as três companhias que conduziram esse povo à Amazônia. Então, lá me alistei na S25, de Sobral. O meu número na companhia já foi alterado. Já foi 11035.

O Informante B, diferentemente, é contratado ainda criança e migra do Nordeste à Amazônia junto a sua família, conforme demonstram as linhas 22-29:

22 23 24 25 26 27 28 29	Eu não era contratado do Governo. Nós viemos na... No... Do Ceará pra cá. Eles vieram pela SEMTA e pela CAETA.[45] Meu pai veio pela SEMTA, mas foi assim: meu pai alistou-se na SEMTA e minha mãe disse "Eu vou também pra Amazônia, não vou ficar aqui não, nós vamos tudo junto". Minha mãe era daquela mulher de pegar e rachar a coisa. Ela disse "Eu vou também". Aí nós ficamos tudo na hospedaria. Quando foi no dia do embarque, embarcou 1.500 homens e duzentas e poucas famílias no mesmo navio, o Almirante Jessé, pra ir pra Belém. Então, nós viemos tudo junto.

A migração de trabalhadores de outras regiões para as áreas dos seringais amazônicos no período do Segundo ciclo da Borracha ocorreu em duas etapas. De acordo com Melo (2011, p. 22), a primeira etapa entre 1941 a 1943, sendo que os contratados eram os flagelados da grande seca no Nordeste. Segundo Nascimento (1998, p. 6), a estiagem nordestina coincidiu com as necessidades de mão de obra para os seringais amazônicos, de forma que, oriundos das regiões sertanejas, de vinte a trinta mil flagelados poderiam ser vistos em Fortaleza, dos quais muitos eram contratados e embarcavam nos navios que os conduziam à Amazônia. A grande maioria se constituía de famílias inteiras e eram chamados de "seringueiros voluntários". Originavam-se principalmente do Ceará. Esse caso é o que se deve aplicar ao informante B, embora,

[45] Companhias responsáveis pela contratação e transporte de trabalhadores para os seringais da Amazônia.

segundo suas afirmações nas linhas de 6-11, ele tenha recebido um documento que o incorporou como soldado da borracha, na condição de militar:

06 07 08 09 10 11	Ó, foi assim, a pois, quando Getúlio Vargas convocou o nordestino pra vim pro Amazonas, foi pra cortar seringa. Então eles formaram uma carteira. Eu tenho essa carteira com as leis todas de proteção a esse pessoal. A lei, por exemplo... A lei 1.262 era a lei que incorporava o Soldado da Borracha como militar. A 12.612, a 4.441, tudo era as leis que incorporavam os Soldados da Borracha como militar. Eu tenho essa carteira. Então, a gente veio pra cá. Eu vim com 12 anos pra cá.

A segunda etapa de migrações aconteceu entre 1943 e 1945 e ficou conhecida como “Batalha da Borracha”. Nascimento (1998, p. 6) afirma que o DNI[46] já não dava conta de localizar, selecionar, contratar e transportar trabalhadores, por isso foi formado o SEMTA, que surge com o objetivo de satisfazer as intenções norte-americanas de elevar o número dos recrutamentos para 50.000 trabalhadores por ano. Tentava-se atrair contratados por meio de muitas propagandas, principalmente no Nordeste, mas também em muitas outras regiões como Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais etc. Havia promessas de auxílios generosos para os familiares dos recrutados enquanto eles estivessem na Amazônia. Nesse período, os trabalhadores passam a ser contratados como “Soldados da Borracha” e se constituem, majoritariamente, de homens solteiros.

> A partir de 1943 até 1945, provinha dos centros urbanos, geralmente composta de homens solteiros ou desgarrados de sua parentela, muito deles desempregados ou sem profissão definida, vinham para a Amazônia pelo simples sabor da aventura e para fugir à convocação para a FEB (Força Expedicionária Brasileira) que lutava na Itália (MELO, 2011, p. 22).

As particularidades encontradas nas narrativas dos informantes A e B revelam que o alistamento do primeiro informante é do tipo da segunda etapa, do período que ficou conhecido como “Batalha da Borracha”, enquanto a contratação do segundo refere-se a do tipo da primeira etapa, em que os migrantes foram chamados de “seringueiros voluntários”.

Sobre as siglas informadas, para bem compreendê-las é preciso adentrar um pouco na história desse período ao qual se convencionou chamar de Segundo Ciclo da Borracha. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Japão ocupou o Sudeste

[46] Departamento Nacional de Imigração

Asiático, área de grande produção de borracha no Oriente, e interrompeu o fornecimento do produto para os países do bloco aliado. Como resultado dessa ação, a falta de borracha ameaça atravancar a indústria bélica da Guerra, e é essa necessidade de europeus e norte-americanos que passou a injetar nova vida nos velhos seringais amazônicos.

Segundo Melo (2011, p. 21), os presidentes F. D. Roosevelt, dos Estados Unidos, e Getúlio Vargas, do Brasil, assinam os acordos de Washington (1942). Ao Brasil cabia reativar os seringais amazônicos, contratar mão de obra e levantar 58% de capital para a criação do Banco de Crédito da Borracha; aos Estados Unidos cabia prover 42% de capital para esse Banco e fornecer meios para a produção, transporte e escoamento. Inicialmente, os norte-americanos investiram cinco milhões de dólares para aplicação no Instituto Agronômico do Norte e para aplicação em pesquisas científicas com o sentido de melhorias e fomento da produção. Além disso, mais cinco milhões de dólares foram aplicados para saneamento das áreas dos seringais, sendo que esse trabalho deveria ser realizado pela Fundação Rockfeller. Com a montagem desse esquema logístico e institucional, abriram-se muitas frentes operacionais e estratégicas na área. Melo (2011) apresenta a grande estrutura que foi montada pelo Governo brasileiro para atender aos acordos:

Quadro 1 – Estrutura Institucional para Contratação de Trabalhadores para os Seringais da Amazônia

Instituições	Objetivos
SEMTA (Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia) e CAETA (Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia)	Objetiva o recrutamento, encaminhamento e colocação de trabalhadores, principalmente nordestinos, nos seringais, sob a supervisão do Departamento Nacional de Imigração.
SAVA (Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico)	Realiza o abastecimento direto dos seringais com gêneros de primeira necessidade.
RRC (*Rubber Reserve Company*) que passou a posteriormente a denominar-se RDC (*Rubber Devenlopment Company*)	Encarregada de transportar passageiros e suprimentos através da SAVA.
SESP (Serviço Especial de Saúde Pública)	Criado para promover o melhoramento urbano, o combate a Malária e o saneamento
Banco da Borracha-1942 –	Tem a função de realizar operações de crédito, fomento à produção e financiamento aos seringalistas. O Banco exerce o monopólio da compra e venda da borracha.

Fonte: MELO (2011, p. 22)

Nascimento (1998) também informa sobre os órgãos criados pelo Governo Federal, segundo sua versão, seriam:

Quadro 2 – Estrutura Institucional para Contratação de Trabalhadores para os Seringais da Amazônia

Instituições	Objetivos
Banco de Crédito da Borracha (BCB)	Responsável por operações de crédito, financiamento de empresas extrativistas, exercício do monopólio na compra e venda da Borracha;
Departamento Nacional de Imigração – (DNI)	Responsável por recrutamentos e encaminhamentos de trabalhadores para a Amazônia e de fiscalizar outros órgãos envolvidos nesse serviço de mobilização.
Comissão de Controle dos Acordos de Washington – (CCAW)	Responsável pela coordenadoria e auxílio às atividades de brasileiros e norte-americanos atuantes na operacionalização da "Batalha da Borracha".
Superintendência para o abastecimento do Vale amazônico – (SAVA)	Responsável por abastecer com gêneros alimentícios o Vale Amazônico e coordenar as medidas a serem tomadas pelos estados da região, a fim de que fosse efetuado o estoque de alimentos, que poderiam ser produzidos ou comprados no país ou no exterior.
Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – (SEMTA). Mais tarde substituído pela Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia – (CAETA)	Responsável por recrutar, encaminhar e colocar os trabalhadores nos seringais, transportando-os até Belém.
Serviço Especial de Saúde Pública – (SESP)	Re sponsável pela assistência médica e sanitária ao "soldado da Borracha".
Serviço de Navegação e administração do Porto do Pará – (SNAPP)	Responsável pelo transporte dos "soldados da Borracha" do Porto de Belém para Manaus, Porto Velho e Acre.

Fonte: NASCIMENTO (1998, p. 5)

Há algumas informações diferentes entre os dois autores, mas ambos dão a perceber o "peso da maquinaria" governamental investida em todo o projeto. Para atrair os trabalhadores investiu-se muito em propagandas que prometiam rápido, seguro e lucrativo retorno financeiro aos contratados. Assinava-se um contrato na agência de recrutamento e outro junto ao patrão no seringal e ambos se mostravam muito vantajosos para os trabalhadores, inclusive com a oferta de participação nos lucros. O próprio presidente Getúlio Vargas atuou diretamente na propaganda para as contratações procurando sensibilizar a população brasileira para a "defesa da Pátria ameaçada", como descreve Nascimento (1998), apresentando um trecho da matéria de 20 de maio, de 1943, no Jornal O Acre:

> Seringueiros: Dediquei todas as energias à batalha da borracha. Precisamos de mais borracha, pois é sobre ela que se encontra a guerra moderna, pois são grandes os equipamentos que necessitam da goma elástica, produzidos sem repouso, colhendo o látex abundante das seringueiras do Vale Amazônico. Nas guerras modernas não fazem parte somente os soldados que estão nos campos de batalha, mas, toda a nação: homens e mulheres, velhos e crianças. A vós, desbravadores da Amazônia, sois os mais importantes soldados. Unidos veremos sibilar a bandeira do Brasil (NASCIMENTO, 1998, p. 10).

A "Batalha da Borracha" necessitava de soldados e os contratados eram vistos como os combatentes que partiam para a guerra. Enquanto alguns soldados enfrentavam os inimigos na Europa, outros participariam da Guerra colhendo látex nas selvas da Amazônia, para isso, recebiam uniformes e seus instrumentos de trabalhos investidos de um forte senso de patriotismo. Mas a propaganda para o alistamento não se baseava apenas em incentivar o sentimento patriótico desses Soldados da Borracha, também se prometia trabalho fácil, muito rentável e em ótimas condições: "A propaganda enganosa apresentava a Amazônia como paraíso e eldorado, oferecendo grandes possibilidades de enriquecimento para aqueles que entrassem no 'exército'" (NASCIMENTO, 1998, p. 11). A propaganda era mais intensa no Nordeste do que em outras regiões, pois o Governo, dessa forma, agia em duas frentes, por um lado investia contra os problemas da falta de trabalho por causa da seca, e de outro investia na mão de obra para os seringais. Nos jornais, como em toda parte, via-se imagens que indicavam que a seringueira dava muitos frutos e que eram como bolas cheias de goma. O trabalho do seringueiro era apenas colhê-las. E como o fruto da seringa era muito caro, os trabalhadores iriam ficar ricos em muito pouco tempo. Aliás, os contratos eram para que trabalhassem por apenas dois anos.

Setenta anos depois de todos esses acontecimentos, o Informante B resume tudo isso em sua narrativa ao dizer:

62 63 64	Então, a gente ficou nessa arapuca. Isso foi uma arapuca que o Governo formou pra produzir borracha pra defesa de Guerra. Havia a propaganda. É, muita gente inventou muita história mesmo, aqui na Amazônia.

O período denominado de Segundo Ciclo da Borracha teve duração curta, apenas os primeiros cinco anos da década de 1940, suas consequências, no entanto,

duram até a atualidade na vida dos que se envolveram com o corte da seringa, assim como permanecem as consequências para as regiões que foram os principais palcos desses acontecimentos.

Nos relatos, os narradores informam sobre sua fixação na cidade de Porto Velho. O Informante B, entre o final da década de 1950 e o início da seguinte; o Informante A, no começo dos anos de 1980. Pode-se pensar que suas presenças na cidade são muito tardias para cooperar com a proposição sobre as influências de seringueiros na sociedade portovelhense, mas, na realidade, seus depoimentos cooperam com essa ideia, pois permitem perceber que a chegada de seringueiros à cidade é contínua. Quando não são os seringueiros que se fixam na cidade, são as suas famílias, como se observa com a narrativa do Informante C.

Acima, afirmou-se que seringueiros e ferroviários são os segmentos mais antigos e os mais influentes na formação sociocultural da sociedade portovelhense[47], mas há uma anterioridade dos seringueiros em relação aos ferroviários, porque no entorno da região em que a cidade surgiu, as atividades nos seringais brasileiros e bolivianos já era muito intensa, aliás, o surgimento da Estrada e da cidade de Porto Velho são provocados por causa da atividade dos seringueiros, e eles continuaram a adentrar à sociedade portovelhense ainda depois da paralisação das atividades da EFMM.

3.2.2 Particularidades, cenários e mundo de referência nas narrativas dos ferroviários:

a) Particularidades que identificam os narradores:	O Informante D é paraense, o Informante E e o Informante F são irmãos e, igualmente, portovelhenses.
b) Sobre suas relações com a EFMM:	Em 1954, com 17 anos, o Informante D tornou-se funcionário da EFMM, passando a desempenhar serviços de ajudante de foguista, foguista, maquinista, operário na caldeiragem e operário da oficina. O Informante E, inicia seus trabalhos na Ferrovia com 12 anos, em 1943, assumindo a função de mecânico na

[47] Cf. p. 48.

	EFMM. O Informante F assumiu funções de diversos tipos até chegar a chefe da caldeiragem. Tornou-se empregado da EFMM em 1947, com 13 anos de idade. O Informante D tornou-se empregado da EFMM por influência de um juiz que dirigia uma banda de música e o queria mais disponível para os ensaios. O Informante E seguiu a carreira do pai e dos irmãos, caso idêntico ao do Informante F.
c) Informações sobre as atividades da Ferrovia:	A atividade da Ferrovia era intensa, a quantidade de vagões era pouca para exportar a enorme quantidade de produtos. O transporte de viajantes era igualmente dinâmico e o trem trafegava diariamente, sem pausas para feriados e, muitas vezes, também à noite. Havia vinte e cinco locomotivas em atividade, além de outros equipamentos, como as litorinas e cegonhas.
d) Testemunhos sobre as riquezas:	Os informantes D e E descrevem a grandeza da Ferrovia, que possuía um patrimônio gigantesco em maquinários e equipamentos de diversos tipos e uma oficina que estaria entre as três maiores em atividade no Brasil. Segundo os narradores, a produção de borracha era imensa nos seringais e o escoamento desse produto, assim como também de castanha e de gado da Bolívia, era grandioso. Também as atividades portuárias eram intensas, por onde seguia toda a produção descrita pelos informantes.
e) A vida em Porto Velho:	Segundo o Informante E, a vida em Porto Velho era muito boa, havia unidade entre as pessoas, principalmente depois que os barbadianos começaram a compreender a língua portuguesa.
f) Sobre os norte-americanos e a língua inglesa:	O informante E afirma ter conhecido muitos norte-americanos e, inclusive, uma missão religiosa chefiada por eles. O Informante F afirma que os norte-americanos contrataram os soldados da borracha e deram dinheiro para que eles fossem pagos pelo corte da seringa, mas o Brasil não lhes passou esses valores. Ambos afirmam estarem muito satisfeitos por terem aprendido a falar o inglês e que isso os ajudou muitas vezes. O Informante

	F diz que o atual presidente dos Estados Unidos é seu parente.
g) Sobre os indígenas:	Os indígenas, nos relatos do Informante D, representavam perigo e motivo de queixa nos seringais. O Informante E nada diz sobre eles. O Informante F afirma que muita gente morreu atacado por indígenas e que eles se tornavam mais ferozes no período de safra da castanha[48]. Afirma também que eles não tinham contato com as pessoas da cidade, que eram vistos muitas vezes passando pela Estrada e que se tornaram revoltados com os moradores da cidade, porque em Porto Velho muitos indígenas foram mortos.
h) Sobre os militares:	O Informante D os acusa de terem vendido as máquinas e equipamentos da Estrada como sucata depois que assumiram seu comando, em 1966. Todos os informantes tornaram-se funcionários do Exército após a paralisação da Estrada, até serem aposentados por essa instituição.
i) Motivo da paralisação e lamento sobre o estado atual da Ferrovia:	O Informante D critica o fim das atividades da Ferrovia e culpa os militares por sua desativação e venda de grande parte de seu patrimônio; o Informante E lamenta o abandono e sucateamento da Ferrovia e afirma que sua paralisação nunca deveria ter ocorrido; segundo o Informante F, a paralisação da Ferrovia ocorreu por motivo político, porque o presidente Castelo Branco queria implementar a venda de tratores no Brasil e decretou o fechamento de ferrovias que atuassem numa extensão inferior a quinhentos quilômetros; afirma também que a paralisação da Ferrovia revoltou a muitos, inclusive os bolivianos, aos quais o Brasil ficou devendo a construção de uma ponte, pela qual o trem passaria para adentrar o território boliviano.

[48] Período entre dezembro a abril.

3.2.2.1 Comentários às particularidades e referencialidades dos relatos dos ferroviários

As particularidades e referencialidades apresentadas pelos narradores proporcionam visualizar um mundo referencial cujos cenários que se abrem parecem opor-se ao mundo dos seringueiros. A imaginação conduz ao pensamento do soar das rodas nos trilhos e do apito alto do trem de ferro espantando o silêncio lúgubre das matas e agitando os espaços soturnos e solitários em que o seringueiro colhe o leite precioso das árvores. Permite pensar no ferroviário como a representação do movimento e da agilidade em um mundo acostumado com a imagem do homem enraizado à terra, como eram os seringueiros em suas solidões, acobertados pela floresta. O trem de ferro lembra o anúncio de boas notícias, a chegada de alguém esperado, a proximidade da viagem de quem quer partir, o transporte aguardado da mercadoria, enfim, as histórias sobre a EFMM conduzem a imaginação à visão do trem como sinal de força e movimento derrotando distâncias e vencendo o isolamento, simbolizando a ligação de mundos separados.

O mundo dos seringais subsiste em espaços obscuros e num tempo triste de lembrar, o da EFMM, apresenta-se com cenários de opulência e de riquezas, num tempo em que o narrador recorda com satisfação. No apogeu de suas forças, a Estrada de Ferro é símbolo de coesão e coerência de uma sociedade que surge ao redor de seus trilhos; é ela que une os seringais e aproxima da cidade as regiões remotas; as riquezas enchem seus vagões; o seringal se liga ao porto e a Bolívia se aproxima um pouco mais do Brasil. Nos melhores tempos da EFMM, Porto Velho é lugar de vida boa e de unidade entre as pessoas, como afirma o Informante E:

33 34 35 36 37	[...] A vida aqui em Porto Velho era boa. No começo tinha os que falavam inglês e os outros não entendiam nada. Que nem era com os barbadianos do bairro Alto do Bode, mas depois eles começaram a entender mais as coisas e tudo se misturou. A vida era boa porque naquele tempo tudo mundo vivia unido, né. Hoje, a violência tem em todo canto. [...].

Mas esses cenários se transformam com o surgimento de um problema que desestabiliza a harmonia dos elementos nos relatos dos ferroviários. Segundo Bruner (2002, p. 51), a narrativa se compõe de um quinteto formado por um ator, uma ação, uma meta, um cenário e um instrumento. Diante desse quinteto é que um problema surge fornecendo à narrativa seu sentido ontológico, isto é, a narrativa existe para

informar sobre como um problema que se apresenta em relação a um ou mais elementos desse quinteto pode ser compreendido e assimilado narrativamente. Em outras palavras, a narrativa trata da quebra da normalidade e a necessidade narrativa ocorre pela busca de significados para os problemas. Quando tudo permanece de acordo com as normas, essa necessidade não existe (BRUNER, 2002, p. 51).

Nas histórias contadas por esses ferroviários, pode-se entender que os narradores são os atores, a meta é a continuidade de uma vida boa, o cenário é o de uma cidade onde correm riquezas e reina a união entre as pessoas, o instrumento é a EFMM e a ação se manifesta nas relações de trabalho e integração com esse instrumento. O Problema que desequilibra os elementos do quinteto é a paralisação da Ferrovia. Na narrativa do Informante D, o problema se insere com a chegada dos militares, de forma que o ator, praticamente sai de cena; a ação perde dinamismo; a meta é frustrada e o instrumento extinto:

61 62 63 64 65	[...] Com o 5º Batalhão, o Batalhão tomou de conta, logo que chegou em 1966. Tomou conta do DNR, da Estrada de Ferro e ficou o dono disso aqui tudo. Aí, nós, todos os ferroviários, ficamos aí dentro da oficina quem não tinha tempo. Tudo era da minha época também, ou mais novo. Ficamos aí trabalhando até dar o tempo, né.

A função da narrativa é dar significado aos problemas: “Elas se tornam ‘verossímeis’ em relação a um problema moralmente explicado, quando não remodelado” (BRUNER, 2002, p. 51), assim, para o Informante D, a explicação da paralisação da EFMM está no fato de que o Exército brasileiro agiu irresponsavelmente na desativação e na venda de equipamentos e materiais como sucata.

Para o Informante E, o problema da desativação da Estrada é o princípio do desequilíbrio dos elementos do quinteto, mas nem os militares e nem outro agente qualquer é citado como causador, o problema é posto, mas não a origem dele. Para o Informante F, a responsabilidade é do presidente Castelo Branco que queria incentivar a venda de tratores e passou a desativar ferrovias. A fonte causadora, portanto, está bem distante de Porto Velho.

Sobre os posicionamentos dos narradores para a origem do problema de que trata seus relatos, tendo em vista que neste ponto da análise ainda está se apresentando as particularidades e referencialidades, é interessante, por enquanto, apenas colocar as informações numa ordem de relação para com os acontecimentos históricos aos quais

elas se reportam. Mais adiante, quando se estiver tratando de estados intencionais dos narradores, será interessante retornar aos seus pontos de vista para se realizar outros tipos de observações.

Sobre fatos históricos, procura-se aqui seguir a exposição de alguns autores, mas não se tem a intenção de confirmar em que medida suas informações possam ser tomadas como confiáveis. Por um lado, interessa colocar as particularidades apresentadas pelos narradores em paralelo ao que mais ou menos se conhece sobre eles por meio do pensamento argumentativo, por outro, e mais importante, procura-se perceber formas como o pensamento narrativo poderá ter se comprometido com determinadas visões sobre a história. Sobre isso, procura-se pensar como expõe o autor:

> Porém, se formos além de declarações simples como "o gato está no tapete" e começarmos a lidar com universais, hipóteses ou teorias, tal equiparação torna-se "confusa e *ad hoc*". Tais exercícios de ajuste ajudam muito pouco a determinar "por que ou se a nossa visão atual do mundo é, aproximadamente, a que deveríamos adotar". Levar tal exercício ao limite, Rorty insiste acertadamente, é "desejar que a verdade tenha uma essência", que seja verdade em algum significado absoluto. Porém, dizer algo útil sobre a verdade, ele prossegue, "é explorar a prática e não a teoria... a ação em vez da contemplação". Declarações abstratas como "a história é a estória da luta de classes" não devem ser julgadas apenas através de questões como: "Esta asserção capta isso corretamente?" Questões pragmáticas, com perspectivas definidas, seriam mais adequadas: "Como seria acreditar nisso?" ou "Com o que eu estaria me comprometendo se acreditasse nisso?" E isso está muito longe do tipo de essencialismo kantiano que busca princípios que estabelecem a essência definidora do "conhecimento", da "representação" ou da "racionalidade" (BRUNER, 2001, p. 31-32).

Partindo-se desse pensamento, passa-se agora a seguir a visão de dois autores para o surgimento da EFMM e da cidade de Porto Velho, são eles Ferreira (2005) e Lima (2009). A intenção não é a de realizar uma revisão histórica, mas apenas a de posicionar as narrativas numa relação paralela com algumas formas com que o pensamento argumentativo apresenta certas informações que aparecem relacionadas com os relatos aqui analisados.

Com o Tratado de Petrópolis, acontecido em 1903, o Governo brasileiro assumiu o compromisso de construir uma ferrovia que facilitasse o transporte da produção boliviana por entre o trecho encachoeirado do rio Madeira. Apesar de fracassos anteriores, a construção da ferrovia foi reiniciada em 1907, sob o comando de Percival Farquhar, empresário norte-americano que resolveu transferir o ponto inicial e a sede administrativa para um local situado a sete quilômetros abaixo do povoado de

Santo Antônio[49]. Esse lugar seria conhecido como Ponto Velho ou Porto Velho dos Militares[50].

A ferrovia foi finalmente inaugurada no dia 1º de agosto de 1912, e em 2 de outubro de 1914, fundou-se o município de Porto Velho como parte do estado do Amazonas. A fundação do município, contudo, contrariava as intenções da construtora que esperava que a região próxima ao cais de embarque e desembarque de cargas permanecesse como ponto inicial da ferrovia e local habitado apenas pela elite dos trabalhadores. Era de interesse da empresa que outras pessoas residissem somente em Santo Antônio, que já havia passado à condição de município desde 1908, embora a instalação solene só tenha ocorrido de fato em 1911 (LIMA, 2010, p. s.n). De Porto Velho, esperava-se que continuasse apenas como local para descarga de materiais:

> Porto Velho nasceu como ponto inicial da ferrovia, e supunha-se inicialmente que permaneceria sempre somente local de transbordo das cargas entre a estrada de ferro e os vapores que faziam a linha de Belém do Pará. Isto é, supunha-se que Porto Velho nunca seria mais do que um local de grandes armazéns, oficinas e residências para o pessoal empregado da ferrovia. E por isso mesmo, criavam-se dificuldades para que residissem em Porto Velho os que não estavam diretamente ligados à ferrovia. Por essa razão crescia a população de Santo Antônio, onde havia tudo que caracterizava uma cidade (FERREIRA, 2005, p. 331-332).

Lima (2009) argumenta sobre a bravura e persistência dos primeiros habitantes de Porto Velho, denominados pelo autor como fundadores da cidade, que enfrentaram os estrangeiros:

> Nos seus primórdios enfrentaram com ousadia a prepotência, a arrogância e o preconceito dos estrangeiros construtores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, os quais por considerá-los marginais, inferiores intrusos, perturbadores da ordem, os pressionavam de todas as formas a se retirarem do espaço vizinho às instalações da empresa, na qual a partir de 1907, iniciaram as construções de suas toscas barracas originando o povoado de Porto Velho. Justificavam a exigência da expulsão dos seus moradores, por serem invasores de terras pertencentes à Madeira-Mamoré por posse lhe concedida pela justiça. Eram contestados, pelos ocupantes alegando em seu favor encontrarem-se em terras devolutas do município de Humaitá. Contenda que persistiu até 1931 (Lima, 2009, p. 7).

---

[49] A vila de Santo Antônio surgiu desde o século XVIII, na região da primeira entre as vinte cachoeiras e corredeiras que devem ser vencidas para se chegar à Bolívia pelo rio Madeira. No início do século XX, o lugar prosperava, pois havia se tornado um centro para os negócios relacionados à produção e ao escoamento da borracha (LIMA, 2010). .

[50] Conforme Ferreira (2005, 202), o pequeno cais dos militares que era denominado de “ponto Velho” no século XIX, passa a ser chamado de Porto Velho no século XX.

Em sua versão da história de Porto Velho, Lima (2009, p. 7) diz que a Empresa, não conseguindo remover os ocupantes, construiu um alambrado para separar esses moradores das instalações da construção e colocou seguranças armados para mantê-los afastados[51]. Em 1910, a população que vivia separada da parte em que habitavam os trabalhadores da Estrada estaria atingindo o número de 900 habitantes e contava com certa organização, a partir de 1913, com o crescimento da população e seus esforços por reconhecimento de seus direitos o governo do Amazonas decidiu favorecer esse pequeno núcleo urbano instalando uma Coletoria de Rendas, criando o Termo Judiciário de Porto Velho e nomeando autoridades oficiais[52]. O município foi criado em 2 de outubro de 1914, como parte do estado do Amazonas, a instalação solene ocorreu no dia 24 de janeiro de 1915 e, em 7 de setembro de 1915, foi elevado à categoria de comarca.

Diferenças interessantes podem ser vistas nas maneiras de se retratar a história dos primórdios da cidade. Entre Lima (2009) e Ferreira (2005) observam-se divergências. Para o primeiro autor, os norte-americanos isolaram os moradores que não eram funcionários da EFMM, o segundo autor nada diz sobre uma situação separatista em dois blocos de moradores e ressalta que o surgimento da cidade se deve aos norte-americanos:

> Entretanto, de comum acordo entre o Governo brasileiro e a Madeira-Mamoré Railway, ficou estabelecido que o ponto inicial da ferrovia seria o local denominado Porto Velho, conforme sugerira em 1883 o engenheiro Carlos Morsing. Com uma diferença, no século passado, esse local era conhecido como Ponto Velho, e agora, Porto Velho. E ali, começou a companhia a derrubar a mata, a fim de construir a estação inicial, um cais, as oficinas da ferrovia, casas do pessoal graduado etc. Começava, pois, a surgir uma cidade, no ponto inicial da estrada de ferro. Porto Velho situava-se cerca de 7 quilômetros abaixo de Santo Antônio (FERREIRA, 2005, p. 202).

Segundo Ferreira (2005, p. 268), os norte-americanos fizeram surgir Porto Velho com todas as possibilidades técnicas que existiam na época para proporcionar conforto e segurança aos moradores, e tudo isso teria ficado à disposição da cidade que surgia:

---

[51] Esse alambrado ficaria onde atualmente é a Avenida Presidente Dutra (LIMA, 2009, p. 7).
[52] Esse ato oficializa o nome de Porto Velho para a futura cidade (LIMA, 2009, p. 8).

> Um reservatório distribuía água devidamente tratada para toda a nascente cidade do Porto Velho. Havia serviço de esgoto e de telefone. Os geradores de eletricidade permitiam iluminação pública, e no cais, lâmpadas de arco voltaico, permitiam o trabalho noturno. Foram montadas uma fábrica de gelo, uma lavanderia automática, padaria, fabrica de biscoitos, matadouro, cinema, banda de música, tipografia etc. Em dois anos Porto Velho tornou-se uma cidade com todo o conforto que a técnica da época podia proporcionar (FERREIRA, 2005, p. 244).

Os estrangeiros seriam muito amigáveis e Farquhar, especialmente, seria um benfeitor da cidade e alguém preocupado com o progresso local:

> À frente dela (a construção da ferrovia) estava um homem empreendedor, interessado ou promotor de várias empresas do país, conhecido nos grupos financeiros e cujo nome vale uma garantia pela maneira honesta e fiel por que se desempenha de seus compromissos: Percival Farquhar (FERREIRA, 2005, p. 306).

A imagem que Ferreira (2005) traça de Farquhar é muito positiva, mas quanto aos que se lhe opunham, acusando-o de estar se enriquecendo de formas questionáveis, o autor agrupa como nacionalistas xenófobos, oposicionistas ao Governo, políticos desonestos e chantagistas que tentavam explorá-lo (FERREIRA, 2005, p. 306). Apesar de todos os elogios que Ferreira (2005) tece, Gauld (2206), autor da biografia de Farquhar, julga insuficientes as descrições sobre uma figura que seria muito mais virtuosa do que teria demonstrado Ferreira (2005):

> Ferreira não entrevistou nenhum dos numerosos brasileiros que ainda moravam no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1957, e haviam conhecido a personalidade e a carreira de Farquhar, pelo fato de terem se associado a ele. O jornalista não se esforçou em caracterizar Farquhar como o construtor da 'impossível' linha da selva através do Inferno Verde ou em avaliar a importância do empreendedor para a história econômica do Brasil. Mencionou Farquhar e seu grupo apenas superficialmente nas páginas 211, 284-285, 295 e 305-306. Não há índice remisso e só existem duas páginas de bibliografia arrolada imperfeitamente (GAULD, 2006, p. 443).

Farquhar, contudo, permanece uma figura polêmica, muitas vezes, rodeada de elogios, outras vezes, vista envolvida pela sombra imperialista. Seu poder e influência no Brasil do início do século XX são inquestionavelmente colossais. Do que se passou popularmente a chamar de "sindicato Farquhar" (FERREIRA, 2005, p. 305), faziam

parte muitas empresas no Brasil. Gauld (2006) cita as palavras do historiador Hélio Lobo com o sentido de elogiar a imagem do grande empresário, mas essas mesmas palavras poderiam ser compreendidas como formas de ratificar a desconfiança que ele despertou em muitas pessoas:

> A criativa inspiração de Farquhar talvez tenha sido distorcida, de modo a parecer uma manobra para absorver nossas fontes de riqueza. As atividades de Farquhar pareciam dar razão às acusações. De norte a sul, de leste a oeste, ferrovias, portos, fazendas de gado e grande parte do que havia de melhor na atividade econômica do Brasil se combinavam numa vasta organização estrangeira empenhada em explorar ativamente o Brasil: a Madeira-Mamoré, os portos do Rio de Janeiro, de Paranaguá e de Rio Grande, além das ferrovias Paulista, Mogiana, SPRG, Sorocabana Auxiliaire. As acusações de ambição excessiva abrangiam a Light do Rio e a de São Paulo, cujo controle Farquhar negava deter (GAULD, 2006, p. 305).

Farquhar alimentava grandes sonhos com seus projetos na Amazônia. Próximos à EFMM estavam seus seringais, com áreas maiores do que as de alguns países da Europa. A construção da Ferrovia, por motivos contratuais, dava-lhe também o direito de exploração comercial por cinquenta anos. Além disso, em 1907, mesmo ano de inicio da construção da Estrada de Ferro, Farquhar iniciava também as obras de modernização do Porto de Belém, de forma que da extração do látex até ao ponto de embarque para a exportação aos Estados Unidos e Europa, tudo passava por suas mãos. Contudo, Farquhar vê seus planos se frustrarem com o impacto da entrada da borracha oriental no mercado mundial. Esse e outros motivos o levam praticamente à falência.

Ao fracasso de Farquhar segue-se o da EFMM. Dois motivos principais são geralmente apontados: as dificuldades advindas com a entrada da borracha do Oriente no mercado internacional e a construção de duas novas ferrovias, uma no Chile e outra na Argentina, que passaram a oferecer à Bolívia um canal de importação e exportação mais interessante do que a Madeira-Mamoré poderia ofertar. Assim, a Ferrovia vai se tornando cada vezes mais pouco importante, ano após ano, até ser totalmente desativada durante o Governo Militar, em 1972. Dentre os trabalhadores que foram trazidos para a construção, e que segundo o registro da companhia concessionária apresentada por Ferreira (2005, p. 301) foram de 21.817 pessoas, muitos faleceram, outros regressaram aos seus locais de origem e outros continuaram como moradores de Porto Velho, Santo Antônio, Guajará-Mirim ou outros lugares da região. Ferreira (2005, p. 302) calcula um

número provável de óbitos durante os cinco anos de construção da EFMM, e apresenta a quantidade de 6.208 pessoas.

3.2.3 Particularidades, cenários e mundo de referência nas narrativas de garimpeiros:

a) Particularidades que identificam os narradores	O Informante G é goiano, porém criado no estado de Mato Grosso. Sua vinda à Porto Velho, em 1981, ocorre por transferência no banco em que trabalhava. O Informante H é acreano, mas reside em Porto Velho desde 1953. Seu pai era seringueiro no Acre.
b) Motivo de entrada nos garimpos	Por motivo de fraude que lhe foi imputada, o banco o despediu e isso motivou o ingresso do Informante G aos garimpos do rio Madeira, em 1987. A entrada do Informante H nos garimpos do rio Madeira ocorre por causa de campanhas políticas que ele realizava junto a regiões próximas aos garimpos. Esse informante não apresenta datas precisas, mas dá a perceber que seu ingresso aos garimpos deu-se nos primeiros anos da década de 1980.
c) Sobre as atividades exercidas nos garimpos	O Informante G diz ter ingressado em garimpo de ouro para o trabalho com draga, em 1987, e permanecido nessa atividade até 1993. Em 1994, iniciou-se no garimpo de cassiterita e assim permanece atualmente. O Informante H diz ter ingressado no garimpo de ouro com o trabalho de balsa, passando mais tarde a trabalhar com draga. Sua relação com o garimpo tem sido como proprietário de equipamentos, mas declara que também tem realizado muitas tarefas que os trabalhadores geralmente realizam. Diz ter parado com as atividades de extração de ouro e se ligado à extração de pedras ornamentais e mapeamento e pesquisas de áreas com grandes recursos minerais em condições de extração.
d) Sobre enriquecimento	O Informante G afirma que não

	enriqueceu nos garimpos de ouro por falta de sorte e porque ingressou nos tempos em que os garimpos de ouro já estavam em declínio. Porém, ainda espera ter sorte para conseguir no garimpo de cassiterita para conseguir recursos suficientes para montar um comércio na cidade. O Informante H afirma que por motivo de assaltos desistiu dos garimpos de ouro e que não conseguiu reunir fortuna porque gastou muito com pesquisas em áreas que se mostram favoráveis a extração de minérios. Diz esperar conseguir um investidor que o ajude na extração de minérios das áreas em que ele já empreendeu pesquisas.
e) Informações sobre a vida nos garimpos	Segundo o Informante G, a vida nos garimpos de ouro seria como estar num local sem leis, com muitas mortes, drogas, prostituição e violência. Declara também que nos primeiros anos do garimpo de cassiterita, em Bom Futuro, área em que ainda permanece, era igualmente muito perigoso, mas, atualmente, vive bastante sossegado onde está. O Informante H acrescenta a informação de que qualquer produto tinha preço muito elevado e havia assaltos nas estradas que ligavam os garimpos de ouro à cidade. Contudo, havia modos de organização e partilha dos trabalhos nas balsas e dragas.

3.2.3.1 Comentários às particularidades e referencialidades dos relatos dos garimpeiros

As particularidades apresentadas nessas narrativas revelam um cenário com dois mundos referenciais fronteiriços. Um deles é o da cidade, onde vigoram leis civis do Estado brasileiro e normas comportamentais que fluem da rede de significações da sociedade portovelhense; o outro, o mundo dos garimpos de Porto Velho e regiões próximas, locais onde leis civis são ignoradas e as regras de convivência não se baseiam na mesma visão de valores éticos que fundamentam as relações interpessoais da sociedade urbana. Tratam-se, portanto, de grupos sociais em que subsistem culturas

próprias que, inicialmente, alimentam relações de interdependência e paralelismo, mas que passam depois à condição de mera tolerância até chegarem a um estado de confrontação, conforme se procurará demonstrar adiante.

Antes de examinar qualquer ponto desses assuntos, é importante esclarecer que o conceito de cultura aqui utilizado baseia-se no que expõe Laraia (2000, p. 62) sobre a visão de sistemas simbólicos. Trata-se de uma abordagem desenvolvida principalmente pelos trabalhos de Clifford Geertz e David Schneider. Geertz busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Ele refuta a ideia de homem ideal, advinda do Iluminismo e da antropologia clássica, e procura resolver o problema das diversidades culturais em oposição à unidade da espécie humana. Para Geertz, o que varia não são concretamente os comportamentos, mas os planejamentos, as receitas, as regras, enfim, os "programas" que devem governar os comportamentos. Segundo Laraia (2000, p. 62), Geertz afirma que todos nascem com um equipamento para viver mil vidas, mas termina-se vivendo uma só, de forma que o que indica a visão de unidade para a humanidade é sua capacidade de absorver "programas", pois não há um sistema unificado de símbolos que poderia configurar-se como princípio de unidade da espécie. Schneider tem uma abordagem distinta da de Geertz, mas concorda com a noção de cultura como sistema de símbolos e significados que compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento (LARAIA, 2000, p. 62).

Com vistas a essa proposição de cultura, pode-se dizer que nos garimpos de cassiterita e de ouro as normas de condutas pessoais e as regras que regem as relações interpessoais seguem programação própria, diferentes em relação ao que se vive na cidade. As normas de convivência são baseadas em conceitos admitidos consensualmente sobre os tipos de comportamentos que devem ser valorizados num espaço social, e os comportamentos exemplares passam a nutrir o sistema de símbolos e significados adotados pelo grupo[53]. Ocorre nos garimpos, porém, uma mudança de paradigmas quanto aos modelos comportais geralmente valorizados na vida social urbana, como também ocorre em relação às leis brasileiras uma espécie de "licença" para que os membros desse grupo social coloquem-se à parte do modelo oficial. Trata-se de um sistema cultural próprio, fundamentado em uma rede de significações

[53] O que Geertz e Shneider denominam de sistema de símbolos e significados, equivale ao que Ferreira Netto (2008, p. 23) apresenta como rede de signos e sinais culturais, conjunto móvel de signos e sinais culturais ou, ainda, rede institucional de significações.

edificada sobre novos valores consensualmente institucionalizados pelos membros do grupo.

Retirada de conceitos oferecidos por Antônio Cândido, que Bellei (2000, p. 157) apresenta como ação cultural cuja estratégia é a de poder movimentar-se entre fronteiras sem se fixar em nenhuma, a "dialética da malandragem" é uma estratégia cultural de mediação para casos em que há desequilíbrio de poder. O malandro é aquele que se coloca entre a ordem e a desordem, entre a lei e a marginalidade etc. Esse tipo de comportamento pode ser muitas vezes valorizado na cultura brasileira.

Do lado da cidade, então, o que se pode supor é que as práticas culturais se alinhavam aos modos de atos de mediação para com os garimpos de ouro de Madeira. As atividades de extração mineral na região de Porto Velho e proximidades, logo em seu início, já dava sinais de concentrar diversos tipos de problemas sociais e ambientais, contudo, a cidade foi permissiva e lenta quanto a providências que poderiam ser tomadas a fim de que se evitasse que perigos previamente anunciados se confirmassem na prática. Pode-se pensar que nesse processo a pratica da mediação deu acolhida a conjunturas que se mostravam passíveis de originar diversos tipos de desordens, mas que poderiam também trazer uma nova efervescência à economia local. Pode-se pensar na estratégia da malandragem, visto que muitos setores da sociedade portovelhense transitavam entre esses dois mundos paralelos, provavelmente com as bênçãos de muitos políticos que também mantinham seus interesses nessas atividades (OTT *et ali*, 2009, p. 20).

Algumas proposições do pensamento argumentativo, na exposição e avaliação dos acontecimentos referentes às atividades de extração mineral na região de Porto Velho, demonstram que as reservas minerais e as atividades de mineração e garimpagem tornaram-se elementos relevantes para a economia da região e eram vistas com grande interesse por setores da sociedade portovelhense, autoridades do Estado brasileiro, políticos regionais, grandes empresas mineradoras e garimpeiros particulares. O pequeno histórico sobre a trajetória da extração mineral em Porto Velho e regiões próximas, apresentado a partir deste ponto, baseia-se nos trabalhos de Souza & Pessoa (2010), Azevedo & Delgado (2002), Bastos & Lacerda (2004) e Ott *et alii* (2009), principalmente.

As atividades dos seringais rondonienses continuaram após o encerramento da Guerra, mas os preços da borracha não permitiam mais os grandes investimentos com trabalhadores. Segundo Souza & Pessoa (2010, p. 14), foi com a extração de cassiterita que o território rondoniense passou a superar a crise da borracha e do extrativismo. Uma massa de seringueiros que estava ociosa na cidade ou trabalhando com a coleta de castanha, passou a ver surgir novos horizontes. No ano de 1952, como apresentam Azevedo & Delgado (2002, p. 16), casualmente, descobriu-se a primeira ocorrência de cassiterita num seringal. Entre 1958 e 1959, iniciaram-se garimpos nos arredores dos rios Machadinho, Maçangana e Alto-Candeias. No início, a maior parte dos garimpeiros se constituía de seringueiros que passavam a se aventurar nessa atividade e isso fez baixar o número de trabalhadores nos seringais, no entanto, nos anos da década de 1960, garimpeiros de diversas regiões passaram a ocupar os garimpos de cassiterita de Rondônia.

Os migrantes se concentravam em Porto Velho, em sua maioria, e isso levou ao fortalecimento do comércio, do ramo de serviços e de algumas iniciativas na área industrial. Entre 1958 a 1970, a economia local se desenvolveu a sombra da exploração da cassiterita[54], que por ser ainda um trabalho manual, requisitava grande quantidade de trabalhadores para sua extração. Cinquenta por cento da população da cidade se constituía de novos migrantes, grande parte desses envolvidos com o garimpo de cassiterita[55].

No ano de 1965, com a entrada da empresa FERUSA, apoiada por capital holandês, iniciou-se o processo de mecanização na mineração de cassiterita em Rondônia. Outras empresas passavam a chegar enquanto o garimpo manual, por pressão das mineradoras, foi proibido pelo Governo Federal, em 1971. Brumadinho, Paranapanema, Brascan, entre outras, são grandes corporações que passaram a ter direito de exploração de grandes áreas de terras. Vilas para operários, escolas, enfermarias, assim como muitas outras instalações, passaram a ser construídas e funcionavam como pequenas cidades dentro dos limites de Porto Velho. Ao final da

---

[54] Fonte: Geografia de Rondônia: aspectos físicos e geográficos. Disponível em: < http://www.pakaas.net/geografiaderondonia.htm> Acesso em: 01 nov 2012.

[55]Fonte: Rioterra. Disponível em: <http://www.rioterra.org.br/wp-content/uploads/2011/07/analise_socioeconomica_do_entorno_da_area_de_concessao_publica_parte_ii.pdf> Acesso em: 01 nov 2012.

década de 1970, essas empresas elevaram a produção do Território Federal de Rondônia ao posto de primeiro lugar no Brasil, ultrapassando 67% da produção nacional.

Com o fim da atividade do garimpo manual, muitos migrantes retornaram aos seus locais de origem, outra parte passou a atuar como funcionários das empresas mineradoras e outra se fixou na cidade. Ao longo dos anos da década de 1980, enquanto principiava outra frente de extração mineral, a do ouro, as empresas mineradoras de cassiterita começavam a dar sinais de esgotamento de suas atividades nas áreas próximas a Porto Velho. Ao longo da década posterior, essas companhias passavam a se retirar das áreas de mineração deixando atrás de si os rastros da degradação ambiental provocada por suas atividades. Muitas dessas áreas tornaram-se garimpos clandestinos.

Enquanto diminuía o interesse das empresas pela cassiterita rondoniense, os garimpos de ouro no rio Madeira tornavam-se conhecidos em todo o Brasil e além de suas fronteiras. Em meados da década de 1970, atividades isoladas ainda realizadas com garimpo de bateia em bancos de areia formados nos tempos de estiagem lograram a recolha de algumas gramas desse metal. No início dos anos de 1980, a retirada de ouro nos garimpos do Madeira passa a ser feita por meio de mergulhadores que desciam ao fundo do rio com equipamentos de mergulho, tendo na superfície balsas equipadas com mangueiras e bombas de sucção. Depois, o processo tornou-se mais sofisticado com a chegada de grandes dragas mecânicas, capazes de trabalharem em grande profundidade.

De acordo com Bastos & Lacerda (2004, p. 100), na década de 1980, os garimpos do Madeira e Serra Pelada (PA) eram os lugares mais importantes para extração de ouro na Amazônia. No decorrer desses anos, a atividade cresceu vertiginosamente e atraiu milhares de pessoas de todas as regiões brasileiras e também de outros países. Com a “Corrida do Ouro” nos garimpos do rio Madeira, Porto Velho tornou-se palco de verdadeiros dramas que se desenrolaram com o aumento do nível de violência, drogas, prostituição e de toda a sorte de problemas sociais.

> O garimpo cresceu muito rapidamente e em seu apogeu dos anos oitenta reuniu milhares de balsas e dragas, ocupando dezenas de milhares de trabalhadores, homens e mulheres, analfabetos e doutores, siderados pela febre do ouro. Um garimpo desta dimensão transforma e transtorna a vida das cidades que estão em sua órbita. Além das ‘fofocas’ no rio, o garimpo se expande para os centros urbanos, com incontáveis lojas e pontos de compra de ouro, onde novamente se amalgama ouro e se queima mercúrio, com indústria metal-mecânicas destinadas à construção, manutenção e conserto de balsas, dragas, motores, flutuadores. As cidades são impactadas com os

> serviços que orbitam em torno das atividades e necessidades dos garimpeiros, com as epidemias que se multiplicam incontroláveis pelo incessante ir e vir das pessoas. [...] além das pessoas envolvidas diretamente com a coleta do ouro, o garimpo gesta um modo de vida caracterizado pela ausência da lei, ou melhor, pela constituição de um aparato legal próprio, pelo uso constante e intempestivo de armas, pelo recurso à violência, pela banalização da morte, pelo uso intensivo de drogas, pela prostituição. A maior parte do ouro é contrabandeado. Assim, quando paulatinamente o estoque aurífero é consumido, restam para as cidades os doentes, os desempregados, os desenganados, o comércio falido, a degradação ambiental e a poluição por mercúrio (OTT *et alii*, 2009, p. 12-13).

Os garimpos produziam muitas toneladas de ouro, mas não se sabe realmente qual seria essa quantidade, tanto quanto não se consegue calcular o custo social e ambiental que essa atividade provocou. De acordo com Ott *et alii* (2009, p. 18), em 1987, a Secretaria Executiva do Conselho Estadual do Meio Ambiente divulgou que, até aquele momento, 36,6 toneladas de ouro teriam sido retiradas nos trabalhos de garimpagem e 183 toneladas de mercúrio despejadas no meio ambiente em decorrência desses trabalhos.

Na segunda metade da década de 1980, período em que estão no auge, os garimpos do Madeira começam a ser encarados com muito temor por algumas instituições e por uma substancial parte da população local. Os motivos são bastante variados, mas antes que se passe a apontar alguns deles, ainda é preciso apresentar um pouco da rotina desses garimpos, a fim de que se perceba seu grau de influência sobre Porto Velho e compreenda-se um pouco mais das narrativas dos informantes G e H.

Na narrativa do Informante G (ls. 58-70) e na do Informante H (ls. 54-70) pode-se "visualizar" um pouco da rotina dos garimpos. As "fofocas", locais em que balsas e dragas "apoitavam" (estacionavam) eram os locais em que se acreditava haver ouro em maior quantidade e/ou com maior facilidade para ser retirado. As "currutelas", quase sempre montadas em flutuantes, noutras vezes, nos barrancos à margem do rio, eram os pequenos comercinhos que se formavam ao entorno das fofocas. Praticava-se a venda de alimentos, equipamentos e ferramentas, roupas e muitos outros produtos, mas eram também locais em que proliferavam a bebedeira, o consumo de drogas e a prostituição. Mas os costumes desregrados desses garimpos, de muitas formas, terminavam atingindo também a vida na cidade. O índice de crimes aumentou gigantescamente, aumentou a quantidade de acidentes e enfermidades de tipos diversos alastraram-se.

Sobre os garimpos de ouro do Madeira, não se sabe dizer quantos daqueles que se envolveram com eles realmente tenham feito fortuna, e nem quantos apenas empataram o capital investido, mas é muito comum a afirmação de que um contingente muito grande desses garimpeiros vislumbrou a decadência material ou moral, muitas vezes, as duas coisas a um só tempo, como afirma o Informante H:

31 32	[...] Mas quase todo mundo que eu vi se deu mal no garimpo. Muita gente não se deu bem. [...]

As perdas financeiras ocorriam geralmente por causa de déficits entre a produção e os custos de operação, mas muitos deixaram seus lucros nas currutelas ao dilapidar o capital adquirido, tendo sempre a esperança de poder recuperá-lo depois, ou de ganhar até muito mais, dependendo da sorte que teriam numa próxima vez, como afirma o Informante G:

59 60 61 62 63 64 65	[...] mas a maioria do pessoal nunca olhava muito pro futuro. Conheci um cara que quando trabalhou com balsa, segundo ele, costumava pegar um quilo de ouro de manhã e gastar tudo num bordel de noite. Ele fechava o “brega” e dizia que era tudo por conta dele. Ele dizia que se sentia o rei das “currutelas”. Conheci um cara, também, que comprou um carro num final de semana e no mesmo final de semana ele bateu e acabou com o carro. Quando deu segunda-feira ele foi na concessionária e comprou outro à vista. Tinha muito disso, também. [...]

Além disso, muitos assaltos ocorriam nas estradas entre os garimpos e a cidade. Enfim, as formas de se ver “voar” o dinheiro diversificavam-se. Dessa forma, um indivíduo poderia estar “buiado” (rico) de um momento para o outro, mas, em pouco tempo, estar “blefado” (pobre) (Inf. G, ls 60-61).

Por causa da clandestinidade, e também pela pouca eficiência em fiscalizar, o Estado pouco tirou proveito dos garimpos, de forma que eles passaram a se constituir apenas em problemas a se resolver, e entre tantos, um dos mais graves se relacionava à ordem ambiental. Sobre isso, queixas de instituições publicas e civis se acumularam, pois na separação entre o ouro e o rejeito, uma parte substancial desse processo se faz à base da manipulação de mercúrio que se constitui em uma das formas mais agressivas de poluição ao meio ambiente, contaminando as águas e atingindo também os peixes que são ingeridos pela população (OTT *et ali*, 2009, p. 23).

No entanto, apesar de todas as críticas, os garimpos de ouro do rio Madeira se mantiveram até o início dos anos de 1990, quando a força com que as dragas revolveram o fundo do rio, ao escarificar e deslocar sedimentos, assoreou tão violentamente o leito que os aluviões não esgotados ficam escondidos em baixo de muitas toneladas de detritos rejeitados no processo de separação (OTT *et ali*, 2009, p. 17).

Por pressão de todos muitos motivos reunidos, os garimpos de ouro do Madeira entraram em decadência. Embora as atividades não tenham se extinguido totalmente, pois, na atualidade, existem ainda muitos garimpeiros ativos no rio Madeira e nos igarapés próximos (OTT *et ali*, 2009, p. 15). Na primeira metade dos anos de 1990, muitos garimpeiros se retiraram do Madeira, venderam suas dragas e equipamentos por qualquer preço e, até mesmo, abandonaram muitas coisas. Uma boa parte dos migrantes que se aventurou nesses garimpos ficou sem condições de retornar aos seus locais de origem e acabou por adotar a cidadania portovelhense.

Até esse ponto, o que se procurou realizar com as narrativas aqui analisadas, foi encontrar uma nomenclatura que pudesse delimitá-las sob uma categoria específica; destacar seus núcleos temáticos e estruturas diacrônicas como elementos que proporcionam ter delas uma visão geral e abrangente quanto ao que tratam e como poderiam ser ligadas a outras histórias que tratam dos mesmos assuntos e tema e, por fim, na parte que se encerra neste ponto, procurou-se também colocá-las em paralelo com o que o pensamento argumentativo, por meio de alguns documentos[56] que fazem parte da memória histórica da região de Porto Velho, apresenta sobre diversos acontecimentos que são retratados nos relatos. Muitos eventos sobre os quais se reportam esses relatos podem ser vistos como fundamentais para a formação da cultura portovelhense, e, sobre eles, procurou-se apresentar algumas considerações e suposições sobre como as particularidades e referencialidades escolhidas pelos narradores, assim

[56] O termo "documentos" é utilizado aqui segundo a noção apresentada por Ferreira Netto (2008) em que se faz uma distinção entre documento e monumento. Monumento é visto como "[...] gatilho oficial para a lembrança de fatos específicos estabelecidos pela sociedade, que se mantêm armazenados na memória coletiva" (FERREIRA NETTO, 2008, p. 19). Trata-se de diversos tipos de elementos que podem ocasionar lembranças coletivas: nomes de ruas, peças esculturais, bandeiras e uma infinidade de outros objetos e referências. Os documentos, segundo a noção atual, "pressupõe obviamente a permanência dos dados cujo suporte ofereça as condições adequadas para isso" (FERREIRA NETTO, 2008, p. 20). O autor explica que o suporte mais adotado nas sociedades atuais é a escrita, de forma que quando neste estudo se fala de documentos, procura-se referir a essa visão de escritos que conservam a memória coletiva de uma sociedade.

como algumas versões da história apresentadas pelos autores dos documentos referidos, compartilham compreensões, apresentam visões diferentes, evitam se posicionar criticamente ou expõem seus posicionamentos críticos, enfim, procurou-se um pouco tecer algumas opiniões sobre as formas diversas de versões sobre os acontecimentos. Assim, conforme foi explicada numa espécie de introdução, essa última parte apresentada se constitui na mais longa porque trata de dar conta de muitos elementos analíticos. Em seguida, passa-se à análise dos relatos sob outras características de nível baixo e a outras ponderações que se ressaltam neste estudo.

3.3 Características de Nível Baixo: Genericidade, Sensibilidade ao Contexto e Negociabilidade, Acréscimo Narrativo

Segundo Bruner (1991, p. 14), o gênero narrativo é um modo de construir situações humanas e também um ”guia para usar a mente”, um tipo de linguagem habilitadora que favorece o pensamento de forma peculiar. A função mimética das narrativas pode ser vista como um tipo de “interpretante”, conforme a proposição de C. S. Peirce para esse tipo de fenômeno da linguagem:

> Se a função mimética é interpretar a “vida em ação”, então ela é uma forma bastante complexa do que C. S. Peirce tempos atrás denominou um “intrepretante”, um esquema simbólico para intermediar entre sinal e “mundo”, um interpretante que existe em algum nível superior à palavra ou sentença mas, antes disso, na esfera do próprio discurso. Nós ainda temos que considerar de onde vem a capacidade para criar tais interpretantes simbólicos, se ela não é meramente a arte copiando a vida. (BRUNER, 2002, p. 48).

Para o sentido de função mimética, tanto faz que uma narrativa seja “real” ou “imaginária”, empírica ou literária, a função das histórias não é a de estabelecer sentidos de verdade ou falsidade quanto aos fatos relatados, mas a de demonstrar formas de construção do significado sobre os problemas que se apresentam como desvios de normas partilhadas por um grupo social.

As narrativas aqui analisadas são relatos autobiográficos do gênero empírico, ou, conforme já se afirmou anteriormente, são narrativas orais de experiência pessoal, embora não possam ser exatamente configuradas à categorização que Labov (1997, p. 3)

apresenta sob essa nomenclatura para os tipos de narrativas tratadas em seus estudos específicos.

Essas narrativas tratam das experiências individuais dos narradores em seus mundos de referência: o dos seringueiros, dos ferroviários e dos garimpeiros, mas a importância delas não se verifica pela sua capacidade de descrever acertadamente seus mundos referenciais. Arguir sobre a veracidade ou falsidade de informações não é uma tarefa importante para o pensamento narrativo, disso se ocupa fundamentalmente o pensamento argumentativo, o conteúdo importante que as narrativas veiculam são as formas de interpretação da realidade e as formas de construção de significados para as experiências humanas. Por isso, é importante lembrar, o que se procurou realizar na análise das particularidades e referencialidades, parte imediatamente acima desta, não foi repassar as informações dos relatos segundo uma forma mais "oficial" de conhecimento sobre a história, por um lado, procurou-se esclarecer um pouco mais as informações contidas nos relatos com a ajuda do pensamento argumentativo, por outro lado, porém, procurou-se também demonstrar que há muitas versões e formas de entendimentos sobre os acontecimentos retratados.

O que os narradores apresentam em seus relatos são suas versões da história, suas formas particulares de entender e experimentar o mundo sobre o qual se referem, mas para manter direito de turno e continuarem sendo ouvidos, necessitam que seus interlocutores possuam certos conhecimentos que devem ser partilhados entre narrador e ouvinte. Os assuntos de intenção narrativa surgem em relação ao contexto, de forma que as intenções do narrador devem ser levadas em conta para a assimilação e interpretação de suas histórias. A sensibilidade ao contexto em que surge o discurso narrativo é um importante fator de interpretação, pois ela é instrumento de negociação cultural. As versões particulares sobre os eventos aos quais se reportam as narrativas não requerem confrontações legais para resolver diferenças de posicionamentos sobre os dados informados, "nós parecemos ser hábeis para tomar versões diferentes de uma história com um certo cuidado, muito mais do que no caso de argumentos ou provas" (BRUNER, 1991, p. 16). A dependência que a explicação narrativa tem do contexto é o que torna possível a coerência e interdependência que uma cultura pode alcançar.

As narrativas aqui analisadas, além de relatos autobiográficos, são também veículos de denuncias sobre as injustiças ocorridas contra os seringueiros na Amazônia, são instrumentos pelos quais os ferroviários protestam contra a paralização da EFMM e

os garimpeiros expõem os dilemas dos garimpos em Porto Velho. Quando o narrador discorre sobre as particularidades pertencentes ao domínio restrito de sua biografia pessoal ele atua com pleno domínio das informações, mas quando sua narrativa reporta-se a informações de domínio coletivo sua tarefa se torna muito mais complicada e requer maior atenção e cuidado. Essa dupla função dessas narrativas também exigem mais atividade mental por parte do ouvinte, que deve distinguir entre as informações aquilo que é de domínio restrito do narrador e o que envolve referencialidades mais amplas. Dessa forma, no contexto de sua tarefa de narrar, percebe-se que o narrador realiza esforços de negociação de sentidos entre os atos de informar questões particulares e transmitir informações de domínio coletivo captados por suas formas próprias de experiências e "leituras de mundo".

Nas linhas de 01 a 12 dos relatos do Informante A, por exemplo, as duas coisas são feitas simultaneamente. O narrador relata sua história ao mesmo tempo em que fornece dados sobre as formas de contratação dos Soldados da Borracha. Contudo, pode-se perceber que até esse ponto a atenção é concentrada na precisão dos dados do que propriamente na biografia do narrador:

01	Saí de casa, em Parnaíba, com duzentos companheiros, tudo solteiros, no dia 03 de
02	março de 1943. Fui completar os 20 anos na capital de meu estado, em Teresina.
03	Daí fui pra Sobral, nos carros da SEMTA, que foi as três companhias que fez o
04	transporte desse povo, de 55 mil que vieram pra Amazônia. Foi SEMTA, SAVA E
05	CAETA, as três companhias que conduziram esse povo à Amazônia. Então, lá me
06	alistei na S25, de Sobral. O meu número na companhia já foi alterado. Já foi
07	11035. Então, de lá voltamos ao Piauí, nos carro da SEMTA, e daí pegamos o
08	trem pra São Luis do Maranhão. De lá, pegamos o navio pra Belém, no Tatuí, pra
09	Belém do Pará, na hospedaria de Itapanã, no Pará. De Itapanã pegamos o navio
10	pra Manaus. Um navio americano, S*tate*. E... E em outubro de quarenta e três,
11	fomos quarenta e oito companheiros para o seringal, num afluente do Rio Negro,
12	chamado Caurés. Fomos quarenta e oito companheiros, desses quarenta e oito,
13	voltamos dezoito à Manaus. [...]

Isso demonstra que ele está negociando com o ouvinte sua inserção no mundo referencial no qual se desenvolve sua biografia particular. Isso é realizado com o fornecimento de dados que talvez sejam desconhecidos do seu interlocutor, mas dessa forma, também, ele está introduzindo o ouvinte em sua versão sobre os fatos e o conduzindo à recepção de sua leitura de mundo quanto às referencialidades retratadas. Sua intenção principal, tanto quanto deve ser visto acontecendo com todos os outros

narradores, constitui-se em apresentar sua versão de justificativa para o problema da quebra de harmonia do quinteto ator, ação, meta, cenário e instrumento. A resolução do problema, que de alguma forma aparece já incutido na própria estrutura diacrônica sobre a qual são acrescentadas as particularidades e referencialidades de cada história, constitui-se no principal propósito das narrativas, uma vez que elas existem para expressar significados para os desvios das normas consensuais da sociedade.

Nos relatos do Informante A, por exemplo, sua versão para a resolução do problema pode ser visto em frases como as que aparecem nas linhas 38-39.

39 40 41	...] Cortei seringa em diversos cantos. Eu vim pro seringal porque eles contavam que era uma maravilha, no entanto, nós só encontramos dissabor na vida[...]

A resolução do problema apresenta-se com a afirmação de que os contratados foram enganados ao aderirem aos trabalhos com a coleta do látex na Amazônia. Nas narrativas dos informantes B e C, as versões apresentadas para resolução do mesmo problema concordam com a desse narrador.

41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53	[...] A minha família era gente destemida. Gente destemida. O Governo convocava e dizia: “Lá é riqueza”. Os caras do Governo... Nem era o Governo. Os caras desenharam... Desenharam uma seringueira... Desenharam uma seringueira, assim, com as borrachas como jaca, só pregada na madeira. As borrachas desse tamanho assim... Desse cumprimento... Era a propaganda. Aí, quando o cabra via, dizia: “O que que é isso aí?” “isso é a borracha. Chega lá você é só ir arrancando e botando nas costas e ir vendendo. É só vender lá e ajuntar dinheiro com gancho, com rodo”. Aí vinha todo mundo com essa ideia de ajuntar dinheiro com rodo, mas quando chegava era perseguição de todo jeito: índio, cobra, jacaré, lagarta, tudo. Então, a gente aqui sofreu de verdade. Aqui tinha de tudo, só não tinha era bondade. Tinha de tudo, só não tinha bondade com a gente. O Governo nos enganou. Mandou pra cá. Foi mesmo que extraditaram nós pra Amazônia. [...]

10 11 12 13 14	[...] Quando eu comecei a cortar a seringa o quilo era duzentos réis. Meu pai dizia: “Meu filho, tá na vez de ganhar dinheiro”. Mas só os patrões mesmo é que ganharam dinheiro com seringa. Só dava pra patrão. Eles ganhavam porque roubavam demais. Porque um quilo de borracha não dava nem pra gente pagar um litro de querosene. [...]

O fato de que a forma de resolução do problema que desencadeia o desequilíbrio ao quinteto nas narrativas seja semelhante não é mera coincidência, pois esse ponto convergente funciona como princípio de coesão e coerência social dos grupos aos quais os narradores se inserem como participantes.

No caso dos seringueiros, eles são parte de um grupo de pessoas que foram enganados mal tratados pelo sistema que funcionava atraindo e mantendo trabalhadores nos seringais amazônicos; quanto aos ferroviários, eles se inserem entre os que se revoltam ou se sentem pessoalmente prejudicados com a paralização da EFMM; nos relatos dos garimpeiros, os narradores se colocam entre os que foram atraídos pelas riquezas dos garimpos, mas experimentaram as durezas e as desilusões que eles representaram para um grande grupo de pessoas. Conforme afirma Ferreira Netto (2008), as necessidades desencadeadoras das narrativas variam muito, "No entanto, elas parecem atuar sempre no sentido de criar coesão e coerência sociais, mesmo que isso possa não ser muito claramente percebido" (FERREIRA NETTO, 2008, p. 54).

Fracionar grandes grupos para melhor compreendê-los, muitas vezes, é uma necessidade tanto do pensamento narrativo quanto do argumentativo, mas no caso do pensamento argumentativo, a tendência de realizar o fracionamento dos objetos de estudo em partes menores é uma pratica quase que inerente aos processos das ciências. Nos domínios da História Oral, propõe-se estudar grupos sociais cujo eixo agregativo compõe-se de sofrimentos e traumas compartilhados. Três tipos de agrupamentos são apresentados nas formas de comunidades de destino, colônia e redes.

"Há dois pressupostos que instruem a conceituação de 'comunidade de destino'. A primeira é de base material e a segunda de fundamento psicológico, de gênero ou orientação (política, cultural ou sexual)" (MEIHY & HOLANDA, 2007, p. 51). Para a primeira forma de vínculo agregativo são apresentados os casos de pessoas, clãs e grupos que tenham experiências com traumas advindos de uma mesma causa física, tais como terremotos, pestes, alagações, secas etc.; para o segundo pressuposto de conceituação atribui-se como possíveis elementos agregativos os casos de traumas morais como violências, abusos, arbitrariedades, discriminação etc.

Quanto às colônias, elas são apresentadas como partes de uma comunidade de destino em que existam certos tipos de características que forneçam vínculos entre os membros. Um grupo de crianças que tenha sido obrigado a migrar com suas famílias

por causa de uma catástrofe pode ser um exemplo, assim, a comunidade de destino englobaria todos os migrantes, a colônia englobaria apenas as crianças.

A noção de rede baseia-se na visão de subdivisão possível para uma colônia. “Dentro da ‘colônia’ é possível identificar segmentos ainda mais restritos que possuam feições singulares” (MEIHY & HOLANDA, 2007, p. 54). Seguindo a ilustração apresentada acima, seria o caso de subdividir o tal grupo de migrantes infantis em grupos originários de uma mesma localidade, por exemplo.

A repartição de grandes grupos em parcelas menores é um tipo de abordagem útil e muitas vezes necessária para a realização de estudos que buscam identificar características pontuais em grandes grupos de controle. Parece que a tendência para esse tipo de pesquisa se torna cada vez mais frequente na analise de casos em que certas características são partilhadas por alguns elementos, mas não por todos os membros de uma mesma comunidade. A noção de redes sociais, por exemplo, é advinda das pesquisas no campo da Sociologia, como explica Calvet (2002, p. 134), e tem recebido boa acolhida também nos estudos da Sociolinguística Variocinista, como explica Severo (2008):

> Acredita-se que a comunidade de fala é essencialmente heterogênea, o que leva o pesquisador a valorizar pesquisas que se fundamentem em níveis micro de análise, as quais possuem como lócus de estudo as redes sociais e as comunidades de prática, por exemplo. Esse interesse pela dimensão micro de pesquisa tende a favorecer reflexões críticas sobre a relação entre identidade, língua e sociedade (SEVERO, 2008, p. 01).

Para os casos apresentados neste estudo, os seringueiros, ferroviários e garimpeiros são grupos que devem ser destacados entre a grande comunidade de habitantes da cidade de Porto Velho. Na perspectiva da História Oral, podem ser comparados a colônias que compartilham traumas morais; na perspectiva da Sociologia e da Sociolinguística, podem ser vistos como redes sociais, levando-se em conta a visão dos estudos de sistemas de relações sociais peculiares dentro de uma mesma comunidade (CALVET, 2002, p. 134) ou pelo ponto de vista das abordagens sobre variações linguísticas e redes de comunicação numa mesma comunidade de fala (CALVET, 2002, p. 135). De muitos modos esses grupos podem ser vistos como destacáveis dentre a sociedade portovelhense, e um desses modos, certamente a melhor

classificação de acordo com os propósitos deste estudo, é vê-los como segmentos sociais com culturas próprias.

Conforme já se destacou acima, o conceito de cultura pode ser compreendido como sistema de símbolos e significados (LARAIA, 2000, p. 62). Pode-se adicionar a essa definição outra, emprestada dos estudos da semiótica, que define cultura como "[...] sistema dinâmico de signos que estrutura a vida social de comunidades humanas em termos de uma memória não hereditária geradora de normas e restrições" (BELLEI, 2000, p. 149). Dessa forma, estende-se que a memória comunitária é o que estabelece o sentido de cultura à medida que se potencializam fatos e textos tidos como importantes para serem lembrados, enquanto outros devem ser esquecidos. O que vai sendo considerado interessante e útil, passa a habitar o centro da cultura, e o que é visto como desinteressante ou inútil, vai sendo esquecido ou relegado à periferia (BELLEI, 2000, p. 150).

Halbwachs (2006, p. 71-111) apresenta sobre a memória três tipos de conceitos. A memória individual, a coletiva e a histórica. A individual é a mais original no sentido de que é por meio dela que ocorre o imediato registro das experiências, de forma que é nela que as duas outras se fundamentam. A memória coletiva é formada pela somatória das memórias individuais que por meio de uma filtragem agrupa os testemunhos fragmentados até se tornarem mais coesos, talvez, um testemunho unificado; por último, a memória histórica, que é a reconstrução do passado por meio de documentos que possuem a função de registrar com exatidão os eventos (FERREIRA NETTO, 2008, p. 30). A formação de uma cultura demanda todos os tipos de memórias com a inclusão da habilidade de instituir "[...] o comum e o canônico na vida, e o que constitui o excepcional ou divergente" (BRUNER, 2002, p. 85). Realizando essa tarefa, a cultura institui significados.

Dos contextos das narrativas apresentadas neste estudo, pode-se depreender que os informantes estão mais que apenas contando alguma história. Há nesses relatos mais que informações autobiográficas, há negociação de significados enquanto os narradores introduzem o interlocutor em seus mundos de referência por meio das particularidades e referencialidades apresentadas. Ocorre por meio dos relatos a atualização das estruturas diacrônicas e da resolução dos problemas ao quinteto ator, ação, meta, cenário e

instrumento e, dessa forma, também são atualizados os significados consensualmente construídos. Como consequência de tudo isso, as culturas dos seringueiros, ferroviários e garimpeiros são atualizadas na memória coletiva da sociedade portovelhense. A participação dos informantes como membros dessas culturas registra-se pelos acréscimos narrativos, formados pelo conjunto das particularidades e referencialidades por eles escolhidas para narrar seus relatos, dessa forma suas biografias tornam-se parte da memória coletiva ou, vistas de outra forma, atualizam-se como culturas participantes do grande conjunto que é a cultura de Porto Velho.

3.4 Características de Nível Alto: Diacronicidade Narrativa

3.4.1 Organização temporal das narrativas

As narrativas aqui analisadas, em relação a sua organização temporal, demonstram-se sem uma ordenação muito linear quanto à forma de apresentação das sequências dos eventos. A ordem cronológica das sentenças não segue exatamente a ordem de ocorrência dos fatos. Isso acontece por causa de estratégias diferentes que são utilizadas pelos narradores.

Utilizando-se das narrativas dos informantes A, B e C, isso pode ficar demonstrado em relação a todas as outras. Na história do Informante A, as linhas 23 e 24 funcionam como caso de retrospecto em relação às linhas 1 e 2:

23 24	[...] Aí houve um alistamento de duzentos solteiros. Foi quando eu entrei naquela época. [...]

01 02	Saí de casa, em Parnaíba, com duzentos companheiros, tudo solteiros, no dia 03 de março de 1943. Fui completar os 20 anos na capital de meu estado, em Teresina.

Na narrativa do informante B, caso semelhante pode ser visto nas linhas 5 e 6 em relação às linhas anteriores. O narrador realiza uma retomada de eventos já relatados, mas agora ele insere algumas informações que não haviam sido apresentadas. Levando-se em conta o que afirma Labov (1997, 4) sobre as junturas temporais, pode-se perceber o advérbio “Então”, da linha 06, funcionando como marca de juntura que torna

a linha 05 uma sentença restritiva, dependente do encadeamento que ela terá com as sentenças seguintes:

01 02 03 04 05 06	Eu saí de Quixadá, do Ceará, em quarenta e três, né. Saímos do Ceará no dia 22 de janeiro de 1943 e chegamos no Amazonas em 24 de junho de quarenta e três. Mas porque tinha os pontos de chegada. De cada lugar que saía chegava num porto. Ficava um mês, um mês e meio, quinze dias, vinte dias. Quando continuava a viagem. Ó, foi assim, a pois, quando Getúlio Vargas convocou o nordestino pra vim pro Amazonas, foi pra cortar seringa. Então, eles formaram uma carteira. [...]

Na narrativa do informante C, observa-se o uso da estratégia de *flashbacks* para compor um padrão de encadeamento da sequência de eventos. A narração avança à base de retomadas de um tempo anterior ao que já foi apresentado, tendo por finalidade o acréscimo de novas informações, como se pode observar na linha 01:

01 02	Vim pra cá, pra Porto Velho, em 30. Do Pará, com meu pai. Meu pai quis vim pra cá. [...]

Nas linhas 03, 04 e 05 o narrador realiza um retrospecto ao informar como ocorreu a migração de sua família e depois avança para informar acerca do futuro de seu pai. Assim, o narrador utiliza de uma estratégia conhecida como *flashforwards.* Depois disso, ele faz retornar ao tempo já referido, realizando novamente um *flashback* para acrescentar informações aos relatos:

03 04 05	[...] Meu pai veio tentar melhorar de vida. Mas não melhorou nada, que o pobre morreu. Meu pai morreu no dia 12 de agosto de 1945. Ai ficou minha mãe, que não sabia contar um centavo. Meu pai veio só pra cortá seringa mesmo.

Na narrativa do informante D os relatos seguem por meio de uma exposição mais linear, apenas no início, nas linhas de 01 a 08, podem ser observadas algumas estratégias semelhantes às que são utilizadas pelos outros narradores para a organização diacrônica da história. Percebem-se retrospectos, *flashback* e *flashforwards:*

01 02 03 04 05	Nasci no Pará e cheguei aqui em 1949. Em julho de 1949, com 12 anos de idade. Agora estou com 76. Vim com um irmão meu que... Um irmão mais velho que me trouxe pra cá, que já tinha morado aqui, já tinha vindo no tempo da Guerra como militar, como soldado. E aí morou uns tempos aqui, voltou pra lá e depois resolveu voltar a morar no Território do Guaporé, naquele tempo, né. E aí me trouxe, né.

06 07 08	Perguntou se eu queria vim pra cá, eu disse: “Quero”. E aí eu vim com ele, né. Eu tinha doze anos. E aí passamos direto pra Guajará-Mirim. O negócio dele era em Guajará. Em Guajará-Mirim. [...]

As causas da utilização desses recursos de linguagem podem variar, mas eles funcionam bem como facilitadores para a exposição de um enredo que se inicia nos primeiros anos da década de 1940 e têm seu desfecho nos tempos atuais[57]. Dessa forma, esses recursos dão conta de estabelecer a visão diacrônica dos relatos e, ao mesmo tempo, proporcionar, habilmente, uma apresentação de relance do mundo que os circundou em suas experiências.

3.4.2 Características de Nível Alto: vínculos de estados emocionais, composicionalidade hermenêutica, canonicidade e violação, normatividade

Nas narrativas há sempre alguém agindo em cenários definidos e os acontecimentos são apresentados segundo as convicções, desejos, teorias e valores de um narrador. “A função de uma história é encontrar um estado intencional que atenue ou pelo menos torne compreensível um afastamento de um padrão cultural canônico” (BRUNER, 2002, p. 50).

Os estados intencionais dos narradores, além de suas exclusivas visões de mundo e intenções particulares, revelam também os valores, convicções, teorias e desejos construídos pelas culturas das quais são oriundos, “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HAWBWACHS, 2006, p. 72).

No caso das narrativas aqui analisadas, elas refletem as culturas dos seringueiros, ferroviários e garimpeiros, e os estados intencionais dos narradores se vinculam a juízos consensuais sobre as relações de causas e efeitos quanto aos acontecimentos sobre os quais se reportam. Os relatos tratam de questões particulares, mas também dizem respeito a acontecimentos partilhados por muitas pessoas e que, certamente, foram muitas vezes comentados, debatidos e julgados coletivamente.

[57] O informante C conta que chegou em Porto Velho em 1930, mas sua narrativa também enfoca os acontecimentos posteriores aos anos de 1940.

Bruner (1991, p. 12) afirma que não se pode esperar das narrativas sua verificabilidade em relação à realidade. A realidade da narrativa é sua coerência com seu mundo. Isso é o que se pode chamar de verossimilhança e que grosso modo seria a ideia geral de semelhança com a realidade. O autor ressalta que tanto quanto a ficção literária cria seus mundos, as narrativas em geral podem criar realidade, pois a "distinção entre ficção narrativa e narrativa verdadeira não é tão obvia quanto o senso comum e o uso nos faz crer" (BRUNER, 1991, p. 12).

Parece-lhe intrigante o fato do senso comum insistir que se compartilhe dessa distinção. Como possível resposta a esse problema, o autor apresenta a provável exigência de "suporte testemunhal", mas ele adverte que essa discussão estaria além da extensão de seu estudo sobre as características das narrativas e não aprofunda muito o assunto. Ao que parece, "suporte testemunhal" diz respeito a casos em que o testemunho de outras pessoas colabore para a credibilidade de uma narrativa, mas também se pode pensar que a presença de testemunhas exerça alguma influência nas formas de narrar. Estando o narrador na presença de outras testemunhas, ele pode se sentir pressionado a apresentar as informações com mais cuidado e precisão. No caso das narrativas dos informantes A, B, C e D, isso pode ser suposto.

Os relatos dos seringueiros, que além de expor experiências pessoais também apresentam denúncias sobre a vida nos seringais e sobre acontecimentos que envolveram a grande migração de trabalhadores no período do Segundo Ciclo da Borracha, foram feitos na Sede do Sindicato dos Soldados da Borracha e Seringueiros de Rondônia. O informante A é o presidente desse sindicato e as narrativas dos informantes foram realizadas na presença uns dos outros. A narrativa do Informante D, por sua vez, foi realizada na Associação dos Ex-Ferroviários, situada no complexo que abriga as antigas instalações da EFMM, e foi acompanhada por antigos companheiros seus, que muitas vezes intervinham com sinais de concordância quanto a algumas das suas afirmações. Por causa desse motivo contextual, pode-se supor alguma influência para que os narradores tomassem um cuidado maior quanto à exposição de referencialidades que pudessem ser de conhecimento partilhado entre os presentes. Assim, parece que o suporte testemunhal, no sentido acima colocado, tenha influenciado o desenvolvimento das narrativas.

Para Bruner (1991, p. 12), a distinção entre ficção narrativa e narrativa verdadeira não é tão óbvia por causa da característica de composicionalidade

hermenêutica. Ela cria problemas para a distinção convencional entre sentido e referência, "o sentido de uma história como um todo pode alterar a referência e até mesmo a referencialidade de suas partes componentes" (BRUNER, 1991, p. 13). Isso acontece porque os componentes de uma história têm suas funções dentro da história, à medida que tomam essas funções, elas perdem a suas responsabilidades como expressões referentes singulares e definidas. A responsabilidade de cada componente é sua função narrativa, não a de explicar o mundo e a realidade. É isso que separa o discurso narrativo do discurso lógico-científico, pois, para este último, cada componente deve permanecer singularmente com a responsabilidade total de explicar a realidade (verdade).

O autor adverte que a composicionalidade hermenêutica pode criar problemas na distinção convencional entre sentido e referência porque um narrador preocupado mais com o sentido geral da história pode alterar as referências, de forma que os componentes da história podem perder seu estatuto de referencialidade à medida que se tornam funções do sentido geral (BRUNER 1991, p. 13). No caso das narrativas dos informantes A, B, C e D, no entanto, as referencialidades são constituídas de grande importância funcional por tratar-se de pontos que poderiam torná-las menos bem compostas perante o suporte testemunhal. As referencialidades possuem nesses relatos força de sustentação para o desenvolvimento dos enredos, de forma que, para o sentido geral, a manutenção desse estatuto demonstra uma função mais destacada do que habitualmente são percebidas em narrativas de experiências pessoais.

Nas narrativas dos informantes E, F, G e H não se observa o mesmo rigor com referencialidades. A narrativa do Informante H pode ilustrar isso muito bem. Nas linhas 12-27, em que ele não informa as datas com precisão e torna confusa uma especulação sobre os tempos em que ocorrem os eventos relatados demonstram que sua atenção se volta mais para as funções de sentido geral do que para a exatidão de informações quanto às referencialidades:

11	[...] E aí, eu por acaso
12	entrei no garimpo. Por uma brincadeira... Por uma brincadeira... Era na época
13	que o Piana[58] era candidato a governador e como eu trabalhava na CERON[59], eu
14	tinha muito conhecimento com os ribeirinhos, que eu era pescador antes. O Piana

[58] Osvaldo Piana. Político rondoniense. Governou o estado de Rondônia no período de 1991 a 1995.
[59] Sigla para Centrais Elétricas de Rondônia.

15	me deu uma licença pra mim, na CERON... Pra mim fazer campanha pra ele com
16	os ribeirinhos. Eu nem lembro o ano. Eu fui fazer campanha pra ele com os
17	ribeirinhos pros lados de Guajará, subindo o Rio Madeira... Pros lados de abunã,
18	que antes eu pescava profissional e eu conhecia todo mundo ali. Aí eu saia
19	pregando panfletos e falando com o pessoal pra votar no Piana. E aí eu me
20	ingressei no garimpo. Montei uma balsinha. Eu e um sócio que chamava Pedro
21	Petri Panta. Aí, nós trabalhamos o primeiro ano e não fizemos muita coisa não.
22	Eu mergulhava. Eu andava horas e horas no fundo d'água, aí. E no primeiro ano
23	nós começamos já tarde e fizemos uns seis quilos de ouro. É pouca coisa, mas
24	desses seis quilos de ouro nós fomos se estruturando, se estruturando... No outro
25	ano nós começamos cedo. Aí foi na época que eu dei muito bamburro.[60]
26	Bamburrei, bamburrei que eu fazia despescadas de quilos e quilos e quilos de
27	ouro, na balsa. Não lembro bem o ano, foi logo em seguida. No governo do
28	Piana, ainda. [...]

O governador ao qual esse narrador se refere teve seu mandato entre os anos de 1991 a 1995, assim, tendo em vista que sua intenção é claramente informar sobre sua entrada nos garimpos na época em que se iniciava o principal período dessa atividade, tempo em que os garimpos passavam a atingir seu auge, no início dos anos de 1980, nota-se aí um erro de datas evidente[61].

Levando-se em conta a afirmação de Bruner (1991, p. 13), esse caso poderia exemplificar de que forma a busca por um sentido pode alterar outro. O narrador quer vincular sua entrada nos garimpos com acontecimentos relativos à caminhada política do personagem mencionado, apesar de que essa particularidade se apresente inexata em relação às referencialidades que compõem o pano de fundo de seus relatos. Contudo, pode ser esse caso apenas um problema de memória ou, talvez, uma intenção deliberada de tornar mesmo confusa a interpretação sobre os tempos em seus relatos, seja como for, considerando que nesta análise esse problema não se constitui de grande importância para a depreensão dos principais sentidos perseguidos, essa ocorrência é destacada apenas para afirmar a diferença em relação aos relatos dos informantes A, B, C e D, em que datas, locais e outras particularidades são informadas com maior rigor.

Sobre a característica da composicionalidade hermenêutica, Bruner (1991, p. 7) explica que o termo: "hermenêutica", diz respeito ao fato de que na narrativa há sempre alguém expressando um significado e alguém tentando extrair um significado. Muitas narrativas criam a ilusão de que a história "[...] "é como é" e não precisa de nenhuma

[60] Bamburrar significa extrair muito ouro, enriquecer.

[61] Pode-se depreender que sua intenção seja a de informar que tenha entrado nos garimpos ainda pelos anos de 1980 por causa do predomínio das balsas e dos mergulhos como principal forma de garimpar no Madeira (cf. l. 20).

interpretação" (BRUNER, 1991, p. 9). Essa ilusão pode ser criada por dois tipos de processos diferentes que podem ocorrer apenas em narrativas que sejam bem construídas, o processo da sedução narrativa ou o da banalização narrativa.

As narrativas aqui analisadas apresentam esses dois tipos de processos. As que tratam sobre os garimpos da região de Porto Velho não são muito documentadas entre os registros da história de Porto Velho, apesar de se erem elementos importantes para o conhecimento do desenvolvimento histórico e cultural da região. As narrativas orais de experiências pessoais sobre esses assuntos podem criar o que Bruner (1991, p.9) denomina de necessidade narrativa. De forma que, quando bem conduzidas, elas podem induzir à sedução narrativa, criando no interlocutor uma relação de aceitação acrítica sobre as referencialidades e significados apresentados pelos narradores. Um trecho dos relatos do Informante G pode exemplificar bem o que se quer afirmar sobre isso:

43	[...] Nessa época, a metade das pessoas trabalhavam com balsa e metade já
44	trabalhava com draga de lança. Eu fui trabalhar com draga. Eu fui exatamente pro
45	garimpo do Porto da Balsa do Abunã. Tinha explodido uma fofoca lá.[62]
46	Realmente, tinha muito ouro, mas a draga que eu fui não era muito boa de
47	produção e a gente era brabo. Brabo é o inexperiente. Aí, a gente não conseguia
48	produzir muito, mas eu cheguei a ver draga do lado despescando[63] com quatro
49	quilos de ouro numa noite. Realmente, tinha muito ouro nesse rio Madeira. Aí, eu
50	fiquei indo e vindo, indo e vindo. Sempre fazia algum ourinho, mas era pouco. [...]

O mundo referencial é apresentado junto a explicações que oferecem certas relações de sentido para os eventos relatados. Por parte do interlocutor, pode-se pensar na tendência de aceitar esses sentidos como facilitadores para a interpretação geral da narrativa, caso ele não compartilhe dos mesmos conhecimentos do narrador sobre a vida nos garimpos de ouro do rio Madeira. Dessa forma, mediante a necessidade narrativa, cria-se a sedução narrativa, que leva o interlocutor a não apresentar uma postura muito crítica diante das referencialidades indicadas e dos significados fornecidos pelo narrador.

Nas narrativas dos seringueiros e ferroviários ocorre o inverso, verificam-se nelas aspectos de banalização narrativa, que se trata da capacidade que alguns relatos

[62] Fofocas eram chamados os lugares que passavam a ficar conhecidos como grandes depósitos de ouro no fundo do rio Madeira.

[63] Despescagem é a denominação utilizada por garimpeiros para designar o resultado final de um período de trabalho com a retirada de materiais do fundo do rio e o processo de separação desse material para retirada do ouro.

possuem de “produzir uma atividade interpretativa restrita ou rotineira”, (BRUNER, 1991, p. 9). Um exemplo disso pode ser visto na narrativa do Informante E:

33 34 35 36 37	A vida aqui em Porto Velho era boa. No começo tinha os que falavam inglês e os outros não entendiam nada. Que nem era com os barbadianos do bairro Alto do Bode, mas depois eles começaram a entender mais as coisas e tudo se misturou. A vida era boa porque naquele tempo tudo mundo vivia unido, né. Hoje, a violência tem em todo canto. [...]

Nesse trecho, o narrador afirma que em Porto Velho “a vida era boa” porque os barbadianos passaram a se relacionar melhor com as pessoas que falavam em português e porque havia pouca violência. Essas explicações podem parecer pouco importantes ou naturalmente aceitáveis tendo em vista que na sociedade brasileira os índices de aumento da violência têm sido muitas vezes noticiados pelas grandes mídias de comunicação como crescentes anualmente. Dessa forma, o narrador pode induzir o interlocutor a não se esforçar por obter interpretações mais sutis sobre suas afirmações a respeito de que a vida em Porto Velho seria boa, no entanto, pode haver implícitas certas visões de mundo que mereçam ser mais analisadas para se depreender significações mais profundas sobre o que é apresentado por esse informante[64].

Na análise de narrativas deve-se estar atento aos significados fornecidos pelos narradores e os aspectos de sedução e banalização narrativa podem induzir a aceitação passiva dos significados sem muitos questionamentos. O que as narrativas querem demonstrar, sobretudo, são formas de dar significados às violações das normas sociais, por isso, as características de normatividade e de canonicidade e violação constituem-se no seu fundamento ontológico:

> Observe que narrativas são construídas apenas quando são violadas crenças constituintes de uma psicologia popular – ponto sobre o qual eu terei em breve mais a dizer. Eu o menciono aqui para alertar o leitor sobre o estatuto canônico da psicologia popular: ele sintetiza não apenas como as coisas são, mas (frequentemente de forma implícita) como elas deveriam ser. Quando as coisas “são como deveriam ser”, as narrativas da psicologia popular são desnecessárias (BRUNER, 2002, p. 44)[65].

Sobre os relatos aqui analisados, os que se referem aos acontecimentos relativos à vida nos seringais amazônicos e à Batalha da Borracha, por si mesmos, já se inserem

[64] Mais adiante, volta-se a tratar desse assunto.
[65] Para Bruner (2002, p. 40), psicologia popular equivale a senso comum ou ciência social popular.

num contexto de violação de cânone social. Eles têm como “pano de fundo” realidades sócio-históricas profundamente injustas, das quais o Estado brasileiro participa cometendo verdadeiros crimes contra muitas pessoas que atuaram como trabalhadores nos seringais da Amazônia. As particularidades apresentadas pelos informantes revelam como um estado intencional dos narradores denunciarem o desrespeito, que se iniciava no processo de contratação, e os diversos tipos de abusos e maus tratos sofridos nesses seringais. As informações sobre o transporte dos contratados, as paradas e as formas de deslocamentos, além de outras informações análogas às retratadas na narrativa do Informante A (ls. 11-21) podem figurar como exemplos do sofrimento que foi infligido aos contratados.

Esses relatos apresentam uma proposta de significado para os sofrimentos suportados, e é isso o que mais se espera das narrativas:

> A normatividade, em resumo, não é histórica ou culturalmente terminal. Sua forma muda com as preocupações do momento e das circunstâncias que cercam a produção. Nem se requer da narrativa, a propósito, que os problemas com que lida sejam solucionados. A narrativa, eu acredito, é projetada mais para conter esquisitices do que para solucioná-las. Não tem que ‘dar certo’. O que Frank Kermode chama de ‘enredo consolador’ não é o conforto de um final feliz, mas a compreensão de situações que, ao se tornarem interpretáveis, tornam-se suportáveis (Bruner, 1991, p. 16).

Os relatos do Informante B possuem um caráter mais argumentativo do que os dos informantes A e C, assim dois trechos podem ser destacados, uma parte longa e outra menor, em que o significado, o porquê de tantos sofrimentos suportados pelos migrantes contratados para os seringais amazônicos é informado:

40	[...] A minha família era gente destemida. Gente destemida. O Governo
41	convocava e dizia: “Lá é riqueza”. Os caras do Governo... Nem era o Governo. Os
42	caras desenharam... Desenharam uma seringueira... Desenharam uma seringueira,
43	assim, com as borrachas como jaca, só pregada na madeira. As borrachas desse
44	tamanho assim... Desse cumprimento... Era a propaganda. Aí, quando o cabra via,
45	dizia: “O que que é isso aí?” “isso é a borracha. Chega lá você é só ir arrancando e
46	botando nas costas e ir vendendo. É só vender lá e ajuntar dinheiro com gancho,
47	com rodo”. Aí vinha todo mundo com essa ideia de ajuntar dinheiro com rodo,
48	mas quando chegava era perseguição de todo jeito: índio, cobra, jacaré, lagarta,
49	tudo. Então, a gente aqui sofreu de verdade. Aqui tinha de tudo, só não tinha era
50	bondade. Tinha de tudo, só não tinha bondade com a gente. O Governo nos
51	enganou. Mandou pra cá. Foi mesmo que extraditaram nós pra Amazônia. [...]

60 61 62	[...] Então, a gente ficou nessa arapuca. Isso foi uma arapuca que o Governo formou pra produzir borracha pra defesa de Guerra. Havia a propaganda. [...]

O Governo brasileiro queria aumentar a produção de borracha a qualquer custo; os seringueiros ansiavam por lucros gigantescos; as instituições envolvidas no processo de contratação, transporte e colocação[66] de trabalhadores estavam dispostas a cumprir metas que precisavam ser alcançadas, mesmo que para isso as pessoas fossem induzidas ao "sonho" do enriquecimento rápido e fácil; da parte dos contratados, o Informante B esclarece (l. 47) que as pessoas estavam desejosas de se aventurarem ao encontro da riqueza. Assim, esboça-se um círculo em que há os atores com seus papéis, mas esse círculo só se fecha totalmente quando der conta de esclarecer os motivos de suas atuações. Os motivos das ações determinam o significado que a narrativa propõe e ela se consuma, pois o que sustenta um enredo dramático são os estados intencionais, tanto o do narrador ao contar sua história, como o dos personagens que têm intenções próprias ao se envolverem com os acontecimentos. É preciso compreender os estados intencionais relacionados com a quebra dos desvios canônicos, quer dizer, é preciso entender as motivações de quem adota comportamentos desviantes ao que deveria ser considerado como mais adequado. Portanto, o círculo se fecha com a demonstração de como determinados valores morais são desrespeitados em situações que ocorrem desvios de normas canônicas socialmente consideradas:

> O 'dramatismo', no sentido de Burke, focaliza os desvios do canônico que apresentam consequências morais e afastamentos relacionados à legitimidade, ao compromisso moral, aos valores. As histórias então devem, necessariamente, relacionar-se ao que é moralmente valorizado, moralmente apropriado ou moralmente incerto. [...] As histórias, levadas à conclusão, são explorações sobre os limites da legitimidade, como apontou Hayden White. Elas se tornam 'verossímeis' em relação a um problema moralmente explicado, quando não remodelado (BRUNER, 2002, p. 51).

Portanto, se o narrador não relaciona os atores e seus papéis na narrativa aos estados intencionais em que está implicada a quebra de valores morais relevantes para a história, o significado não se configura. Mas o Informante B faz isso. Referente à sua família (l.40), ele apresenta o destemor; sobre os contratantes (ls. 41-47), a intenção de

[66] Esse era o termo utilizado para designar a entrada e fixação de trabalhadores nos seringais.

enganar; sobre os contratados (ls 47-48), a ambição ingênua; sobre o Governo, o mau uso do poder e a exploração do trabalho de cidadãos. A tudo isso, ainda se deve juntar as informações que aparecem entre as linhas 50-60, que demonstram, por parte dos donos dos seringais, a opressão, a usura e a fraude.

Dessa forma, fecha-se o circulo dramático com a exposição do significado. A narrativa do Informante B se configura como uma história que apresenta um mundo referencial em que os atores vivem um drama, um problema estabelecido pela quebra de valores morais que levaram os atores ao afastamento de "padrões de comportamento recíproco" (FERREIRA NETTO, 2008, p. 21). Ela apresenta graves desvios das formas canônicas socialmente consideradas como coerentes para fundamentar a convivência entre as pessoas. Assim, o significado da história consiste em que valores morais foram desconsiderados e isso acarretou consequências dramáticas, sendo os maiores prejudicados os seringueiros.

Da narrativa do Informante B, portanto, o destemor, a intenção de enganar, a ganância ingênua, o mau uso do poder, a exploração do trabalho alheio, a opressão pela força, a usura e a fraude foram destacados como os elementos utilizados pelo narrador para montar sua visão a respeito dos valores morais transgredidos, contudo, verifica-se aí a mistura de visão positiva - valor moral - com visão negativa – a quebra de valores morais. A fim de que se torne mais clara a exposição sobre o assunto, parece ser mais interessante transformar os elementos todos em visão positiva, ou seja, estabelecer os valores morais presentes na narrativa. Isso poderia ser visto da seguinte forma: o destemor, a verdade, a perspicácia, o controle da ganância, a utilização do poder do Estado para a promoção do bem-estar do cidadão, a liberdade e as relações de trabalho pautadas na justiça entre patrão e empregado poderiam ser vistos como esses valores morais com os quais o narrador constrói o significado de sua história.

É importante recordar o que já foi apontado acima, utilizando-se do pensamento de Hawbwachs (2006, p. 72), que os estados intencionais dos narradores revelam também os valores, convicções, teorias e desejos construídos pelas culturas das quais eles são oriundos, de forma que os valores morais destacados com o Informante B, na visão deste estudo, são os valores morais de um seringueiro, de um membro de uma cultura definida que se pronuncia nesses depoimentos como indivíduo representativo dessa cultura.

Uma compreensão metodológica dessa análise, é que o levantamento dos valores, morais e comportamentais, acontece entre a localização do problema e a compreensão do significado, isto é, deve-se compreender que embora as narrativas não existam para apresentar resoluções ao problema, elas existem para apresentar uma forma de entendê-lo. O problema se relaciona com os desvios de normas, de forma que se podem depreender os valores pela forma como são apresentadas as normas e os desvios delas. Em narrativas como a do Informante B, em que há muita argumentação, o trabalho fica mais facilitado, em casos em que os relatos são mais episódicos, é preciso depreender os valores do sentido geral, inclusive inferindo suposições que se apresentem adequadas para se extrair uma hermenêutica possível. Certas afirmações de Bruner (1991) cooperam para essa compreensão:

> Tal interpretação hermenêutica é requerida quando não há nenhum método racional de assegurar a 'verdade' de um significado atribuído ao texto como um todo, nem um método empírico para determinar a confiabilidade dos elementos constituintes do texto. De fato, a melhor esperança de análise hermenêutica é apresentar uma explicação intuitivamente convincente do significado do texto como um todo, à luz de suas partes constituintes. Isso leva ao dilema do chamado circulo hermenêutico – no qual nós tentamos justificar a 'justeza' de uma leitura de um texto em termos de outras leituras, e não por dedução racional ou prova empírica. O meio mais concreto para explicar esse dilema ou 'circulo' é pela referência às relações entre os significados atribuídos ao texto como um todo (a história) e às suas partes constituintes (BRUNER, 1991, p. 7).

Tendo isso em vista, pode-se dizer que as narrativas dos ferroviários apresentam como problema a paralização da EFMM, conforme se observou com a exposição das estruturas diacrônicas propostas para essas histórias[67]. O problema se estabelece quando há a quebra da harmonia de um tempo em que, segundo a narrativa do Informante E (l. 33), a vida em Porto Velho era boa, o Informante D (ls. 21-22) afirma que faltava vagão na EFMM para exportar a grande quantidade de borracha produzida nos seringais, o Informante E (ls. 25-26) diz que se transportava também muita castanha e gado da Bolívia, o Informante F (ls. 24-30) declara que os norte-americanos enviavam dinheiro para pagar os soldados da Borracha e os informantes D (ls. 39-43) e F (ls. 22-33)

[67] As duas estruturas diacrônicas propostas para essas narrativas foram: 1. A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré é um grande empreendimento que foi abandonado; 2. A EFMM teve seus tempos de glória quando transportava as riquezas do Brasil e da Bolívia, mas entrou em decadência e foi abandonada por culpa de autoridades que cooperaram para seu abandono e destruição.

apresentam o patrimônio da Estrada, o contingente de funcionários, a movimentação entre a Estrada e o Porto, a produção da oficina, enfim, todo um cenário composto de grandezas e riquezas, tendo como pano de fundo uma cidade em que reinava a harmonia entre as pessoas e onde não se via violências, conforme declara o Informante E (ls. 33-37).

Com a chegada do 5º Batalhão de Engenharia e Construção, todo esse cenário começa a se desfazer e o problema se instala quebrando as normas de convivência social vigente, cujo eixo de coerência e coesão repousava nas atividades ao entorno da EFMM. Como elementos que figuram como valores nessas narrativas pode-se apontar o trabalho; a família; o apreço à presença, apoio, comportamentos e legados dos norte-americanos; a unidade entre os moradores da cidade; a ausência de violências e, sobretudo, a grande estima pela Estrada de Ferro.

O significado apresentado como forma de compreensão ao problema e a explicação sobre os motivos dos acontecimentos e das ações dos personagens apresentam-se com a visão de que autoridades políticas, do período do Governo Militar, entenderam que as atividades da Estrada deviam cessar e levaram a efeito sua paralização. O Informante D acrescenta a isso a informação sobre a venda de parte desse patrimônio como sucata, e o Informante F acrescenta ao motivo da paralização da Estrada o “fato” de que o presidente Castelo Branco tinha o interesse de promover a venda de tratores no país. Assim, portanto, essas narrativas configuram um significado, uma forma de compreensão ao problema.

No caso das narrativas dos garimpeiros, para bem analisá-las, requer-se mirar dois mundos referenciais paralelos e em contrastes. Para a cidade, onde há leis institucionais e normas consensuais de convivência social, os garimpos se constituem no problema, uma vez que ele representa os desvios das normas; mas para o outro mundo de referência, o dos garimpos, o fato de que as leis da cidade não devem vigorar ali, de certa forma, é já uma espécie de lei. Sobre isso, é importante recordar a expressão do Informante H (l. 61), que nos garimpos era como no velho oeste, de fato, os garimpos parecem se pautar por outro paradigma social, onde vigoram outros tipos de leis. Analogamente, pode-se supor a existência de normas consensuais de convivência social fundadas em modelos não ajustados aos estilos de vida da cidade. Dessa forma, embora o Informante G afirme que nos garimpos não havia leis (l. 65), parece ser mais

correto compreender que não havia as mesmas leis existentes na cidade, mas que seriam por meio de outras regras que os limites normativos dos garimpos se pautassem.

Para esse mundo referencial, o problema desestabilizador de sua "harmonia" são elementos que ameacem sua continuidade. Tendo em vista que a ameaça aos garimpos parte de uma parcela da população que não os aceitam e de instituições que os veem como perigosos para o meio ambiente e para sociedade, pode-se compreender que o problema dos garimpos vem da parte da cidade[68]. Quando o Informante H atribui às autoridades políticas um "mau olhar" para os garimpos, de certa forma, ele apresenta o problema, os agentes, os motivos dos agentes para a causa do problema e o significado, a um só tempo:

99 100 101	[...] Depois, as autoridades daqui olham os garimpeiros com maus olhos, os governantes se acham poderosos e desviam os recursos daqui, mas não ajudam os garimpeiros, não ajudam ninguém.

Pode-se compreender da frase que os garimpos entraram em decadência por causa da intolerância e da forma preconceituosa com que os garimpeiros são vistos na cidade, principalmente por parte dos governantes que deveriam ajudá-los em suas necessidades, mas que não o fazem.

Contudo, também é possível realizar outra leitura das narrativas dos garimpeiros, a leitura pelo olhar do mundo referencial da cidade. Na verdade, em suas narrativas, os narradores cruzam as fronteiras entre os dois mundos de referência porque eles pertencem aos dois. É possível percebê-los adaptados ao mundo dos garimpos e, logo em seguida, admirados como quem se abstrai para percebê-los pelo olhar de um cidadão comum que os observa com estranhamento, conforme demonstra a narrativa do Informante G:

49 50 51 52 53 54	Realmente, tinha muito ouro nesse rio Madeira. Aí, eu fiquei indo e vindo, indo e vindo. Sempre fazia algum ourinho, mas era pouco. Eu fiquei muito tempo com essa draga porque eu me tornei amigo do dono, mas, um ano depois, eu mudei de draga. Eu tava muito envolvido com os problemas dessa draga, aí eu via que quem mudava mais de draga fazia mais ouro, porque trabalhava em dragas melhores. Mas eu ainda fiz um pouquinho de ouro nessa draga. Mas foi bem

[68] Nesse caso, deve-se perceber que as relações entre os garimpos e a cidade são contraditórias, por um lado os garimpos dependem da cidade, porque delas é que vem recursos importantes para a manutenção dos trabalhos, por outro, os garimpos também receiam a cidade, porque ela tem poder sobre eles e pode decretar sua estagnação.

55	depois que consegui melhorar. Na fofoca do Simãozinho, foi onde eu fiz mais
56	ouro. Nós trabalhamos lá em duas dragas, durante uma semana, e despescamos
57	com cinco quilos de ouro. Pra mim, deu meio quilo. Foi o maior ouro que eu
58	consegui fazer de uma vez. Eu aproveitei o dinheiro comprando um terreno e
59	começando a construção de uma casa, mas a maioria do pessoal nunca olhava
60	muito pro futuro. Conheci um cara que quando trabalhou com balsa, segundo ele,
61	costumava pegar um quilo de ouro de manhã e gastar tudo num bordel de noite.
62	Ele fechava o "brega" e dizia que era tudo por conta dele. Ele dizia que se sentia
63	o rei das "currutelas". Conheci um cara, também, que comprou um carro num
64	final de semana e no mesmo final de semana ele bateu e acabou com o carro.
65	Quando deu segunda-feira ele foi na concessionária e comprou outro à vista.
66	Tinha muito disso, também. No garimpo não tinha lei, rolava de tudo, droga,
67	prostituição e muita bebida. O pessoal disputava as mulheres, queriam ter
68	exclusividade com as mulheres e isso acabava dando em muita briga, muitas
69	mortes. [...]

Nesse trecho, o narrador observa o mesmo mundo referencial com duas visões. Primeiramente, ele é o protagonista das ações e aparece no centro do cenário, perfeitamente adaptado ao ambiente dos garimpos, inclusive, tendo a amizade e o companheirismo como principal vínculo no desenvolvimento de seu trabalho. Segue assim até a linha 60, em seguida a isso, há outro olhar para esse cenário, o narrador não se apresenta mais como o protagonista das ações, mas como um observador participante de um mundo estranho e assombroso.

Essa capacidade de abstrair-se e observar o mundo referencial dos garimpos por outro viés também acontece com o Informante H (ls. 46-62). Ambos narradores demonstram essa capacidade por causa das relações de pertença que mantêm com os dois mundos referenciais, e é tão intenso esse relacionamento que eles conseguem apresentar os problemas, agentes, motivos e significados segundo os pontos de vista dos garimpos e também dos da cidade.

De acordo com a narrativa do Informante G (ls. 95-97), os garimpos avançavam para a cidade, acompanhados de todos seus problemas: drogas, bebidas, prostituição, mortes. Dessa forma, como afirma o Informante H (l. 99-101), as autoridades da cidade observam com "maus olhos" e passam a se tornar cada vez menos cooperativos com os garimpeiros, ou como diz a narrativa do Informante H (l. 101), "não ajudam os garimpeiros". Portanto, o significado que a narrativa oferece é que a cidade sentiu a ameaça dos garimpos e as autoridades tomaram uma providência, embora, de qualquer

forma que se observe o narrador não estará concordando com a forma providencial das autoridades políticas ao lidarem com os garimpos[69].

Entre a localização dos problemas e a apresentação dos significados, observa-se os desvios de normas realizados pelos mundos referenciais paralelos dos garimpos e da cidade, um em relação ao outro. Para a cidade, os garimpos representam o rompimento com as leis, a degradação moral, o predomínio dos vícios, a ambição desmedida, o perigo à segurança pública, a ameaça ao meio ambiente. Observando de outro modo, significa dizer que para a cidade, o que deveria ser visto como valor moral e comportamental seria a obediência às leis civis, o recato, o domínio dos vícios, o refreamento da ganância, a segurança coletiva, o cuidado com o meio ambiente. Entre outras coisas que se poderiam destacar, essas se demonstram bastante aparentes.

Para os garimpos, a cidade representa o retraimento, o cerceamento à liberdade dos comportamentos, a intolerância, o impedimento aos objetivos do enriquecimento e uma ameaça constante à sua sobrevivência. Significa entender que os tipos de comportamentos e a visão de mundo que têm valor nos garimpos são a tolerância aos modos de vida recriminados na cidade, a liberdade e expansividade comportamental, a ambição e os esforços pelo enriquecimento, a defesa pela manutenção e sobrevivência dos garimpos.

Percebe-se que os dois mundos referenciais se opõem na visão de valores, de modo que a travessia de suas fronteiras implica a aceitação dos valores pertinentes a cada um desses espaços sociais. Porém, como se demonstrou acima, os narradores se inserem como pertencentes a ambos os lados e transitam facilmente por entre suas fronteiras, mas essa capacidade de travessia não deve ser vista como exclusiva dos informantes, pois, como apresenta o Informante H:

63 64 65	Muita gente perdeu tudo só em droga, bebida e com mulher. Tinha muito marginal, mas também tinha muita gente boa. Tinha muito fazendeiro, médico, tinha gente de outros lugares. [...]

Os garimpos não eram constituídos por alguma categoria social específica, inclusive, muitas autoridades, tais como políticos da região, também mantinham fortes relações de interesse com eles (OTT *et ali*, 2009, p. 20), de forma que as fronteiras

[69] Conforme se demonstra acima, os garimpos de ouro no Madeira foram proibidos pelas autoridades políticas do Estado de Rondônia.

culturais entre esses mundos são atravessadas frequente e facilmente por muitos tipos de pessoas. No entanto, deve-se compreender que o poder de instituir a cultura predominante pertence à cidade, sendo os garimpos não mais que uma cultura marginal que cresce à sua sombra, de forma que, oficialmente, por assim dizer, as pessoas envolvidas com os garimpos devem se declarar como pertencentes à cultura da cidade e, ainda que a sinceridade possa ser discutível, declarar-se submetidos às leis brasileiras.

Bruner (1991) afirma que as narrativas são essencialmente normativas:

> Por causa da 'narrabilidade' como uma forma de discurso basear-se em uma violação da expectativa convencional, a narrativa é necessariamente normativa. Uma violação pressupõe uma norma. Essa condição fundadora da narrativa levou teóricos – de Hayden White e Victor Turner até Paul Ricoeur – a propor que a narrativa está centradamente preocupada com a legitimidade cultural (BUNER, 1991, p. 15).

Assim, as narrativas dos garimpeiros, como também todas as outras, pautam-se pela orientação normativa da cultura predominante e os pontos de vista dos narradores tendem sempre a reforçar os modelos comportamentais exemplares (FERREIRA NETTO, 2008, p. 26). As narrativas retiram da rede institucional de significações[70] os conceitos socialmente definidos que fundamentam as normas de comportamento, e devolve a ela esses conceitos atualizados narrativamente ao reforçarem os princípios normativos.

Isso leva à compreensão de que a tendência de todas as narrativas aqui estudadas será sempre reforçar a cultura central e suas normas. Em relação às narrativas dos garimpeiros, a cultura central é a da cidade, e os valores morais e comportamentais que servem como paradigma para a construção de suas histórias são os adotados na cidade. Semelhantemente, as narrativas dos seringueiros e ferroviários são comparadas, medidas e avaliadas tendo como paradigma essa cultura central adotada na cidade de Porto Velho, em que a rede de significações modela papéis e comportamentos. É por meio dessa cultura que os seringueiros podem afirmar que os seus sofrimentos foram provocados pela quebra de valores morais e comportamentais adequados.

Contudo, a cultura dominante não tem geração espontânea, mas é uma construção da qual participam todas as expressões culturais que a ela se vinculam.

[70] Conforme apresentou acima, a expressão: rede institucional de significações refere-se aos padrões de moralidade e de excelência, de direitos e deveres e aos padrões comportamentais dos papéis organizadores da sociedade (FERREIRA NETTO, 2008,p. 25).

Portanto, a cultura de Porto Velho é formada pelas culturas de seringueiros, ferroviários e garimpeiros, e as normas que regem as narrativas desses segmentos foram formadas com a participação dessas subculturas.

4. RESULTADOS DA PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 As Narrativas e a Construção Coletiva de Significados

De acordo com Bruner (2002, p. 12), a humanidade constrói suas realidades por meio de dois tipos de pensamentos, o argumentativo e o narrativo. Ambos atuam como formas de convencimento. Com o primeiro tipo de pensamento, busca-se convencer o outro por meio de afirmações baseadas em provas formais e empíricas; com o segundo, procura-se convencer o outro por meio da verossimilhança, com a qual são estabelecidos comportamentos exemplares consensualmente considerados como normativos numa sociedade.

O pensamento argumentativo é utilizado para estabelecer "verdades" lógico-racionais[71], com as quais o mundo e seus fenômenos possam ser explicados; com o pensamento narrativo as sociedades procuram obter sentidos depreendidos dos comportamentos dos indivíduos em suas relações com a vida social.

As relações de verossimilhança estabelecem os limites do senso comum, que Bruner (2002, p. 40) denomina também de psicologia popular ou ciência social popular. O senso comum funciona para a sociedade "[...] como um sistema pelo qual as pessoas organizam suas experiências no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que com ele mantêm" (BRUNER, 2002, p. 41), dessa forma, o senso comum modela os comportamentos e regula a convivência social.

As narrativas devem ser vistas como princípio organizador das experiências humanas e um tipo de interpretante que atua como esquema simbólico que intermedeia entre sinal e mundo. A função mimética das narrativas atua como forma de construção do significado sobre os problemas que se apresentam como desvios de normas partilhadas por um grupo social (BRUNER, 2002, p. 48), assim, a construção coletiva do significado gera as culturas como sistemas simbólicos que contêm as receitas, as regras, os "programas" que devem governar os comportamentos (LARAIA, 2000, p. 62).

Na concepção da semiótica, segundo demonstra Bellei (2000, p. 149), cultura é vista como um sistema de signos cuja organização ocorre por meio de uma memória não

[71] Também chamado pelo autor como pensamento paradigmático ou lógico-científico.

hereditária que estabelece normas e restrições quanto a fatos e textos que devem ser lembrados e fatos e textos que devem ser esquecidos. Neste estudo, o conceito de memória fundamenta-se nas proposições de Halbwachs (2006) apresentadas por Ferreira Netto (2008, p. 29), segundo as quais existem três tipos de memórias, a individual, a coletiva e a histórica. A memória individual é fragmentária e só pode se reportar às experiências individuais, contudo, não podem reconstituir com precisão os fatos testemunhados, uma vez que só podem apresentar suas versões de experiência com eles; a memória coletiva é a junção das memórias individuais dos membros de uma comunidade e a memória histórica, construída por meio do pensamento argumentativo[72], é a tentativa de reconstrução exata do passado a partir dos exames a documentos que registram os eventos. Dessa forma, pode-se entender que a formação da cultura acontece por meio da memória coletiva que seleciona as lembranças que devem permanecer e as que devem ser colocadas à margem da sociedade ou serem definitivamente esquecidas pelo grupo social.

As narrativas que expressam os registros da memória individual, quando selecionadas pela memória coletiva como fatos a serem lembrados, passam a figurar como parte de uma cultura. Como afirma Hawbwachs (2006, p. 72), o indivíduo recorre sempre a pontos de referências que existem fora de si mesmos e que são determinados pela sociedade, de forma que as narrativas de experiência pessoal, além de transmitirem as experiências próprias dos seus narradores, transmitem também conceitos já processados pela cultura e podem, muitas vezes, serem vistas como representativas da cultura a qual pertence o narrador. Dessa forma, enquanto a cultura acarreta influências às experiências do indivíduo, o indivíduo também atua de forma influente sobre a cultura da qual ele participa.

Seguindo as proposições de Bruner (2002. p. 65-88) sobre as narrativas, entende-se que elas devem ser vistas como formas pelas quais a sociedade humana modela os padrões de comportamento por meio de significados aplicados a problemas. Segundo essa visão, problemas são elementos instigantes que induzem a humanidade a refletir sobre ideias e comportamentos. Para o pensamento argumentativo um problema é um questionamento a ser decifrado, resolvido, solucionado pela capacidade lógica-racional. Para o pensamento narrativo, um problema não se constitui em algo a ser

[72] A explicação que relaciona memória histórica e pensamento argumentativo á aplicada aqui, mas não faz parte das explicações do autor mencionado.

resolvido, mas em um acontecimento para o qual deve haver um significado a ser assimilado socialmente. O que instiga o pensamento narrativo são os comportamentos que se desviam das normas sociais, as atitudes desviantes dos modelos de comportamento, que por meio de relações de verossimilhança foram estabelecidos pelo pensamento narrativo em uma cultura, precisam ser esclarecidos, por isso existem as narrativas para dar significado a esses desvios.

Dessa forma, enquanto o pensamento argumentativo se ocupa de modelar ideias por meio da resolução de problemas, o pensamento narrativo se ocupa de modelar o comportamento por meio dos significados encontrados para os desvios das normas de convivência social. Assim, o papel das narrativas é reforçar as normas de convivência quando procuram dar significado aos problemas de desvios. Os significados são construídos narrativamente pela coletividade e é dessa forma que as narrativas se tornam fundamentais na criação e manutenção de culturas.

O conceito de cultura que fundamenta este estudo segue a proposição de Cliford Geertz, conforme a apresenta Laraia (2000, p. 62), em que ela é vista como sistema de símbolos e significados. Segundo essa visão, grupos que mantêm seus símbolos e significados, suas regras, normas e "programas" próprios podem ser vistos como possuidores de uma cultura própria. Consequentemente, parece certo depreender que na constituição sociocultural global de uma sociedade possam subsistir grupos que mantenham seus próprios sistemas de símbolos, regras e programas, ainda que sobre esses grupos um sistema maior seja dominante. Dessa forma, no interior de uma cultura podem ser encontradas outras culturas.

O conceito de sistema de símbolos e significados pode ser comparado ao que Ferreira Netto (2008, p. 25) denomina de rede institucional de significações, ou rede de signos e sinais culturais. Essa rede é formada pelos sinais e pelos significados socialmente considerados e ela atua na manutenção das culturas, de forma que as culturas permanecem na medida em que na rede de significações de uma sociedade elas permaneçam como parte do sistema institucionalizado mantendo características próprias.

Sobre as narrativas, Bruner (1991, p. 19) destaca a importância de observar nelas suas ligações com uma "estrutura diacrônica". Esse elemento pode apresentar-se na forma de uma das sentenças da narrativa ou pode ser uma proto-história da qual ela deriva ou, ainda, pode ser um evento histórico ou até mesmo uma visão de mundo

tradicional de alguma cultura. O que ela contém fundamentalmente é a capacidade de fazer originar muitas histórias ou versões diferentes de uma mesma história. A estrutura diacrônica funciona como eixo de novos relatos, bastando que se lhe acrescente particularidades e referencialidades, que Bruner (1991, p. 17) denomina de acréscimos narrativos.

A estrutura diacrônica apresenta um problema originado por desvios de normas estabelecidas socialmente. Para o problema é apresentado não uma solução, mas um significado construído segundo as normas do senso comum, de forma que muitas versões de histórias podem ser montadas tendo por base um desvio de normas socialmente construídas e o significado aplicado ao problema. Quanto às normas de convivência social, definidas coletivamente, elas têm como fundamento a valorização de certos conceitos morais e de certos comportamentos selecionados culturalmente. Assim, as narrativas apresentam os significados construídos coletivamente para problemas de desvios das normas e esses desvios representam quebras de valores consensualmente definidos pelas culturas.

Com base nas ideias apresentadas acima é que se buscou analisar os oito relatos selecionados seguindo como critério analítico as dez características das narrativas apontadas por Bruner (1991, p. 5-19), que Ferreira Netto (2008, p. 53) subdivide nas categorias de nível baixo e de nível alto; e sob a visão conceitual de cultura como sistema de símbolos e significados, análoga a visão de rede institucional de significações, procurou-se demonstrar que os oito relatos selecionados podem ser vistos como representativos das culturas de seringueiros, ferroviários e garimpeiros. Junto a isso, realizou-se também um trabalho comparativo, com o qual as narrativas foram confrontadas com algumas versões sobre a história de Porto Velho e com acontecimentos recentes que aparecem descritos em documentação variada. A intenção desse esforço foi tentar observar formas possíveis pelas quais as culturas acima destacadas, tanto no passado quanto na atualidade, podem ser compreendidas como exercendo influências na composição sociocultural do povo portovelhense.

O que se segue agora é a apresentação dos principais resultados encontrados nesse sentido na pesquisa[73].

---

[73] O que se procura nessa parte é apontar observações mais conclusivas a partir dos pontos que foram depreendidos nas observações com cada uma das características brunerianas. Nessa configuração mais global do estudo, portanto, não se pretende mais tratar, mesmo que de forma resumida, sobre cada ponto

4.2 Resultados da Análise

Neste estudo, as narrativas de experiências pessoais analisadas são vistas como contendo mais que apenas as experiências próprias de seus narradores, elas são tomadas também como representativas das culturas às quais eles pertencem. Alguns fatos relatados permitem perceber que seringueiros, ferroviários e garimpeiros são segmentos ativamente participantes na formação sociocultural da sociedade portovelhense. Não se pode esquecer que seringueiros e ferroviários são participantes do processo de fundação da cidade, de forma que suas culturas tornam-se influentes na consolidação da rede institucional de significados, que agrupa os padrões de moralidade e de excelência, de direitos e de deveres de uma comunidade (FERREIRA NETTO, 2008, p. 25).

Em relação aos primeiros, os garimpeiros constituem um segmento cuja fixação na sociedade portovelhense ocorreu num período mais tardio, entretanto, de maneiras quantitativa e qualitativa pode-se perceber sua presença como marcante nessa sociedade, fazendo com que sua cultura se tornasse fortemente influente na configuração geral da rede institucional de significações. O sentido quantitativo refere-se ao fato de que os garimpos de ouro do Madeira deflagraram um dos mais importantes fluxos migratórios na região, e o sentido qualitativo refere-se ao fato de que suas atividades envolveram grandes mudanças de ordem cultural, econômica e política nessa sociedade, principalmente durante as décadas de 1980 e 1990.

Portanto, na sociedade portovelhense, seringueiros, ferroviários e garimpeiros podem ser vistos como segmentos que possuem culturas próprias, com as quais têm exercido grandes influências na formação e na manutenção da rede institucional de significados, permanecendo ainda, atualmente, como importantes elementos de sua configuração geral enquanto fatos e textos que lhes são próprios não se tornam esquecidos pela memória coletiva.

Para compreender as narrativas aqui analisadas em relação ao perfil sociocultural dos portovelhenses, algumas estruturas diacrônicas foram "criadas"[74] como propostas para se depreender delas os problemas, as normas, os significados e os

---

analisado com o auxílio das características, mas aproveitar da argumentação geral obtida por meio delas para dar um fechamento à dissertação.

[74] Na verdade, procurou-se obter essas estruturas diacrônicas por suposição. O sentido de suposição aqui utilizado segue a visão apresentada por Bellei (2000, p. 96). Dessa forma, ao propor essas estruturas narrativas busca-se aquilo que o autor denomina de "verdade Provisória" (BELLEI, 2000, p. 96).

valores relacionados a essas culturas. Para o caso das narrativas dos seringueiros, propôs-se a seguinte estrutura diacrônica:

Homem (mulher/família) emprega-se para o trabalho em seringais amazônicos ansiando enriquecer e aderindo a uma poderosa propaganda. Após a experiência de muitos sofrimentos, entende que está preso a um sistema desumano de explorações e enganos.

Por meio dessa proposição, um problema pode ser evidenciado: pessoas que ansiavam enriquecer-se foram atraídas por propagandas que as enganaram e as conduziram a experiências dolorosas. Os desvios de normas socialmente definidas podem ser vistos de algumas formas. Pessoas imbuídas de ambição deixaram-se enganar aderindo ingenuamente a propagandas deliberadamente utilizadas com a intenção de induzi-las a exploração de seus trabalhos. Todo um sistema é montado baseado no engano, na exploração do trabalho alheio, na falta de perspicácia e na ambição daqueles que foram enganados, enfim, a estrutura diacrônica dá conta de apresentar um problema que se instala com o desvio de normas consensuais. Há também nela a visão de um significado para todo o sofrimento pelo qual os seringueiros passaram: eles foram enganados.

Conforme foi demonstrado em outra parte deste estudo, o desvio de normas equivale à quebra de valores. Nas narrativas dos seringueiros, os valores que foram observados como destacáveis foram o destemor, a verdade, a perspicácia, o controle da ganância, a utilização do poder do Estado para a promoção do bem-estar do cidadão, a liberdade e as relações de trabalho pautadas na justiça entre patrão e empregado. Na estrutura diacrônica proposta não se pode observar todos esses valores colocados, mas quase todos eles aparecem ali de alguma forma, implícita ou explicitamente, de maneira que o significado oferecido pela estrutura diacrônica para explicar as experiências dolorosas vividas por seringueiros consiste em que esses valores foram desprezados e isso acarretou drásticas consequências.

Assim, os valores morais e comportamentais selecionados pelos narradores em suas histórias podem ser vistos como representativos da cultura dos seringueiros na visão deste estudo. Evidentemente, valores como esses podem ser encontrados também em outras culturas, mas o fato de que os narradores tenham escolhidos esses para fundamentar a visão de problema e desvio de normas sociais, como também para

demonstrar os significados construídos consensualmente que explicam as consequências de tais desvios, demonstram que eles se tornam destacadamente importantes para essa cultura.

A pesquisa, portanto, levou a concluir que as narrativas dos seringueiros são montadas tendo por base esses valores morais e comportamentais[75] e que esses elementos valorizados pela cultura dos seringueiros também podem ser vistos como suas contribuições para a formação sociocultural da sociedade Portovelhense. Evidentemente, não se pode afirmar que esses valores não existiriam nessa sociedade sem a influência desse segmento social, mas se pode afirmar, com base neste estudo, que a valorização desses elementos passou a ser transmitida fortemente para essa sociedade, à medida que essa cultura possa ser vista como de relevante participação em sua formação e desenvolvimento.

No caso dos ferroviários, como valores morais e comportamentais destacáveis em suas narrativas, apontou-se a importância do trabalho e da família; o apreço à presença, apoio, comportamentos e legados dos norte-americanos; a unidade entre os moradores da cidade; a ausência de violências e, sobretudo, a grande estima pela Estrada de Ferro.

Nas narrativas dos garimpeiros observou-se a presença de dois mundos referenciais, o da cidade e o dos garimpos. Dessa forma, as narrativas apresentam tipos de valores morais e comportamentais que são adotados pela cidade e outros que são adotados no mundo dos garimpos. Depreendidos das narrativas, os valores da cidade são a obediência às leis civis, o recato, o domínio de vícios, o refreamento da ganância, a segurança coletiva, o cuidado com o meio ambiente. Do mundo referencial dos garimpos os valores depreendidos são a tolerância aos modos de vida recriminados na cidade, a liberdade e expansividade comportamental, a ambição e os esforços pelo enriquecimento, a defesa pela manutenção e sobrevivência dos garimpos.

Compreender amplamente como esses valores morais e comportamentais aparecem na constituição sociocultural dos portovelhenses demandaria desenvolver um trabalho que relacionasse domínios muito diversos de saberes. As proposições deste

[75] É preciso explicar que este estudo não tem a pretensão, e nem conseguiria, elencar todos os valores morais e comportamentais das culturas de seringueiros, ferroviários e garimpeiros. Os valores destacados são os que se percebeu terem sido mais enfatizados nos relatos analisados. Tendo em vista que se tratam de escolhas dos narradores, devem, portanto, serem entendidos como contendo especial relevância para as culturas que eles representam.

estudo são mais modestas e se restringem apenas à observação dos modos de manifestação desses aspectos por meio de algumas suposições aplicadas para algumas versões da história de Porto Velho em confrontação a alguns aspectos das narrativas.

É importante recordar que as propostas de suposições são vinculadas à visão de Bellei (2000, p. 96) sobre esse tipo de recurso intelectual para análises de lacunas nas "histórias mal contadas" que podem ser estudadas com inferências aplicáveis segundo a proposição da historiografia do latente, ao invés da historiografia do visível (BELLEI, 2000, p. 111).

Observou-se acima que entre Lima (2009, p. 7) e Ferreira (2005, p. 202) apresentam-se algumas diferenças nas maneiras de retratar o comportamento dos norte-americanos nos primórdios do surgimento de Porto Velho. De acordo com o primeiro autor, eles não desejavam que a cidade fosse fundada, não queriam a presença de pessoas que não fizessem parte do grupo de empregados das empresas concessionárias dos serviços realizados à EFMM e, como afirma também esse autor, foi construído um alambrando separando o grupo dos funcionários dessas empresas de outras pessoas que insistiam em ocupar as áreas próximas à Estrada. Segundo Lima (2009, p. 18), os norte-americanos discriminavam os que não eram funcionários das empresas e colocaram força policial para conter a passagem dos moradores do outro lado do alambrado.

Essa exposição sobre os estrangeiros em nada lembra o que diz Ferreira (2005, p. 268), que apresenta os norte-americanos como grandes humanitários que estavam construindo uma cidade com todos os recursos técnicos disponíveis na época (FERREIRA, 2005, p. 202).

Segundo a versão de Lima (2009, p. 18), os moradores da região próxima à Estrada eram formados por brasileiros e estrangeiros, trabalhadores da Estrada dispensados, ribeirinhos das adjacências, aventureiros etc. Esse grupo, que o autor chama de pioneiros fundadores da cidade de Porto Velho, eram marginalizados e de muitas formas rechaçados pelos norte-americanos que agiam com preconceito, arrogância e prepotência contra eles. O autor afirma que esse grupo enfrentou os norte-americanos com grande ousadia (LIMA, 2009, p. 7).

Entre as duas versões, a de Lima (2009) demonstra uma cidade dividida logo em sua fundação, com um grupo que podia habitar na cidade e outro que deveria se manter afastado. Levando-se em consideração que os seringais eram já a principal atividade da região, entre os aventureiros da descrição de Lima (2009), certamente, grande parte

deveria ser composta por seringueiros. Talvez se possa acrescentar a isso a possibilidade de que muitos fugissem dos seringais, onde estariam sujeitos a maus tratos e procurassem se refugiar no povoado, que estava se formando próximo às instalações da EFMM. Essa suposição, que pode ser admitida como provável tendo em vista o que Cunha (2006, p. 8) apresenta sobre a vida dos seringueiros na Amazônia do início do século XX, pode induzir ao pensamento de que eles teriam se tornado, desde os primórdios do surgimento de Porto Velho, uma parte marginalizada da sociedade portovelhense enquanto os trabalhadores da Estrada, que gozavam de prestígio, instalavam-se no centro dessa sociedade e, como diz Bellei (2000, p. 150), no "centro da cultura" que a memória coletiva iniciava a dar forma.

Com as narrativas dos ferroviários, observou-se que o trabalho; a família; o apreço à presença, apoio, comportamentos e legados dos norte-americanos; a unidade entre os moradores da cidade; a ausência de violências e, sobretudo, a grande estima pela Estrada de Ferro são os valores que os narradores escolheram para apresentar suas histórias, de forma que esses elementos são vistos como valores da cultura desse segmento social da sociedade portovelhense. Trata-se de valores que demonstram o interesse na conservação de princípios importantes para a manutenção da vida em segurança na cidade, mas também lembra o que Bellei (2000, p. 112) chama de desejos inconscientes que aparecem nos discursos, tal como a angústia da influência que conduz indivíduos ao desejo de copia e imitação de uma cultura dominante quando percebe que o que é seu é desvalorizado e o que possui valor pertence ao outro. Esses sentimentos desconfortantes, de acordo com esse autor, manifestam conflitos no interior das culturas periféricas e as formas de se posicionar perante o conflito da angústia da influência podem ser pelo confronto ou por meio de práticas culturais de mediação. As mediações são formas pelas quais os conflitos podem ser amenizados e a cultura do dominador traduzida, digerida ou negociada (BELLEI, 2000, p. 149-156). Essas práticas culturais, conforme declara esse autor, não são incomuns na cultura brasileira.

No caso das narrativas dos informantes E e F, especialmente, parece que se pode perceber traços da prática cultural da tradução, que é o desejo de copiar a cultura do outro com a intenção de se parecer com aquele que é visto como portador da cultura dominante. Na narrativa do informante F há algumas afirmações que induzem bastante a se pensar nessa possibilidade, tal como se observa nas linhas 47 a 61:

47	[...] Ah! Uma coisa interessante que aconteceu esses tempos
48	é que os Maloney... Foi um deles lá pros Estados Unidos pra procurar parente do
49	Maloney. O Maloney era de Barbados, mas tinha parentes nos Estados Unidos.
50	Aí, bateram aí, um dia desses, era a Ursula e outro parente dela. Vieram me dar a
51	informação que esse presidente da América do Norte é parente da gente. Assim
52	me disse a Ursula e os parentes dela. Souberam lá que o Barac Obama é da
53	família dos Shockness. E engraçado que outro dia eu tava olhando na televisão e
54	ele tem a fisionomia mesmo de uns parentes. Ele é primo nosso. Parece que ele é
55	filho de uma irmã mais velha do papai. Que a Ursula é que trouxe essa história da
56	América do Norte pra mim. Eu tenho um filho também que foi pra América do
57	Norte, o Carlos. Ele foi pra casa de um primo meu chamado Roberto. De vez em
58	quando o Roberto liga pra mim. Eu disse pra ele: “desculpe que eu não falo bem
59	Inglês”, ele disse “você fala bem. Você fala melhor que muitos americanos”. Eu
60	aprendi com meu pai e com a minha mãe. Aprendi a escrever e a ler um
61	pouquinho também. [...]

A questão da veracidade das afirmações desse informante não é o que mais importa, mas sim a questão da verossimilhança, ou seja, daquilo que faz perceber uma vontade de se aproximar e de se assemelhar da cultura mais valorizada. Essa vontade de se colocar próximo à cultura mais valorizada que chama a atenção. Pode-se supor que isso seja um fator cultural herdado dos ferroviários mais antigos e mais próximos da cultura dos norte-americanos que dominaram o centro cultural de Porto Velho nos primórdios de seu surgimento.

Nas narrativas dos seringueiros, tomando-se o destemor como um valor a ser especialmente destacado em seus relatos e associando ao que Lima (2009, p. 7) afirma sobre a ousadia dos primeiros moradores da cidade para enfrentarem os norte-americanos, logo se pode associar ao que aparece na narrativa do Informante B (l. 40), que realça o destemor de sua família. De fato, esse elemento parece ter sido de grande importância para os que migraram de outros lugares e tiveram de enfrentar situações inusitadas que a realidade lhes oferecia na Amazônia. Seguindo com as suposições, a partir do que apresenta Lima (2009, p. 7), os seringueiros podem ser vistos, desde os primeiros momentos da formação de Porto Velho, como colocados à margem da área central da cidade, por isso, esse valor destacado poderia ter sido fundamental para mantê-los perseverantes e unidos em torno da determinação de continuarem a ocupar espaço na cidade apesar de serem rechaçados. Além de permanecerem irredutíveis ocupando terras que não eram suas, mas que eram reclamadas pelas companhias que

controlavam a EFMM, também irredutíveis permaneceram reclamando espaço para sua cultura e visão de mundo, apesar de serem colocados à margem da cultura central.

Pode-se pensar então na constituição cultural da cidade de Porto Velho subdividida entre esses dois principais grupos durante quase a metade de tempo de sua existência[76]. Esses segmentos da sociedade portovelhense, pelo que essas considerações permitem supor, durante muitos anos permanecem mirando-se sob esse olhar separatista. Os primeiros ferroviários e as gerações seguintes continuaram a permanecer como ocupantes das áreas mais centrais; e os seringueiros, como também as famílias que se originaram de alguma forma em consequência dos fluxos migratórios ocasionados por causa dos trabalhos com o corte da seringa amazônica, permaneceram ocupando os arredores da cidade e a cultura central.

Com a chegada dos anos de 1980 e o crescimento dos garimpos, a cidade passa a viver com outro segmento social que acaba se tornando mais indesejável que os seringueiros. Conforme se observou no caso das narrativas dos garimpeiros, há valores da cidade que podem ser apontados por meio desses relatos, são eles a obediência às leis civis, o recato, o domínio dos vícios, o refreamento da ganância, a segurança coletiva, o cuidado com o ambiente urbano. Percebe-se que se trata de valores que enfocam a segurança e a manutenção da ordem na cidade; enquanto que para os garimpos foram destacados a tolerância aos modos de vida recriminados na cidade, a liberdade e expansividade comportamental, a ambição e os esforços pelo enriquecimento, a defesa pela manutenção e sobrevivência dos garimpos.

Pelo que se pode observar, a vida nos garimpos acontece em contra posição à vida na cidade. O espaço dos garimpos acolhe o que não tem lugar na cidade. O que é expurgado no espaço urbano pode se acomodar nesse espaço. Uma suposição que se apresenta nesse estudo, difícil de poder comprovar com exatidão, mas apreensível pela narrativa do Informante H (l. 64-65) é que muitas pessoas consideradas na cidade segundo os padrões de valores nela vigente, nos garimpos sentiam-se como licenciados para negar tais valores e assumirem os costumes dos garimpos.

[76] Atualmente, a cidade ainda não tem cem anos, e outro fluxo migratório de grande impacto, não ligado diretamente aos segmentos de seringueiros e ferroviários, somente passa a acontecer com os garimpos de ouro, no início dos anos de 1980.

4.3 Considerações Finais e Recomendações

O objeto deste estudo, definido desde o início desta dissertação, é a constituição sociocultural dos portovelhenses. E o objetivo geral a verificação de aspectos que possam ser apontados na cultura de Porto Velho como resultantes das influências de suas relações com as culturas de seringueiros, ferroviários e garimpeiros. Sobre isso, conforme se procurou demonstrar, as influências da cultura dos ferroviários é a que mais aparentemente se destaca. Ela pode ser avistada facilmente por meio de monumentos diversos que as manifestam com os símbolos mais significativos entre os elementos da cultura geral da cidade.

Essa forma de cultura que se liga diretamente aos eventos de fundação da cidade, de certa forma, assumiu o lugar de cultura dominante que nos primórdios de Porto Velho pertenciam aos norte-americanos responsáveis pela construção da EFMM. Conforme passam os tempos, mais ela se torna representativa da cultura global de Porto Velho, porque a simbologia representativa da identidade cultural da cidade vai se tornando mais marcadamente o patrimônio da EFMM, com isso, a cultura dos ferroviários também ganha mais preeminência representativa perante as outras culturas que também pertencem à composição sociocultural portovelhense.

De acordo com Lima (2009, p. 7), nos primórdios da cidade, os funcionários da EFMM tinham direitos a ocupar os espaços da cidade e uma posição cultural dominante. Neste estudo, apresenta-se como proposição que a cultura dos ferroviários, através dos tempos, continuou agindo de forma parecida ao que poderia ter sido a atitude dos norte-americanos em relação aos primeiros moradores da cidade não ligados à Ferrovia. Segundo essa forma de ver, ela tem tido a tendência de negar espaço a culturas marginais que possam desfigurar a feição de uma identidade construída por meio de sua simbologia.

A cultura dos seringueiros, pela trajetória de sofrimentos suportados na Amazônia com os trabalhos de coleta do látex da seringueira, trazem como fatores influentes à formação cultural de Porto Velho os valores da ousadia e do destemor. Essa cultura insere na rede institucional de significações valores morais e comportais como, por um lado, o prestígio à verdade, mas, em contrapartida, também a valorização da perspicácia. Contudo, depreender essas coisas de maneira teórica, apesar das complexidades e das dificuldades de levantamento, ainda é apenas uma parte da tarefa,

o importante seria poder destacar empiricamente, poder apontar claramente como isso pode ser verificado em comportamentos que possam ser identificados entre os habitantes de Porto Velho, no entanto, o que os resultados deste estudo demonstram, já é um passo nessa direção.

Quanto às influências da cultura de garimpeiros na cultura portovelhense, segundo também os resultados deste estudo, tendo em vista que os principais movimentos dos garimpos ocorreram em tempos quase recentes seus rastros podem ser percebidos em muitas formas de liberalidades de costumes. Os garimpos trouxeram à cidade muitos problemas sociais, mas também cooperaram para a quebra de atitudes intolerantes e preconceituosas. Porto Velho, segundo se infere por meio da pesquisa aqui demonstrada, passa a ser vista como uma cidade em que pessoas de várias tendências culturais se sentem acolhidas e, talvez, este possa ser visto como um legado dos garimpos em sua confrontação às atitudes intolerantes que a cidade demonstrou para com os garimpeiros.

Os rastros dessas culturas ainda permanecem, embora, em relação aos garimpos, tendo em vista haver poucos registros, tanto nas formas de documentos como de monumentos (FERREIRA NETTO, 2008, p. 18), de sua cultura, parece haver a tendência de acontecer cada vez mais o que diz o Informante H sobre a indiferença das autoridades em relação aos garimpeiros. Talvez, essa indiferença vá se tornando generalizada em relação a essa cultura, e não apenas por parte de autoridades. É provável que a memória coletiva esteja tornando esse segmento social cada vez mais marginalizado em relação ao que deve ser lembrado e ao que deve ser esquecido.

Os ferroviários, vistos neste estudo como continuadores dos legados dos norte-americanos construtores da EFMM e da cidade, têm gozado de maior preeminência na configuração geral do perfil sociocultural portovelhense em relação aos outros dois segmentos sociais. Os principais “monumentos e documentos” institucionais da cidade lembram sua cultura, enquanto que os dois outros segmentos são menos registrados, aí se destacando mais ainda a cultura de garimpeiros, tornando-se, por consequência, menos lembrados na memória coletiva.

Uma suposição acerca de aspectos culturais ligados à EFMM, que foi apontado em outra parte deste estudo e que pode ser interessante retomar neste ponto, é a possibilidade de que a visão de patrimônio simbólico da Estrada possa estar sendo mais enfatizada em detrimento de outra visão tradicional sobre ela, a noção de “ferrovia

maldita”. Se assim ocorre de fato, é provável que esse aspecto passe a ser, cada vez mais, relegado a uma condição marginal no perfil global sociocultural portovelhense.

Semelhantemente, no caso da cultura dos garimpeiros, pode estar ocorrendo algo análogo ao que diz Bellei (2000, p. 149) sobre elementos culturais que passam a ser descartados, porque não são selecionados pela memória coletiva para serem lembrados. Tais elementos passam a figurar em posições cada vez mais marginais na cultura, até serem totalmente esquecidos e não se constituírem mais como elementos de tais culturas.

Conforme se procurou demonstrar neste estudo, portanto, os três segmentos representados pelas narrativas aqui analisadas são detentores de culturas próprias que inserem na rede institucional de significações da sociedade portovelhense seus valores e significados. De acordo com o que apresenta Bruner (2002, p. 43), as crenças e desejos das pessoas acabam por dar forma a “estilos de vida”. A assimilação que as culturas fazem desses estilos de vida produz modos de comportamentos que vão se tornando tradicionais, assim, valores e significados, crenças e desejos, estilos de vida e modos tradicionais de comportamentos são elementos que podem dar visibilidade às culturas, tornando-as perceptíveis mesmo dentro de uma sociedade multicultural como a portovelhense.

Estudos que pudessem dar conta de mapear com maior clareza as culturas com seus elementos próprios e apontar mais claramente aspectos de seus legados na constituição global sociocultural portovelhense necessitaria de observações com outros olhares além deste que este estudo oferece. O que se apresenta aqui, por meio da análise de narrativas seguindo as proposições brunerianas, é o esforço por apontar, dentre os elementos abaixo demonstrados, algumas das crenças e desejos e dos valores e significados que podem ser tomados como legados das culturas de seringueiros, ferroviários e garimpeiros para a cultura global portovelhense. Sobre isso, com base nas análises e nas inferências apresentadas, pode-se delinear como quadro geral o que foi apresentado acima.

Por fim, tendo em vista o que afirma Labov (1997) sobre o estudo com narrativas:

> A discussão da narrativa e de outros eventos da fala no nível do discurso muito raramente permitem-nos provar alguma coisa. É um estudo essencialmente hermenêutico, em que a associação contínua com o discurso,

> tal como ele foi mostrado, alcança a perspectiva do falante e de seu ouvinte, dando curso à transferência da informação e da experiência de uma maneira que aprofunda nossa própria compreensão do que são aproximadamente a linguagem e a vida social (LABOV, 1997, p. 1).

Então, deve-se entender que embora esse tipo de caminho teórico favoreça a obtenção de reflexões interessantes sobre maneiras como se realiza a produção coletiva do significado, parece também que ele apresenta entraves a comprovação de hipóteses com elementos mais concretos, uma vez que remete mais a posicionamentos hermenêuticos do que a averiguações comprováveis segundo metodologias específicas de trabalho.

Mediante as dificuldades pertinentes a esse tipo de estudo, os resultados deste trabalho não podem ser muito mais reveladores do que aqui se apresenta sem que se passe a recorrer a mais suposições e inferências. No entanto, pode ser apontada como uma recomendação deste trabalho justamente a percepção de que os estudos de narrativas por meio das proposições brunereanas necessitam ser acompanhadas por metodologias que possibilitem demonstrar empiricamente outros elementos, tais como influências sociolinguísticas, tipos específicos de comportamentos, tradições culturais como festas ou outros elementos de celebração coletiva, enfim, outros instrumentos que permitam apontar com maior visibilidade formas de influências de culturas que sobrevivam no perfil sociocultural multiculturalista portovelhense.

5. REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Tania Maria. Sociolinguística. Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. Fernanda Mussalin e Anna Cristina Bentes. Cortez: São Paulo, 2001.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. Multiculturalismo na Amazônia: o Singular e o Plural em Reflexões e Ações. Curitiba: CRV, 2009.

AZEVEDO, Adalberto M. M.; DELGADO, Célio C. Mineração, Meio ambiente e Mobilidade Populacional: um levantamento nos estados do Centro-Oeste expandido. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MA_PO30_ Azevedo_texto.pdf> Acesso em: 01 nov 2012.

BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. Cultrix: São Paulo, 1971.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. Monstros, Índios e Canibais: ensaios de crítica literária e cultural. INSULAR: Florianópolis/SC, 2000.

BENJAMIM, Walter. Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume 01. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Pref. Jeanne Marie Gagnebin. Disponível em: <http://gambiarre.files.wordpress.com/2010/10/walter-benjamin-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica-obras-escolhidas-vol-i.pdf> Acesso em: 08 out 2012.

BRUNER, Jerome. Atos de Significação. Trad. Sandra Costa. 2ª reimpressão. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

BRUNER, Jerome. A Construção Narrativa da Realidade. Critical Inquiry. Trad. Waldemar Ferreira Netto. {S.1.}, 8.1, p. 1-21, 1991.

BRUNER, Jerome. Realidade Mental, mundos possíveis. Trad. Marcos A. G. Domingues. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Ministro Gilberto Carvalho Recebe o Arcebispo de Porto Velho e Ouve Relatos sobre Descasos em Santo Antônio e Jirau. Disponível em: < http://web.cnbb.org.br/site/imprensa/noticias/9536-ministro-

gilberto-carvalho-recebe-o-arcebispo-de-porto-velho-e-ouve-relatos-sobre-descasos-em-santo-antonio-e-girau> Acesso em: 02 nov 2012.

FANNON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FEITOZA. C. R. L. A Heterogeneidade Linguística em Porto Velho – uma proposta para o Ensino de língua portuguesa. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/veredasamazonicas/article/viewArticle/280> Acesso em: 03 mar 2013.

FERREIRA, Manuel Rodrigues. A Ferrovia do Diabo. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

FERREIRA NETTO, Waldemar. Tradição Oral e Produção de Narrativas. São Paulo: Paulistana, 2008.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1870. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

GOMES, Marcelo Bolshaw. Estrutura Narrativa e Metacomunicação. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao14abril2012/estruturanarrativa.pdf> Acesso em: 05 out 2012.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia.** São Paulo: Marco Zero, 1994.

GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA. História de Rondônia. Org. Prof. Silvio Melo. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/59433140/Apostila-de-Historia-de-Rondonia-Modular> Acesso em: 30 out 2012.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da silva e Guacira Lopes Louro. 6ª ed. DP&A: Rio de Janeiro, 2001.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LABOV, William. Alguns Passos Iniciais na Análise da Narrativa. Disponível em: <http://www.cipedya.com.br> Acessado em: 22 set. 2010.

LIMA, Abnael Machado de. Santo Antônio, a Fenix do rio Madeira. Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=55586> Acesso em: 02 out 2012.

LINTON, Ralph. O Homem: uma introdução à antropologia. Trad. Lavínia Vilela. 11ª ed. Martins Fontes Editora LTDA: São Paulo, 1981.

MENGHI, R. W. VEGINI, V. Marcadores de Transição entre Tradição Oral e Tradição Escrita em Narrativas Orais. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/propesq/article/viewFile/406/442> Acesso em: 29 set. 2012.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Apontamentos para o Estudo da Narrativa. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/4173/391> Acesso em: 22 set 2012.

NASCIMENTO, Maria das Graças. Migrações Nordestinas para a Amazônia. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente, vol. II, nº 12, 1998. Disponível em: <http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/12mariadasgracasnascimento_migracoesnordestinasparaamazonia.pdf> Acesso em: 30 out 2012.

OTT, A.M.T.; MAIA, D. S.; SIENA, F. I. ABREU, R. S. de. “Bebê com Corpo de Peixe Nasceu em Porto Velho”. As notícias de jornal sobre os vinte anos de pesquisa em mercúrio no rio Madeira. Disponível em: <ttps://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:d9eFW_hlgJ:www.geobrasiliensis.org.> Acesso em: 01 nov 2012.

PROPP, Vladimir I. Morfologia do Conto Maravilhoso. Editora Compymarket.com: 2001. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/6835700/Vladimir-I-Propp-Forense-Universitaria-MORFOLOGIA-DO-CONTO-MARAVILHOSO> acesso em: 21 set 2012.

RELATÓRIO DO IMPACTO AMBIENTAL. Disponível em: <http://www.santoantonioenergia.com.br/upload/portal_mesa/pt/usina_santo_antonio/licenciamento/RIMA%20-%20Relat%C3%B3rio%20de%20Impacto%20Ambiental.pdf> acesso em: 20 out 2012.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTO ANTONIO ENERGIA. Pesquisa de Monitoramento do Crescimento da População de Porto Velho – 5ª etapa. Porto Velho, 2011.

SANTOS, Gabriel Rosa dos. MOTHÉ, Cheila Gonçalves. Prospecção e Perspectivas da Borracha Natural, Hevea Brasiliensis. Disponível em: <http://www.revistaanalytica.com.br/ed_anteriores/26/art01.pdf> Acesso em: 30 out 2012.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus/AM: Valer, 2009.

VIEIRA, André Guirland. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n3/7845.pdf> Acesso em: 04 out 2012.